



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

MAYRA IZAURA DE MOURA

NO CAMPO DE JOGO DA MEMÓRIA:

As representações sociais do futebol na crônica esportiva em Teresina (1971-1975)

TERESINA
2016

MAYRA IZAURA DE MOURA

NO CAMPO DE JOGO DA MEMÓRIA:

As representações sociais do futebol na crônica esportiva em Teresina (1971-1975)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento

TERESINA
2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

M929c Moura, Mayra Izaura de.
No campo de jogo da memória: as representações sociais do
futebol na crônica esportiva em Teresina (1971-1975) / Mayra
Izaura de Moura. – 2016.
114 f.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) –
Universidade Federal do Piauí, 2016.
Orientação: Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento.

1. Futebol - História. 2. Imprensa. 3. Crônica Esportiva. 4.
Memória. II. Título.

CDD 796.09

MAYRA IZAURA DE MOURA

NO CAMPO DE JOGO DA MEMÓRIA:

As representações sociais do futebol na crônica esportiva em Teresina (1971-1975)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Francisco Alcides do Nascimento (Orientador)
Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr Antonio Paulo Rezende (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dra Cláudia Cristina da Silva Fontineles (Examinador Interno)
Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Manoel Ricardo Arraes (Suplente)
Universidade Federal do Piauí

Teresina – PI
2016

Ao Sr.Manoel Edimar, papai, pelas suas histórias
de futebol cheias de debates inflamados e afeto.

A história do futebol não pode ser dissociada da história geral das civilizações.

Hilário Franco Júnior

AGRADECIMENTOS

Eu tenho muitos sonhos. E mesmo que eu mude, mesmo que eu coloque um pouco mais os pés no chão, não acredito que o vício de enxergar o futuro com expectativa vá sair de mim. Mas isso não diz tudo sobre mim. Muito porque, quando entrei no mestrado, há pouco mais de dois anos, eu descobri que esses muitos sonhos não são apenas reflexos de mim ou perspectivas que eu vivo tentando controlar - esses sonhos são, acima de tudo, planejamento.

Nesse processo, eu descobri que os sonhos podem ser uma forma de se organizar, mental e emocionalmente, para os dias, os meses, os anos e as décadas que virão. Eu descobri que os sonhos são um jeito diferente de pensar na próxima viagem, em filhos, no cardápio de terça-feira ou na próxima sessão de cinema. E assim, de repente, eu percebi que ter muitos sonhos realmente diz muito pouco sobre mim. Porque quando você reconstrói a noção do que significa sonhar - e transforma tudo o que você quer em projeto -, e se permite viver lutando e lutando e lutando para que os projetos se concretizem, vale muito mais a pena estar vivo, vale muito mais a pena fazer parte desse planeta.

Na construção diária dos meus sonhos, encontrei muitos braços abertos e que me abraçaram. Dentre esses abraços, estive, em especial, o do Professor Dr. Francisco Alcides. O caminho foi longo, houve muito aprendizado, obstáculos e vitórias, a sua presença, professor, é inspiração: tenho imenso carinho, admiração e gratidão. Estendo esse agradecimento especial à Professora Dra. Cláudia Cristina Fontineles, exemplo de compromisso com a ‘coisa pública’, que sempre me ouviu, sempre esteve aberta para me apoiar em qualquer escolha, sempre acreditou no meu potencial e sempre me incentivou.

O abraço da coordenação do Programa de Pós- Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí também foi de extrema importância. Professor Dr. Francisco Nascimento, obrigada pelo seu exemplo de educação e trabalho, sou muito grata por toda a sua disponibilidade e pelas oportunidades que o programa me proporcionou. À Dona Eliete e à Rairana, registro o meu enorme afeto, vocês são - o braço e o abraço – forte. Agradeço pela amizade e por toda a ajuda a mim dispensada.

Há dezessete anos, me falta um abraço. O que não se esquece se fragmenta, se assimila e (se) transforma e hoje, acomodo a saudade no peito e sigo. Várias vezes do dia olho ao redor e lembro como a minha mãe, a Dona Maria do Socorro, gostaria de estar aqui, presente, ou de como ficaria feliz e orgulhosa em saber que eu construo os meus sonhos diariamente. De alguma forma, ela está certamente comigo: seja no colorido das nossas fotografias de

carnaval, nas lembranças da minha infância com ela, passeando pelo centro histórico de Teresina ou na presença feminina de tantas mulheres que me adotaram nesse caminho. A minha mãe também está na presença do meu pai e do meu irmão, juntos, assistindo uma partida de futebol, como sempre, acompanhando uma das coisas que - depois dela - sempre foi o elo mais forte entre nós três.

Nessa jornada, agradeço ainda, ao que é definitivo, pois das coisas permanentes da vida, talvez não haja nada mais violentamente sincero do que o amor do meu pai por mim e pelo meu irmão. É algo que invade a percepção de si mesmo, a incoerência entre se sentir único e, ao mesmo tempo, preenchido por uma compatibilidade de pele, músculo e afeto puro. O Sr. Manoel Edimar, meu pai, é o que eu sou, temos o mesmo gênio, os mesmos gostos: por Beatles, futebol, café e pelos anos 70. Ensinou-me o tempo das coisas, a ser paciente, a ter mais gratidão, pois me dá tudo sem querer nada em troca. Aprendi com ele que as coisas nunca são como nós queremos e quando queremos, mas quando a gente se propõe, espera e está no lugar certo, na hora certa e pode provar do mais doce e puro dos sentimentos. É uma incomparável e inexplicavelmente louca união que atravessa a nossa própria noção do que isso significa.

Da experiência de construir sonhos diários em conjunto, agradeço ao Mendel, o meu irmão. Eu, primeiro registro a vivência curiosa de irmãos tão diferentes e tão invariavelmente conectados, vejo o tempo passar e o vejo transformar-se e me mostrar, dia após dia, que a nossa relação tem a marca do que é eterno; porque é mais que uma conexão que corre o risco de se esvaír. É força de sangue, de amizade profunda, que me preenche e me completa, me faz ser quem eu sou de verdade e ter coragem de construir meus sonhos de domingo a domingo.

O caminho também foi de desesperos da madrugada e de alívios intermitentes. Algumas horas beiraram o insuportável, mas teve o respiro. O respiro no caos da rotina tem nome – Ricardo – ele foi o meu oxigênio, o meu braço e o abraço nesses dois anos. Cada casal tem sua singularidade e nós temos várias, de cada um e do todo. Posso conhecer o mundo inteiro com o Ricardo, mas nenhuma viagem será mais apaixonada quanto a que tenho no seu coração e essência. Há mais de dois anos dei início a uma viagem que não sei exatamente sobre ponto de chegada, mas descobri essencialmente que o importante é a partida. Espero que mais novos mundos continuem se abrindo a nossa volta. Se você rema, eu remo, e não sinto vontade de parar.

Talvez pela intensidade dos desejos que temos e que assumem a aura de possibilidades é que o “novo” torna-se tão repleto de expectativas. Tenho todos os desejos do mundo no meu coração. E trago em cada sonho a esperança de dias melhores. Esperança de ter força para

conquistar, ter garra para me superar e melhor que isso, a paz que todo espírito de boa fé merece. Seguir nessa perspectiva, só foi possível, porque tenho muitos amigos. Dentre eles, os meus companheiros de Mestrado. Constituímos uma relação rotineira, mas tão leve. São pessoas as quais agrego ao currículo da vida.

Aos amigos que compartilham comigo a vida, saúdo, agradeço e celebro a ideia magnífica que é a amizade.

Ninguém faz gol sozinho. Gratidão.

RESUMO

A presente dissertação tem como objeto central o Futebol piauiense na primeira metade da década de 1970, utiliza-se como fontes as crônicas esportivas produzidas em Teresina durante esse período, sobretudo as crônicas publicadas no jornal O Dia entre 1971 a 1975 e no Jornal do Piauí de 1971 a 1973. São analisadas as crônicas de Carlos Said e Deusdeth Nunes e os seus perfis enquanto cronistas esportivos. Através de entrevistas em História Oral mostra-se as suas trajetórias de vida e os seus traços biográficos, que reforçam a discussão de como esses sujeitos participaram do processo de especialização da crônica esportiva durante esse recorte da década estudada. Nos anos 70, o futebol brasileiro passa a ganhar maior atenção. Diante das transformações sociais dessa década que vivia sob uma supressão de direitos, as práticas esportivas, principalmente o futebol, foi utilizado como dispositivo de controle e de promoção para a projeção da imagem do “país do futebol”. No Piauí o futebol tem uma participação efetiva no projeto do governo de Alberto Silva durante o período em estudo. Dessa forma, a crônica esportiva, - com uma abordagem humorística e crítica – funciona como eixo condutor para a relação entre futebol e a imprensa. Nos capítulos que compõem este trabalho empenhou-se em estudar a prática discursiva da imprensa e as representações produzidas através dos discursos jornalísticos e da intervenção do poder público sob os espaços dessa prática esportiva. Nesse sentido, discute-se a relação entre o futebol e a imprensa teresinense e as relações tecidas pelo futebol na cidade no âmbito das representações sociais.

Palavras – chave: História. Futebol. Imprensa. Crônica Esportiva. Memória

ABSTRACT

This work has as its central purpose the Teresina football in the first half of the 1970s, with the analysis of chronic sports produced in Teresina during this decade, especially chronic published in the newspaper O Dia between 1970-1975 and 1973 Piauí Journal to 1975 the chronicles of Carlos Said and Deusdeth Nunes and their profiles as chroniclers are analyzed. Through interviews Oral History shows that the life trajectories and biographical traits of the chroniclers, introducing the discussion of how these subjects participated in the sports chronicle of specialization process during this decade. In the 70s, the Brazilian football starts to gain more attention, the social transformations of that decade living under a suppression of rights, sporting activities, especially football, was used as a control device and promotion for the projection of the country's holder image football, as well as effective participation in the government's project Alberto Silva during the study period. Thus, the sport chronic studied in this work functions as a driving force for the interpretation of the social aspects of football with a humorous and critical approach of the relationship between football and the media, thus analyzes the discursive practice and representation of football. In the chapters that make up this work endeavored to study the representations produced by the journalistic discourse, the intervention of government and the spaces this sport. In this sense, it discusses: the relationship between football and Teresina press; the relationship between football and the city.

Key - words: History. Soccer. Press. Chronicle Sports. Memory.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Lançamento da pedra fundamental do Albertão, 13 de março de 1972.....35
- Figura 2:** Albertão – A obra do século. Jornal do Piauí, 24 de agosto de 1973.....57
- Figura 3:** Inauguração da primeira etapa da construção do Estádio Albertão. 26 de março de 1973. Acervo do Arquivo Público do Estado do Piauí..... 43
- Figura 4:** O time riverino na sua formação de 1973 em jogo para o Torneio Seletivo. 13 de maio de 1973.....46
- Figura 5:** Tiradentes, em 1973. Acervo Pessoal de Deusdeth Nunes..... 47
- Figura 6:** Deusdeth Nunes e Carlos Said no campo do Estádio Lindolfo Monteiro. Amistoso entre radialistas na década de 1970..... 54
- Figura 7:** Carlos Said fazendo o comentário pós –jogo do Campeonato Piauiense de 1972 58
- Figura.8:** Carlos Said em atuação como goleiro do River Atlético Clube em 1946.....61
- Figura 9:** Deusdeth Nunes como repórter de campo em 1973.....64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O ESPORTE COMO PRODUTOR DE SOCIABILIDADES E DISPUTAS EM TERESINA.....	20
2.1 As relações entre o futebol e a imprensa teresinense.....	23
2.2 Impressões sobre o Novo: o futebol como instrumento do discurso de modernização ..	27
2.3 O cotidiano de Teresina nas entrelinhas da crônica esportiva	38
3 ENTRE MEMÓRIAS: CARLOS SAID E DESDETH NUNES NO CAMPO DE JOGO	55
3.1 Pelas palavras, sons e imagens : memórias de vida e da profissão	56
3.2 <i>Carlos Said</i> : trajetória(s) do Magro-de - Aço.....	59
3.3 <i>O Garrincha</i> :relato(s) de Deusdeth Nunes dos Santos	65
3.4 Na oficina do historiador: caminho(s) metodológicos e conclusões.....	68
4 ESCREVER E REPRESENTAR O JOGO	71
4.1 Dos gramados aos jornais	73
4.2 A especialização da crônica esportiva em Teresina.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS	100

1. INTRODUÇÃO

O futebol passou por diversas transformações nos primeiros anos da década de 1970. O esporte refletiu a ideologia do governo militar¹ através de muitos dispositivos de controle, dentre esses, a associação da política de Médici ao futebol para a regulamentação das práticas esportivas durante esse período.² Houve a construção da memória nacional em torno da conquista da Copa de 1970, tornando o futebol como um dispositivo de afirmação do que é “ser brasileiro”³ e ainda, constituindo o imaginário em torno do futebol- arte⁴, esse imaginário de certa forma romantizou a prática do futebol durante esse período, tornando pouco divulgadas as ações de militarização aplicadas na rotina de treinamentos do futebol em 70⁵.

Outro aspecto em torno do futebol na década de setenta, encontra-se na construção de mais de trinta estádios com capacidade superior a quarenta mil pessoas. Essas ações do governo militar, no momento de enrijecimento desse governo, não refletem somente nos grandes centros, mas também nos estados mais afastados, como foi o caso do Piauí, com a construção do estádio Albertão. No bojo dessas novas configurações sociais em torno do esporte no Brasil, o futebol piauiense tornou-se agente dessas novas configurações que se torna possível perceber nos discursos sobre o “novo,” que representava mudanças na estrutura política, social e cultural no país, neste cenário que o futebol ensejou novas práticas: como a

¹No contexto da ditadura militar, o esporte ganha projeção no Brasil, em uma época de violência e repressão política sancionada pelo Estado. Com efeito, as transformações sociais em curso nestes anos relacionam-se às alterações no campo da cultura, do comportamento e da arte, que viviam sob o signo da ditadura civil-militar. O país vivia a década do “milagre econômico”, dos *slogans* ufanistas (“Brasil: ame-o ou deixe-o!”), da copa do mundo e de novas influências culturais. Cf. FERREIRA, João Fernando P. *A Copa de 70, o governo Médici e a construção do Morenã*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011. Acesso em 12 de maio de 2015.

² Em maio de 1969 foi estabelecido convênio entre o então CNRH – IPEA, órgão do Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, em convênio com a Divisão de Educação Física (DAF) do Ministério da Educação e Cultura para a elaboração do Diagnóstico da Educação Física e dos Desportos no Brasil. O diagnóstico é obra paradigmática da crença do regime militar no poder das técnicas de planejamento centralizado, pelo qual a necessidade de se conhecer a realidade frente às condições do setor esportivo de então se mostravam vitais a qualquer esforço de ação racional e estruturada, segundo os “cânones das modernas ciências administrativas”, para a promoção de seu desenvolvimento. Cf. BUENO, Luciano. *Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento*. FGV. São Paulo, 2008, p. 133.

³Ibid, 2011, p. 03.

⁴Sobre futebol-arte ver HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do País do Futebol*. RJ: Mauad, 2001.

⁵A imagem construída nos jornais e na TV em torno da conquista de 1970 obscurece uma série de fatores, sobretudo o caráter militarizado da seleção, cristalizando apenas o aspecto “mítico” e heróico da vitória brasileira. Para os militares, o sucesso da seleção refletiria o período do milagre econômico no qual vivia a economia brasileira. Cf. FERREIRA, João Fernando P. *A Copa de 70, o governo Médici e a construção do Morenã*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011. Acesso em 12 de maio de 2015.

elaboração de novos códigos culturais, do consumo e da projeção do estado em uma época de intensa profusão do novo.⁶

Esse trabalho se propõe a analisar o Futebol de Teresina na primeira metade da década de 1970, com base em uma parte da extensa produção da crônica esportiva teresinense desse período. Os cronistas em destaque nessa discussão são: Deusdeth Nunes, O Garrincha; e o Magro-de-aço, Carlos Said. Dois dos cronistas que trabalharam frente à imprensa esportiva de Teresina em 1970. Deusdeth Nunes e Carlos Said fizeram carreira nos periódicos: *Jornal O Dia*⁷, *Jornal do Piauí*⁸ nas colunas: *Um prego na Chuteira e Bate Bola* como também colaboraram dentro do radiojornalismo esportivo atuando nas rádios: Difusora⁹, Rádio Clube¹⁰ e na Rádio Piorneira¹¹ e em programas como: *Um prego na Chuteira*¹², *A voz do Esporte*¹³ e *Tardes Esportivas*¹⁴.

Dado o volume da produção esportiva desses cronistas, que é extensa - afinal, são crônicas diárias elaboradas em dez anos de trabalho -, tivemos que optar por um recorte cronológico que situa um período, que entende-se como o da especialização da crônica esportiva teresinense. Nesse sentido, nossas fontes principais são as crônicas compreendidas entre janeiro de 1971 a dezembro de 1975 e de março de 1971 a dezembro de 1973, publicadas diariamente nos jornais *O Dia* e no *Jornal do Piauí*. É preciso situar aqui, que devido à estréia da coluna *Um prego na chuteira* em fevereiro de 1964, no *Jornal O Dia*, utilizamos algumas crônicas de Deusdeth Nunes produzidas nesse período.

As crônicas traziam uma interpretação dos aspectos sociais do futebol com uma abordagem humorística e crítica. Nesse sentido, tem-se a crônica como objeto que ganha espaço nos jornais e o futebol é evidenciado através das narrativas jornalísticas que traziam

⁶ BRANDÃO, Laura Lene. *Juventudes em trânsito Práticas juvenis, espacialidades e corporalidades em Teresina na década de 1970*. Teresina, 2015.

⁷O jornal *O Dia* foi fundado em 1º de fevereiro de 1951, pelo empresário Raimundo Leão Monteiro. No ano de 1964 foi comprado por Octávio Miranda.

⁸ O *Jornal do Piauí* trazia em seus periódicos durante a década de 1970 discursos sobre a construção de um “novo Piauí” ressaltando os projetos de modernização empreendidos pelo governo estadual e municipal. Era localizada no primeiro andar do Edifício Freitas, na Rua barroso, Centro de Teresina.

⁹ A Rádio Difusora de Teresina foi fundada em 13 de julho de 1946, mas só chegou ao ar em 18 de julho de 1948. No primeiro ano de funcionamento, a rádio operou em ondas largas, ZYQ-3. A primeira emissão desta estação foi na frequência de 1.370 Kc/s e na potência de 1KW, e posteriormente foi elevada para 10KW. Em 5 de junho de 1949 a emissora passou a operar em ondas curtas, ZYU-8.

¹⁰ A Rádio Clube entrou no ar no dia 31 de janeiro de 1960.

¹¹ Emissora foi criada pela Arquidiocese de Teresina em 8 de setembro de 1962 sob a coordenação do Arcebispo de Teresina: Dom Avelar.

¹² Programa de Deusdeth Nunes iniciado em 1963 na programação da Rádio Clube.

¹³Primeiro programa apresentado por Carlos Said na rádio Difusora. O espaço destinado para a atração era de cinco minutos. Carlos Said não possuía uma equipe, realizava todas as funções do programa.

¹⁴ Nos anos 50, Carlos Said estruturou o Departamento Esportivo da Rádio Difusora e assumiu a sua chefia. A partir deste momento, a emissora passou a reservar um horário, denominado *Tardes Esportivas* para a divulgação do esporte.

coberturas dos jogos de campeonatos locais, regionais e nacionais, imagens e ídolos, que tinham o intuito de construir uma tradição sobre o esporte. Assim, o eixo da relação entre o futebol e a imprensa é a crônica esportiva. Entre os elementos de constituição dessa relação está: o futebol tido por um viés jornalístico.

A investigação sobre os jornais permitiu-nos através do entrecruzamento das suas linhas editoriais, com a crônica esportiva produzida, conhecer e refletir sobre os perfis desses cronistas, como também a análise histórica das séries elaboradas por eles. No princípio do desenvolvimento dessa pesquisa, tínhamos como fonte apenas a produção de Deusdeth Nunes no Jornal O Dia. Entretanto, através da análise do Jornal do Piauí, deparou-se com um material amplo, pois a coluna *Bate Bola* assinada por Carlos Said, possuía uma extensa produção frente à crônica esportiva de Teresina.

O estudo dos jornais e crônicas esportivas locais iniciou-se em 2011, quando foi realizada a pesquisa de catalogação e produção de um livro sobre o River Atlético Clube¹⁵, possibilitada pelo clube de futebol da capital teresinense.¹⁶ O problema central que norteava aquela pesquisa era catalogar as notícias vinculadas pelos jornais teresinenses sobre o time. Portanto, não houve uma problematização dessas fontes. Salientamos, então, que já existia uma catalogação das fontes, mas não se tinha uma produção textual finalizada sobre elas.

O recorte temporal em que se insere esse trabalho foca nos primeiros anos da década de 1970. Apesar de apresentarmos 1971 a 1975 como nosso corte temporal, esse período foi recuado segundo questões inerentes ao objeto de análise, uma das colunas estudada coincidiu o ano da sua inserção no Jornal O Dia com o do golpe militar (1964) e por esse fator, essas crônicas foram incorporadas a análise. Elas ganharam um caráter mais cauteloso, os cronistas direcionavam o seu trabalho para o dia-a-dia do futebol da capital teresinense e para acontecimentos engraçados, curiosos ou pouco críveis, ausentes de uma posição política mais direta. Já que a data limite para essa abordagem compreendia toda a década de 1970, o recorte foi pensado para definir esses perfis e para o entendimento do futebol em Teresina nesse período, tendo em vista todos os desdobramentos do futebol brasileiro e piauiense durante essa década. Nesse sentido, o redefinimos para 1971 a 1975 seguindo a seleção temporal dos acontecimentos desse período.

¹⁵ A pesquisa direcionou-se ao livro *Fatos e fotos de um campeão de autoria de José Alves Nunes* lançado em 2013

¹⁶ Durante os anos de 2011 e 2012, fiz a catalogação de matérias nesses periódicos para uma pesquisa sobre o River Atlético Clube, de Teresina-PI, teve como recorte temporal os anos de 1960 a 2012. Foram utilizados os jornais: O Dia, O Jornal do Piauí, Diário do Povo, O Estado e O Jornal Meio Norte, orientada pelo ex-dirigente riverino José Alves Nunes.

É impossível olvidar-se da crônica esportiva relacionando com a História e a Imprensa. A imprensa foi agente importante para popularização do futebol em Teresina. Especificamente ao que refere-se à crônica esportiva, ela é a mola mestra da relação entre futebol e imprensa.¹⁷

Os elementos de constituição na relação entre futebol e imprensa, o encargo é duplo, pois em relação ao futebol existe o termo do problema enquanto jornalismo e enquanto gênero literário, o que interessa para a imprensa, é descrever e representar a sociedade. Quanto à crônica esportiva, o que interessa é descrever e representar o jogo. Assim, as diretrizes variam de duas formas: quanto ao texto jornalístico (se é uma crônica, um ensaio, telegrama, ou anúncio) e quanto ao periódico que veicula os discursos.¹⁸

Nessa relação está o vínculo da crônica e dos cronistas ao jornal e que permitiu o aparecimento de colunas especializadas pela variedade de formas e temas por elas assumidos. Definiu-se um perfil para a crônica e, nesse caso, para a especialização da crônica esportiva. Nesse sentido, toma-se como objeto a crônica esportiva para entender os procedimentos e o processo histórico da relação futebol e imprensa¹⁹, em seu processo de especialização em Teresina na primeira metade da década de 1970. As fontes que deram suporte a essa abordagem são dos jornais O Dia e do Jornal do Piauí.

Com intuito de responder às questões propostas, fez-se uso de um conjunto de crônicas esportivas publicadas no jornal O Dia e no Jornal do Piauí entre 1971 e 1975 e algumas crônicas produzidas por Deusdeth Nunes em 1964. Essas crônicas tomaram lugar de destaque não só pela quantidade elevada de textos, mas também porque permitiram a abordagem de uma série de temáticas relacionadas não apenas à história do futebol, mas também à própria história de Teresina.

Para entendermos a forma como Deusdeth Nunes e Carlos Said elaboraram seus temas e abordagens sobre o futebol, foi fundamental entender o perfil biográfico desses cronistas. Através da metodologia da História Oral realizamos entrevistas com os dois cronistas em que se buscou os aspectos da vida pessoal e profissional, no que toca aspectos relativos ao cronista

¹⁷ MAIA NETO, V. M.. Futebol, Imprensa e cidade: o processo de especialização da crônica esportiva em Fortaleza (1921-1930). Fortaleza, 2014.

¹⁸Ibid, 2014.p.78

¹⁹Enquanto prática cultural, o futebol circulou pela sociedade relacionando-se culturalmente entre grupos diferentes. Percebe-se, assim, como as diversas formas culturais desse período foram produzidas, manipuladas e apropriadas pelos setores sociais através de significados, práticas e usos diversos. As representações produzidas pela imprensa esportiva em Teresina nos permitem conhecer mais sobre a história da capital frente às transformações da primeira metade da década de 1970, que construiu novos referenciais identitários, devido ao processo de modernização da capital no período estudado.

na construção de séries temáticas ao longo das suas trajetórias²⁰ importantes para a construção da memória dos grupos que vivenciaram o futebol na capital. Construída socialmente e individualmente, a memória está relacionada mantém com a memória coletiva e individual uma ligação de espaço e temporalidade. A memória é a base construtora da identidade e torna-se inseparável da vivência da temporalidade²¹

No que se refere às possibilidades de interlocução teóricas, algumas abordagens ofereceram maior contribuição para a realização deste trabalho, destacando-se os autores Roger Chartier e Michel de Certeau. Chartier possibilita através do seu conceito de “práticas culturais” respostas aos questionamentos frente aos conflitos culturais, pelas categorias de *Apropriações e Representações*. Assim, entende-se como o futebol enquanto prática cultural circulou pela sociedade relacionando-se culturalmente entre grupos diferentes. Percebem-se como as diversas formas culturais desse período foram produzidas, manipuladas e apropriadas pelos diversos setores sociais através de significados, práticas e usos diversos.²² Nesse sentido, essa discussão instrumentalizou e auxiliou a pesquisa para o entendimento das relações tecidas na cidade no âmbito das representações sociais. Ao propor estudar as representações que foram criadas em torno do futebol tem-se como importante referencial analítico entender a formação de uma rede complexa de relações políticas, sociais e econômicas nos espaços dedicados ao futebol. Busca-se ainda mostrar como esses espaços que eram utilizados para a prática do futebol na cidade e vivenciados pelos seus praticantes e espectadores.

Ao analisar os jornais, percebemos que muitas representações foram elaboradas pela imprensa escrita e pelo poder público que buscaram guiar a dinâmica da cidade. São elaborações sobre futebol e a intervenção do poder público dentro do contexto urbano. A crônica esportiva de Teresina foi o suporte para perceber as práticas do futebol, o consumo do esporte na cidade e sobre a dinâmica exercida pelo poder público, estabelecendo embates nas formas de significar e praticar os espaços da cidade e os discursos construídos sobre eles.

Através de Michel de Certeau²³ percebeu-se os espaços de práticas esportivas pelas vivências que esses promoviam aos cidadãos. Por “espaços” tem-se uma compreensão dos estádios e campos da cidade de Teresina como *lugar praticado*²⁴ importantes para a

²⁰CHALHOUB,2005,p.17

²¹Coloca-se a perspectiva da Memória como um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção em si.

²² CHARTIER, Roger. 1995, p.6.

²³ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

²⁴ CERTEAU, Michel, 1994, p. 203.

construção da memória dos grupos que vivenciaram o futebol na capital. Assim, analisando “as maneiras de fazer cotidianas.” Estuda-se os pormenores dentro das experiências humanas: Assim, para o autor, “o cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior [...] É uma história a caminho de nós mesmos. As análises de Michel de Certeau partem de uma hipótese central: como a crônica esportiva imprimia algumas práticas cotidianas em torno do futebol. E essas questões propostas pelo autor ajudaram a leitura das fontes e a compreensão das ações cotidianas do futebol: a apropriação da cidade e consumo dos espaços instrumentalizou o trabalho do ponto de vista teórico e metodológico.

Somando ao aporte teórico supracitado, utilizamos autores que analisaram a imprensa futebol 1970. No que tange à historiografia sobre o tema de esporte e foram utilizados, dentre outros, historiadores e sociólogos: Norbert Elias²⁵, Nicolau Sevcenko²⁶, e Hilário Franco Júnior²⁷, além de Ricardo Lucena²⁸. Na historiografia piauiense utilizou-se os pesquisadores Francisco Alcides do Nascimento²⁹ e Cláudia Cristina da Silva Fontineles³⁰, além de terem

²⁵ São utilizadas as idéias de “inter-relação” de Norbert Elias em vários de seus textos. Elas ajudam a entender que as inter-relações fazem parte de um processo de regulações sociais que vão se sedimentando nas sociedades humanas e a diferenciação de funções é uma questão básica para entendermos essa “pressão vinda desde baixo” e que dilui o poder dos envolvidos numa formação social específica. Para aquele que busca um maior detalhamento sobre esses dois aspectos, vale a pena conferir os textos: “Introdução à sociologia” e “a sociedade dos indivíduos”. Outro aspecto utilizado da obra de Norbert Elias é o papel do esporte na formação das sociedades contemporâneas, através do livro intitulado: “*Memória e sociedade: a busca da excitação*” em que debate os principais aspectos do lazer como espaço de interação e sociabilidade.

²⁶As idéias de Nicolau Sevcenko foram trabalhadas em torno do jogo como uma metáfora do mundo em processo de industrialização do século XIX, associamos essa perspectiva ao contexto estudado nessa dissertação. A invenção dos esportes em fins do século XIX, embora tenha se alimentado dessa tradição [jogos tradicionais de origem cultural popular ou aristocrática], deu origem a coisa completamente diversa. O que caracteriza por excelência essa nova atividade é a pressão dos desempenhos contra o rigor do cronômetro, a circunscrição precisa do espaço da ação, a definição de regras fixas e padrões de arbitragem e sua institucionalização em ligas locais, nacionais e internacionais. Desempenhos medidos na linguagem abstrata dos números, desenvolvidos no espaço abstrato, num tempo padronizado, segundo um andamento meticulosamente normatizado e configurados em uma escala global.

²⁷Através da obra de Hilário Franco Júnior “*A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*” percebe-se o futebol pelas várias metáforas do mundo contemporâneo, incluso o caráter “clânico” da vinculação ao time, a dança, a guerra, a festa, a sacralização do espaço de jogo – assegurado não somente pelas regras, mas também pela proximidade entre o espetáculo e uma celebração religiosa –, a adoração de ídolos, a heráldica do esporte, os dogmas instituídos e as heresias do esporte – na concepção do que pode ou não pode ser feito, para além das regras e do politicamente correto.

²⁸ A obra de Ricardo Lucena “*Futebol e Cidade*” norteou as discussões sobre a prática dos esportes para as pessoas que viviam nas cidades brasileiras, o autor delimitando o entendimento das relações sociais que se estabeleceram em algumas cidades brasileiras a partir de um dado instantâneo em que as condições físicas, políticas e culturais tomaram um rumo específico, com uma concentração populacional cada vez maior, decorrendo de uma crescente inter-relação entre as pessoas e uma conseqüente diferenciação de funções.

²⁹ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Os jornais na construção de representações do Piauí e de Teresina entre 1950 e 1970. In: Francisco Alcides do Nascimento, Maria Lindalva Silva, Rejane Lima Monte (Org.) *Diluir Fronteiras: Interfaces entre História e Imprensa*, 2011; NASCIMENTO, Francisco Alcides Do. *Cajuína Cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970*. Revista Brasileira de História, v. 27, 2007. p. 277.

³⁰ FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na História do Piauí*. 2009.374 f. Tese (doutorado). Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

sido utilizadas dissertações de mestrado correlacionadas ao tema e fruto do trabalho dos grupos de pesquisa da UFPI³¹.

No que se refere à organização do trabalho, este foi estruturado em três capítulos. No primeiro, intitulado “*o futebol como produtor de sociabilidades e disputas em Teresina*” se discute o futebol como envolto em um conjunto de rearranjos durante a primeira metade da década de 1970, a partir da leitura das representações em torno deste esporte na cidade, seus espaços e pessoas vinculadas ao futebol, principalmente a partir da crônica esportiva da primeira metade da década de 1970, que traz elementos em sua produção textual para se pensar determinados aspectos das inter-relações construídas no espaço urbano, sejam eles ideológicos e descrições de práticas urbanas. Tem-se como objetivo pensar a cidade construída pelos discursos e pelas práticas, sublinhando as práticas cotidianas do futebol com vistas a contextualizá-lo no período de modernização da cidade de Teresina empreendida pelo Estado autoritário brasileiro. Assim, estão como eixo às iniciativas das instituições na disciplinarização e projeção do futebol na década de 1970, pelas quais entende-se como o esporte foi alvo de investimento de práticas institucionais. O questionamento inicial se desdobra em vários outros que guiaram a análise desse período: Por que houve uma tematização intensa do futebol na imprensa teresinense e um conjunto de investimentos institucionais sobre ele? É em torno dessas questões e da tentativa de analisar o futebol piauiense do período que esse capítulo se desenvolveu.

No subcapítulo “*As relações entre a imprensa teresinense e o futebol*” mostra-se sobre a importância de entender a crônica esportiva enquanto um objeto cultural, que para além de suas intenções subjetivas, possui intencionalidades institucionais, encargos e diretrizes próprias do editorial do impresso que a carrega.

No segundo subcapítulo “*o futebol como instrumento do discurso de modernização*” discute-se o futebol como agente para a percepção da cidade dos gestores públicos produzida por um conjunto de discursos e práticas que tentavam organizar, dar sentido, e impor o seu

³¹Cf. SANTOS, Maria Lindalva Silva. *A força de um ideal: história e memória da primeira TV piauiense*. 2010. 161f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010; MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. 2010. 235 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010; BRANDÃO, Laura Lene. *Juventudes em trânsito Práticas juvenis, espacialidades e corporalidades em Teresina na década de 1970*. 2015. 200 f.. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí. MONTEIRO, Jaislan Honório. *Arte como experiência: cinema, intertextualidade e produção de sentidos*. 2015.197 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2015. 197f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

consumo adequado. Elencamos o conjunto de alterações físicas realizadas nesses anos e sua relação com os governos militares. Através da imprensa, procuramos evidenciar as tensões e conflitos envoltos na expansão da cidade e no processo autoritário de modernização de Teresina. Para tanto utilizamos um aporte empírico que envolveu memórias, jornais de grande circulação e dados oficiais sobre o período. O cruzamento das fontes revelou representações diferenciadas e contrastantes sobre este processo. Procurou-se analisar os limites da modernização e os discursos sobre a cidade moderna, que considerava novos componentes no modo de viver de uma população mais afeita ao urbano e ao moderno e a também a um convívio nos espaços urbanos que estavam em transformações estruturais em Teresina. Há o crescimento da prática dos esportes e do futebol, atreladas a esses ideais. As análises das crônicas esportivas permitiram montar um cenário sobre as transformações materiais e morais da realidade teresinense, por meio desses discursos de “modernização” do estado e que o futebol entra como instrumento de civilização.

No terceiro subcapítulo: “*O cotidiano de Teresina nas crônicas esportivas*” o centro da discussão são os conjuntos de alterações de ordem econômica, política e estrutural que devem ser pensadas as modificações cotidianas, que envolvem ações menos barulhentas, que emanam de espaços de poder não institucionais. Entende-se o espaço urbano não é somente atravessado por segmentos binários: classes sociais, gêneros, gerações, espacialidades, etc., ele implica também uma função subjetiva. Assim, como suporte teórico para pensar essas questões utiliza-se Michel de Certeau e seus conceitos de *consumo*, *táticas*, *estratégias*, *lugar praticado* e *espaço*. Para esse autor, o espaço realiza-se como lugar praticado quando é vivenciado, transformado, e quando se exercem dinâmicas sobre ele, pois “sob os discursos que a ideologizam, proliferam as astúcias e as combinações de poderes sem identidade, legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional – impossíveis de gerir.”

No capítulo intitulado “*Entre memórias: Carlos Said e Deusdeth Nunes no campo de jogo*” busca-se trazer os aspectos biográficos dos cronistas para esse capítulo. Para tanto se faz necessário a adoção de uma perspectiva de Memória que aqui teve como base a proposta de Halbwachs³² que atribui à mesma as seguintes características: “de atividade natural, espontânea, desinteressada e seletiva, que guarda do passado apenas o que lhe possa ser útil para recriar um elo entre o presente e o passado.” Reforçamos a forma de agir da Memória com a noção que nos presta Jacy Seixas, onde explica que:

³² HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

A memória age ‘tecendo’ fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos, mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como ‘realmente’ aconteceram. Atualizando os passados – reencontrando o vivido ao mesmo tempo no passado e no presente -, a memória recria o real; nesse sentido, é a própria realidade que se forma na (e pela) memória.³³

A concepção de História Oral proposta nesse capítulo é tratada como uma experiência de pesquisa de campo que deve considerar-se produtora de um “discurso dialógico”. Sobre esta forma de discurso, Alessandro Portelli³⁴, definindo como uma relação entre não só o que os entrevistados dizem, mas também pelo que nós fazemos como historiadores. Na noção de Verena Alberti³⁵ a História Oral é vista em sua relação com as novas propostas teóricas e objetivas que estão sendo despertadas no seio da academia. De acordo com a autora:

A História Oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a forma de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade. Nesse sentido, ela está afinada com as novas tendências de pesquisa nas ciências humanas, que reconhecem como múltiplas influências a que estão submetidos os diferentes grupos no mundo globalizado.³⁶

Com a definição de Memória e História Oral podemos agora explicar a forma a partir da qual estruturamos as entrevistas que foram executadas com Carlos Said e Deusdeth Nunes. Foram entrevistas serão temáticas e dialógicas, realizadas de forma presenciais com o auxílio de recursos audiovisuais. Ao mesmo tempo reserva-se atenção para as histórias de vida que contribuíram para traçar os perfis biográficos dos cronistas esportivos estudados.

No capítulo “*A especialização da crônica esportiva na década de 1970*”, “Futebol e imprensa”: a especialização da crônica esportiva em relação com a popularização do futebol. Esta é a hipótese do estudo, pois através dessa perspectiva pretende-se analisar a contribuição da crônica ao desenvolvimento do futebol, questionando qual sua relação com ele, tendo em vista que a prática de interpretação do jogo é diferente da prática do próprio esporte. Argumenta-se os elementos constituintes e funcionais das colunas e páginas esportivas dos dois jornais teresinenses da década de 1970.

³³ SEIXAS, Jaci Alves de. Percursos de Memória em terras de História: problemáticas atuais. In: BRESCIANNI, Maria Stella Martins; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (Res) Sentimentos*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. p.51.

³⁴ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Ética e História Oral. Projeto História*, Revista do Programa Estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, vol. 15, 1997.

³⁵ ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi [Org.] *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

³⁶ ALBERTI, Verena, 2006, p.167

2. O FUTEBOL COMO PRODUTOR DE SOCIABILIDADES E DISPUTAS EM TERESINA NA PRIMEIRA METADE DA DÉCADA DE 1970.

Através das instituições e os lugares da prática do futebol, este capítulo tem o intuito de mostrar como o futebol foi vivenciado na capital teresinense na primeira metade da década de 1970. Assim, a questão que norteia a discussão desse capítulo é a ideia de pensar o futebol como um dos agentes de inúmeras configurações que se tornam possível perceber nos discursos sobre o “novo” que representava mudanças na estrutura política, social e cultural na cidade. A partir da leitura das representações em torno da prática deste esporte na cidade, principalmente a partir da crônica esportiva da década recortada, que traz elementos em sua produção textual para se pensar determinados aspectos de redes sociais e urbanas, como os aspectos ideológicos e/ou descrições de práticas urbanas.

Cruzamos os lugares e as intenções da esfera política e social. A atuação do governador Alberto Silva e dos cronistas esportivos no desenvolvimento do futebol profissional na cidade, através do discurso modernizador do futebol e da cidade, que possuía essencialmente, o futebol de rua, os campos amadores, o estádio Municipal Lindolfo Monteiro como palco dos grandes clássicos, os campeonatos suburbanos, e que, segundo as campanhas governamentais e da imprensa, não mais davam conta do mundo urbano e moderno em confirmação na cidade. O envolvimento com o esporte é tido como "moderno", que em 1970, estava associado às novas modas, ao vestir, ao morar e se comportar de uma maneira específica³⁷.

A cidade, sob esse viés, é entendida tanto como *lugar de sociabilidade*, pois “comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos.”³⁸ Também é compreendida como *lugar de sensibilidade*, como nos lembra o historiador Francisco Alcides do Nascimento quando nos fala que “[...] ao longo de toda a História foi (a cidade) objeto de discursos e imagens que traduziram sensações, expectativas, desejos, medos, sonhos, utopias, razões e sentimento³⁹”. Partindo dessas considerações, podemos observar a cidade como um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano.⁴⁰ Dentro dessa proposta de

³⁷LUCENA, Ricardo de F.. O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro Campinas, SP: [s.n.], 2000.p.11.

³⁸ PESAVENTO, 2007, p. 14

³⁹ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. 2009, p. 08

⁴⁰ A cidade sensível: é uma cidade imaginada construída pelo pensamento e que identifica, classifica e qualifica o traçado, a forma, o volume, as práticas e os atores desse espaço urbano vivido e visível, permitindo que

estudar as cidades e a partir das representações que se constroem nela e sobre ela, isto é, sobre o imaginário⁴¹ produzido, busca-se pensar Teresina através dos discursos produzidos em torno do futebol, como forma de sociabilidade na primeira metade da década de 1970 na capital teresinense.⁴²

Os acontecimentos diante do cotidiano nas cidades levam a florescer as lembranças que constituem o tempo e a memória, onde a dinâmica de relembrar se reporta ao âmbito da vida pública ou privada, sendo a memória parte integrante para a construção cultural do seu espaço social, “referências a certos lugares, descrição de bairros ou de transformações em determinadas áreas são constantes nos relatos memorialistas e textos literários.”⁴³

Assim, crônica esportiva é um dos veículos privilegiados para esse contato com o cotidiano do teresinense, o futebol para o cronista funcionava como um dos elementos centrais da vida urbana.⁴⁴ Vale salientar as inúmeras transformações, que se processam na sociedade brasileira, durante a década de 1970 e que ganham destaque nessas produções. Há produção de muitas matérias de jornais e várias crônicas publicadas nesse período. Para Ricardo Lucena⁴⁵, as crônicas são o retrato de uma época apreendida pela pena sempre atenta de um segmento disposto a intervir no processo de construção da nação. As crônicas são, assim, um momento de proposição que enfoca os acontecimentos do dia-a-dia e que, por isso, mantêm uma relação íntima com o tempo vivido.⁴⁶

O futebol funciona como agente para pensar a história local em uma construção cultural sujeita a variações. Tanto no tempo como no espaço. Analisa-se as crônicas esportivas produzidas na primeira metade da década de 1970, no intuito de registrar os vários sentidos que circulam entre o escrito e as formas de pensamento; e, principalmente, procurando mostrar o que elas revelam, apontam, manifestam, enquanto impressões de uma

enxerguemos, vivamos e apreciamos desta ou daquela forma de realidade tangível. Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas*. Revista Brasileira de História, São Paulo, Vol. 27, nº 53, junho de 2007. p.14.

⁴¹ Esse imaginário, urbano, como todo imaginário trata das representações construídas sobre a realidade, que nesse caso será a cidade.

⁴² Só podemos compreender muitos aspectos do comportamento ou das ações das pessoas individuais se começarmos pelo estudo do tipo de sua interdependência, das estruturas das suas sociedades, em resumo, das configurações que formam uns com os outros.

⁴³ BRESCIANNI, Maria Stella. História e historiografia das cidades: um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: 2007 p. 208.

⁴⁴ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Dos Engenhos de açúcar aos campos de futebol: a crônica esportiva de José Lins do Rêgo In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. M. (orgs.). *História em cousas miúdas*. Capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Unicamp: 2005.p.405

⁴⁵ LUCENA, Ricardo de F.2001, p.14

⁴⁶ Ibid. p.14

época, buscando um entendimento plural e cultural da cidade de Teresina, nos dando a possibilidade de uma leitura histórica da cidade.

Sobre o processo de concepção do futebol nesse período, entende-se como a construção social da prática é necessária para a análise das relações de poder presentes na sociedade e espaços de jogo; outra de criação ideológica, em que se pretende discutir frente às idealizações e projeções sociais em que o futebol se relacionava e era praticado.⁴⁷ Ao analisar os jornais da primeira década de 1970, vê-se como crescente o número de discursos sobre realizações de obras, sobre “o novo”, novas formas de ler o mundo, de se vestir e divertir. Novas práticas culturais montam um cenário com perspectivas modernas em Teresina.

O futebol é relacionado como um aspecto da mudança do padrão social a que o indivíduo é submetido, primeiramente, pela restrição externa, e é reproduzido, mais acentuadamente ou menos, no seu íntimo, através de um autocontrole específico. Por isso, mudanças na forma de passatempo compõem também um quadro de mudanças nas formas de morar, no processo educativo, nas formas de trabalho, nas relações familiares e entre grupos distintos.⁴⁸

Em Teresina, estas ideias político-culturais possibilitam o surgimento de configurações e inter-relações diversas. Assim, essa ideologia contribuía para a construção do sentido do jogo. O pensamento buscava ordenar a ação e a ação se apropriava do pensamento para dar sentido à prática. O pensamento de uma sociedade em transformação em relação ao esporte, a necessidade de um estádio de futebol moderno, a participação em campeonatos nacionais, são pensados dentro da fronteira da tradição e da modernidade, que estavam contidos nos discursos em torno do futebol. Tentou-se trilhar a investigação acerca das metáforas em relação ao futebol como instrumento de modernização contido nas crônicas esportivas de Teresina na década de 1970. Tem-se como cenário a cidade tida como centro de transformações políticas, econômicas e culturais por que passa o e que se refletem em mudanças no comportamento social do período.

“[...] Com a intervenção no tecido urbano, o poder público resolvia dois problemas: embelezava a cidade e afastava as prostitutas da sua área mais visível. O discurso médico-sanitarista orientava a limpar a cidade daqueles lugares perigosos à saúde pública, enquanto setores mais conservadores da Igreja católica festejavam o fim dos lugares de perdição.”⁴⁹

⁴⁷ Segundo Vicente Moreira, o futebol não foi concebido como uma atividade sem função social ou a partir da lógica liberal do trabalho. Na verdade, toda uma pedagogia e ética foram incorporadas ao jogo aparentemente supérfluo.

⁴⁸ LUCENA, Ricardo de F. 2001. p.12

⁴⁹ NASCIMENTO, Francisco Alcides Do. 2007, p.277.

Nos discursos de modernização encontra-se a fundamentação quanto o desenvolvimento urbano e moral. Há a idéia de progresso associado ordenação das pessoas e dos espaços. Nesse entendimento passa a existir, então, perseguição aos prostíbulos, ao sujo, ao velho e ao desordenado. Diante disso, os discursos sobre a cidade moderna parecem considerar novos componentes no modo de viver de uma população mais afeita ao urbano e ao moderno e também a um convívio nos espaços urbanos, que estavam em transformações estruturais em Teresina. Assim, entende-se que há atrelado a esses ideais o crescimento da prática dos esportes e do futebol.

O método predominante nessa produção são as análises das crônicas esportivas, que permitirão montar um cenário sobre as transformações materiais e morais da realidade teresinense, por meio desses discursos de “modernização” na cidade e ao qual o futebol entra como instrumento para entendimento desse processo.

2.1 As relações entre a imprensa teresinense e o futebol (1971 -1975)

Entre 1970 e 1975 vários jornais circulavam em Teresina. Entretanto, havia aqueles jornais que tinham maior influência e participação política do estado: entre os periódicos estão o jornal “O Dia” e o “Jornal do Piauí.”⁵⁰ Estes eram os principais porta-vozes das ações governamentais, através de uma imagem desenvolvimentista, assim também, constituía-se a projeção política dos agentes políticos do estado. Dentro dessa perspectiva, ou, segundo Nelson Werneck Sodré⁵¹, no início do século XX há o interesse de que os jornais

⁵⁰ Os jornais na década de 1970 imprimiam vínculos partidários. A criação do jornal O Dia acontece em 1951 e há transição de dono e interesses em 1964 frente à ligação de agentes políticos com a produção de conteúdo dos veículos de comunicação. O Jornal O Dia foi o primeiro jornal impresso distribuído diariamente no Piauí. Durante a década de 1970 há propagação de um discurso de progresso em suas páginas. O *Jornal do Piauí* trazia em seus periódicos durante a década de 1970 discursos sobre a construção de um “Novo Piauí” ressaltando os projetos de modernização empreendidos pelo governo estadual e municipal.

⁵¹ Em relação à discussão sobre o desenvolvimento da imprensa brasileira, lança-se o olhar para as relações entre a imprensa e o Estado. Tendo como base a obra de Nelson Werneck Sodré, o autor situa a contradição entre o comportamento da imprensa e sua nova essência a partir da transição do século XIX para o século XX. “A preocupação fundamental dos jornais, nessa época, é o fato político. Nota-se: não é a política, mas o fato político. Ora o fato político ocorre. Então, em área ocupada pelos políticos, por aqueles que estão ligados ao problema do poder. Assim, nessa dimensão reduzida, as questões são pessoais giram em torno de atos, pensamentos ou decisões de indivíduos os indivíduos que protagonizam o fato político. Daí o caráter pessoal que assumem as campanhas; a necessidade de endeusar ou de destruir o indivíduo. Tudo se personaliza e se individualiza” Cf.

funcionassem como tribunas dos políticos e/ou partidos políticos as quais pertenciam ou haviam sido arrendadas.⁵²

Ainda que voltados para a veiculação de um ideário desenvolvimentista e de modernização, os editoriais desses periódicos durante a década de 1960 e 1970 abordavam em um primeiro momento que “os lampejos de desenvolvimento econômico que atingiam outras regiões do país não chegavam ao Piauí.”⁵³ Portanto, a pobreza do estado era evidenciada e os jornais - considerando que neste período, os órgãos de imprensa que ainda mantinham ligações muito estreitas com os partidos políticos – e nesse caso, em consonância com os governos dessas décadas⁵⁴, propagavam a idéia da retirada do povo piauiense de uma situação de abandono, da realidade de subdesenvolvimento da população e do estado.

De um modo geral, a imprensa piauiense na década de 1960 e 1970, estereotipava a questão da pobreza e de abandono do Piauí e as ações de desenvolvimento do mesmo, entendida aqui, dentro de uma polarização expressa pela imprensa e pelo governo: a imagem de um estado pobre e da imagem do desenvolvimento e projeção ligada à política desse estado desenvolvido e moderno. Nesse sentido, entender a prática discursiva desses periódicos é pensar sobre o acontecimento do discurso, sua ordem, usos e funções.

E se quisermos, não digo apagar esse temor das formas e temas que elidem a realidade dos discursos, tais como o sujeito escrita, a experiência leitura e a mediação troca, mas analisá-lo em suas condições, seu jogo, seus efeitos, é preciso, creio optar por três decisões às quais nosso pensamento resiste um pouco, hoje em dia, e que correspondem aos três grupos de funções que acabo de evocar: questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento; suspender, enfim, a soberania do significante.⁵⁵

Nesse sentido, o discurso como prática possui séries descontínuas e que existe uma causalidade. Estas práticas⁵⁶ discursivas “não nos deixam necessariamente embaraçados com

⁵² SODRÉ, N. W. *A História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1983, p. 277

⁵³ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Os jornais na construção de representações do Piauí e de Teresina entre 1950 e 1970. In: Francisco Alcides do Nascimento, Maria Lindalva Silva, Rejane Lima Monte (Org.) *Diluir Fronteiras: Interfaces entre História e Imprensa*, 2011. p. 56

⁵⁴ O Piauí foi governado nos anos 70 por João Clímaco de Almeida (1970-1971), Alberto Tavares Silva (1971-1974), Dirceu Mendes Arcoverde (1975-1978), Djalma Veloso (1978-1979) e Lucídio Portela (1979-1983). A prefeitura Municipal de Teresina foi ocupada por Wagner Saraiva de Lima (maio a junho de 1970), Haroldo Borges (1970-1971), Joel da Silva Ribeiro (1971-1975), Raimundo Wall Ferraz (1975-1979) e José Raimundo Bona Medeiros (1979-1982).

⁵⁵ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de fevereiro de 1970. São Paulo: Ed. Loyola, 2011, p. 51.

⁵⁶ Para Paul Veyne e para Michel Foucault, “o que é feito” se relaciona “com um fazer”, a produção se relaciona com uma prática. A isto, Foucault deu o nome de “descentralização do sujeito”, do “significante” da ordem do discurso, ao debruçar-se sobre a “materialidade incorpórea” do que é dito por meio da escrita, seus usos e funções (vontade de verdade, função do autor, mediação de séries descontínuas, racionalidade do acaso). Para

o Estado”⁵⁷, mas ao que elas as representam segundo os procedimentos de uma época.⁵⁸ Os discursos da imprensa sobre o processo de modernização de Teresina na primeira metade da década de 1970 sob o governo de Alberto Tavares Silva e do prefeito Joel da Silva Ribeiro⁵⁹, elucidada sobre a memória desses anos⁶⁰ e nesse momento há uma extensa publicações de matérias que mostravam as mudanças da cidade em relação aos mais diversos aspectos. Dentre eles, a ideia da cidade que entrava na modernidade, portanto, no que também se relacionam as mudanças na de tempo e espaço.

Experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida - que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. [...] Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos tudo o que sabemos tudo o que somos [...] Ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia.⁶¹

Assim, tenta-se mapear como o futebol é atrelado a alguns discursos que tentaram dar concretude à intenção do processo de modernização em Teresina. O futebol nas páginas desses periódicos envolvia uma multiplicidade de práticas, “de forma direta ou indireta”, relacionadas ao jogo. E a crônica esportiva funciona como uma representação política e social do jogo⁶². É muito diferente o que é feito do futebol quando toma-se como base de comparação do que os jogadores, torcedores e cronistas fazem e fizeram dele ao longo da

Thompson, uma ação ou acontecimento se relaciona com uma prática social subjetivada, como, por exemplo, a ação dos “negros” nas florestas dos reis ingleses durante o século XVI se relacionar com a experiência e a cultura “plebeia”, em oposição à experiência e cultura “patricia”. A mesma coisa vale para a formação da classe operária, mas não dá pra dizer que um “plebeu” é a mesma coisa de um “operário”. Embora se trate de uma diferença enorme, partir da “objetivação” das práticas sociais, ou da “subjetivação” das práticas sociais, ambos convergem para o entendimento das práticas culturais e sociais em diferenciação com a ideologia. Cf. MAIA NETO, V. M. 2014, p.76.

⁵⁷MAIA NETO, V. M. Futebol, Imprensa e cidade: o processo de especialização da crônica esportiva em Fortaleza (1921-1930). Fortaleza, 2014, p.75-76.

⁵⁸ Cf. MAIA NETO, V. M. 2014, p.76.

⁵⁹Joel da Silva Ribeiro, natural de Guadalupe, nasceu em 1º de julho de 1928. Graduado em Engenharia Civil e Engenharia Militar pelo Instituto Militar de Engenharia em 1962 com pós-graduação em Engenharia Rodoviária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano seguinte. De volta ao Nordeste, filiou-se à ARENA em 1966 e estreou na política ao ocupar o cargo de prefeito de Teresina (1971-1975) durante o primeiro governo Alberto Silva. Ocupou também os cargos de presidente da Companhia Energética do Piauí (CEPISA) no governo Dirceu Arcoverde (1975-1978) e de deputado federal (em 1978-1981).

⁶⁰ Cf. FONTENELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na História do Piauí*. 2009.374 f. Tese (doutorado). Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

⁶¹ BERMAN, Marshall. *Tudo que é solido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p.15

⁶²Para Chartier as representações são “pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais”, são aspectos sociais que dão a ver certa apresentação consciente da sociedade e certa ausência do representado, são práticas discursivas que representam práticas sociais e políticas. 2002, p. 17

história. Mesmo assim, não é incomum que se chegue à conclusão de que a formas de controle⁶³ sobre as práticas esportivas exerceram forte “influência” sobre o jogo, no corpo e nas mentes dos praticantes⁶⁴

Em Teresina, na promoção do esporte por parte da imprensa, os primeiros anos da década (1971-1973) foram de iniciativa para a construção do estádio Albertão⁶⁵ e o futebol atrelado a esse contexto ganhou espaço e diretas relações com a crônica esportiva nesse momento. As intervenções do poder público sobre a prática do futebol no Piauí ganharam as páginas dos principais jornais que circulavam em Teresina, tratava-se de notícias sobre a projeção do discurso da cidade moderna e da construção do estádio, que na época era tido como uma das maiores obras do Estado. Portanto, duas características principais podem ser percebidas na relação inicial entre futebol e imprensa em Teresina no início dos anos 70: a promoção da imagem e dos ideais de modernização e a campanha para construção dos espaços de jogo.

O contexto mostrado pela imprensa local expressava uma Teresina transformada pelo projeto do “Novo Piauí”. A intenção diante da modernização refletia no disciplinamento social de seus habitantes. Há uma transformação do espaço urbano marcada pela construção de diversas obras nos governos de Alberto Silva e Joel Silva. Salientamos que, por espaço, entende-se não apenas uma “[...] dimensão física do urbano, [mas] todo o cenário múltiplo da cidade que toma conta de seus habitantes na construção de seu cotidiano, na sua necessidade de (re)inventar práticas.”⁶⁶

Com a revitalização da cidade, vieram novas perspectivas para na forma de vivenciar os espaços, pois as alterações espaciais provocaram mudanças nas próprias formas das pessoas se relacionarem com os espaços. Os efeitos desse ideal moderno, alardeado pela

⁶³ Isso ocorre nas três esferas federal, estadual e municipal. No âmbito federal, vale destacar as ações do governo Médici. Nos anos 70 o futebol teve os olhos do governo militar voltados para si. A Censura e propaganda política foram recursos associados para o controle das mensagens, prática comum nos sistemas políticos autoritários. Destaca-se também a relação política-futebol no Estado Novo (1937-1945), época em que Getúlio Vargas já se empenhava em associar sua política ao esporte que, naquela época, transformava-se num fenômeno das massas. Cf. FERREIRA, João Fernando P. *A Copa de 70, o governo Médici e a construção do Morenãu*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.

⁶⁴ MIRANDA, Leonardo Affonso P. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*. Tese. Campinas: Unicamp, 1998.

⁶⁵ Para a construção do estádio, com capacidade para 60 mil espectadores, o governo dispôs de investimentos públicos e privados, que totalizaram cerca de 10 milhões de cruzeiros. Na tarde de domingo, dia 26 de agosto de 1973, o estádio estava pronto para o jogo do Campeonato Brasileiro entre os times Tiradentes e Fluminense. No entanto, na grande festa de inauguração, uma tragédia provocada por um falso alarme de desmoronamento anunciado por um espectador, aliado ao grande barulho originado pelo sobrevo o de um avião, resultou, segundo a versão oficial, em oito mortes, além de centenas de feridos, e marcou a memória sobre esse estádio.

⁶⁶ REZENDE, Antônio Paulo. “*(Des)encantos modernos*”: história da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDAPE, 1997, p. 14

imprensa, posicionava o estado como um guia da dinâmica da cidade. Nesse sentido, a política governamental tem ênfase nos ideais modernizantes.

Teresina tornou-se um canteiro de obras, pois o período de governo de Alberto Silva (1971-1975) é praticamente o mesmo do prefeito Joel Silva Ribeiro (1971-1974), tido como o responsável pela construção do anel viário da capital e também pela estruturação da malha rodoviária. É igualmente desse período a abertura da Avenida Miguel [...] Com a intervenção no tecido urbano, o poder público resolvia dois problemas: embelezava a cidade e afastava as prostitutas da sua área mais visível. O discurso médico-sanitarista orientava a limpar a cidade daqueles lugares perigosos à saúde pública, enquanto setores mais conservadores da Igreja católica festejavam o fim dos lugares de perdição.⁶⁷

No sentido de higienizar a cidade, o governo inicia um conjunto de ações nos logradouros públicos localizados no centro da cidade, como as praças e avenidas. São propostas e realizadas reformas que além de modificar os aspectos físicos desses espaços, também procuram alterar as relações neles exercidas, tentando esmaecer as práticas tradicionais ligadas aos hábitos rurais e fortalecer as práticas urbanas associadas à ideia de modernidade e de desenvolvimento pregadas naquele período. O futebol (os espaços de jogo) foi um dos alvos da política de modernização da época, onde o diagnóstico sobre a “falta de estrutura” era constante, bem como o foram às ações no sentido de renovar as práticas, projetá-lo nacionalmente e digno de estar no centro de um capital. As matérias sobre a necessidade de construir o Estádio teve grande destaque dentro dos jornais locais e nesse contexto de transformações dos espaços urbanos a imprensa ajudou a montar um cenário que relaciona a auto-estima dos cidadãos à identificação do futebol local do período.

2.2. Impressões sobre o novo: o futebol como instrumento do discurso de modernização.

No período do primeiro governo Alberto Silva (1971-1975), o futebol passa a ser projetado dentro do discurso governamental. O poder público, que até então não havia despendido maior atenção a prática do futebol no estado, passa a financiar um time para participação no campeonato nacional e os maiores esforços giraram em torno da construção do Estádio de futebol para a capital. O futebol era reivindicado por grande parcela da sociedade, entre as vozes dessas reivindicações, estavam os cronistas e desportistas, que discursavam sobre a necessidade de subvenção do futebol profissional piauiense.

⁶⁷NASCIMENTO, Francisco Alcides do. 2007. p. 277

Durante o final da década de 1960 e início do ano de 1970, o futebol piauiense passa por diversas transformações - em analogia com os outros estados da federação - o Piauí deixava a desejar em relação à infra-estrutura do futebol, não tinha um time em destaque no campeonato nacional, os campeonatos locais não atraíam o público, logo, uma das principais fontes de renda para os times locais estava em crise. Sobre essa situação Carlos Said escreve:

O esporte piauiense experimentou uma fase de grande desenvolvimento, nos últimos cinco anos, canalizando as atenções dos meios esportivos do Nordeste e galgando posição de destaque no cenário nacional. O progresso alcançado pelo nosso desporto foi superior as estruturas da nossa organização esportiva. As principais equipes que disputam o certame oficial se desdobraram na contratação de valores de centros mais evoluídos, acarretando, assim, um aumento de despesas muito superior às possibilidades das rendas dos espetáculos futebolísticos.⁶⁸

A opinião do cronista relaciona-se à situação do futebol do Piauí no final da década de 1960, período de rupturas e ressurgimento do futebol profissional no Piauí. De acordo com Said, houve investimentos dos times em suas equipes, mas os incentivos destinados a essas equipes não se equiparavam a proporção dos esforços feitos pelos próprios times⁶⁹. Assim, aponta-se como parte crucial dessa crise, o déficit de público nos estádios, em consequência, a baixa arrecadação, como também o descaso – dito por Carlos Said – da CBD. A Confederação Brasileira de Desportos, segundo o cronista, realizou um certame em pleno o inverno, dificultando o que mais desanimava os desportistas nesse período: a falta do público nos jogos.

No início da década de 1970, as projeções frente ao governo de Alberto Silva e as notícias sobre os planos governamentais do governador mostram que a construção do Estádio Albertão ainda não se configurava como meta do governo. A princípio:

Na elaboração de suas metas relativas à Educação, Saúde, Agricultura e Transportes, receberam apoio integral dos respectivos ministérios, que complementarão o auxílio, na fase executiva, com o fornecimento de técnicos. – A obra mais importante para o meu estado é o Porto de Luís Correia [...] ⁷⁰

Respaldado pela ideia de grandes construções e registros frente à memória da população, o governador através o projeto de construção do Porto de Luís Correia, apresentou

⁶⁸ Jornal O Dia, Teresina, 4 de janeiro de 1969.

⁶⁹ Em matéria do Jornal O Dia do dia 6 de janeiro de 1969, as baixas arrecadações preocupavam os dirigentes dos times piauienses. “O presidente do Flamengo Elias Tajra, mostra-se pessimista em relação ao futebol profissional de 1969. Os problemas financeiros se avultam e as arrecadações são baixíssimas.”

⁷⁰ Jornal do Piauí, Teresina, 6 de janeiro de 1971.

que essa era a grande realização prevista para o seu governo, pois segundo o próprio gestor, os produtos piauienses eram escoados nos estados do Maranhão e Pernambuco com taxas de 30 a 40%⁷¹. Após os primeiros meses do governo, o projeto do Porto de Luís Correia já estava concluído e projetado em uma maquete reduzida, o projeto aguardava a aprovação do Ministério dos Transportes. Mas no âmbito das finanças estaduais, o Piauí, que dependia de recursos federais para a realização desses projetos, estava com déficits em recursos para a realização da obra.

Alberto Silva não encontrou as finanças públicas em consonância com o seu projeto inicial, após o início da sua gestão, em 1971, segundo o líder do governo na câmara, Ribeiro Magalhães⁷², o estado estava em atraso com os pagamentos relativos ao funcionalismo público do interior. Assim, já com a autonomia econômica cerceada, pois os recursos recebidos do Governo não custeavam as despesas, o estado ainda precisava dos recursos federais para o pagamento de todos os encargos em atraso e do abono de 40% concedido ao funcionalismo e que teve vigência a partir de janeiro de 1971.⁷³

Esses acontecimentos no âmbito econômico sustentam aqui, a ideia da grande obra projetada pelo governo, o Porto de Luís Correia, esbarrou na situação desfavorável das finanças do estado e passa a não se consolidar no decorrer do mandato do governador. Nesse sentido, pensa-se a questão de como e o porquê há investimento em outra grande construção: a do Estádio Albertão. Nesse sentido, o futebol passa a configurar - pela sua força política e a dimensão simbólica - o novo grande projeto do governo estadual.

Percebe-se que houve uma aproximação da política estadual à federal. As ações do governo do estado eram as diretrizes de desenvolvimento definidas nacionalmente baseadas na doutrina de segurança nacional que exigia a integração econômica do território brasileiro e facilitava a transferência de recursos federais para o Estado, dando ênfase à inserção das regiões mais pobres. As ações no campo da construção civil marcaram a memória social relativa à década de 70, em particular, aos anos iniciais governados por Alberto Silva.⁷⁴

O contexto sócio-histórico e o perfil do gestor Alberto Silva permitem entender os desdobramentos políticos e econômicos que propiciaram a construção do estádio e incentivo ao futebol. O contexto político brasileiro era de uma intransigente política nacional repressora e que bloqueava através do sectarismo a governabilidade necessária a qualquer regime

⁷¹ Ibid.

⁷² Jornal do Piauí, Teresina, 7 de maio de 1971

⁷³ Ibid.

⁷⁴ Cf. FONTENELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na História do Piauí*. 2009.374 f. Tese (doutorado). Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

democrático, – Alberto Silva não restringia sua atuação ao viés de uma ação repressora – o governador do Piauí e a equipe do seu governo engajaram ações de conteúdo cultural, pois compreendiam que essas ações progressistas colaboravam para a sua governabilidade. Nesse cenário houve a reforma e ampliação da Casa Anísio Brito, construção do Monumento à Batalha do Jenipapo, bem como a construção de espaços insulares para a Biblioteca Pública e o Museu do Piauí⁷⁵.

Diante da proposta de implantação de uma política de apoio a cultura e ao esporte para promoção da imagem política do governador⁷⁶ – com destaque para a construção do símbolo moderno do seu governo, o Albertão, e ainda dentro do programa governamental de estímulo às atividades do time do Tiradentes no Estado⁷⁷ - entende-se, a inauguração, dentro desse processo, da construção do ideal moderno para a prática do futebol nesse período, que se analisa sob a idealização do “novo”⁷⁸ e pelas projeções sociais em que o futebol se relacionava e era praticado.

Todo esse amálgama mostra dois sentidos complementares destacam quanto à análise do futebol piauiense. Primeiro, quando pensamos o esporte na sua forma profissional, destinado não só aos praticantes, mas também a uma assistência cada vez maior. O segundo momento, num sentido recreativo, em que o esporte se destacaria dentre um lastro de outras atividades com caráter de lazer. Portanto, para dar conta do nosso objetivo, que é pensar o futebol na cidade, tendo como base uma sociedade em crescente diferenciação, faz-se necessário passar por esses aspectos anotados anteriormente.

Antes do primeiro governo de Alberto Silva, ainda no ano de 1970, o futebol passava por dificuldades para cumprir o pagamento dos jogadores e profissionais do futebol. A estrutura do futebol piauiense esbarrava na falta de condições de tornar o esporte algo rentável e lucrativo. Carlos Said direcionava as críticas a Federação Piauiense de Desportos, referia-se

⁷⁵ Cf. MONTEIRO, Jaislan Honório. *Arte como experiência: cinema, intertextualidade e produção de sentidos*. 2015.197 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2015.

⁷⁶ Cf. FONTENELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na História do Piauí*. 2009.374 f. Tese (doutorado). Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

⁷⁷ Ibid.

⁷⁸ Uma das preocupações desse governo, que se estendeu de 1971 a 1974, era mudar a imagem do Piauí, a começar pela sua capital. No espectro de investimentos realizados nos anos 70, a cidade de Teresina foi privilegiada por ser a capital do estado. Nesta década, foram construídos o estádio Albertão, a Fundação Universidade Federal do Piauí (UFPI), o Zoológico de Teresina, o prédio da CEPISA e do Tribunal de Justiça, além da implantação do Terminal de Petróleo de Teresina, da pavimentação das avenidas Frei Serafim, Miguel Rosa e da pista de pouso de Teresina, que integraria a capital às demais cidades do Brasil. Cf. BRANDÃO, Laura Lene Lima. *Juventudes em trânsito: práticas juvenis, espacialidades e corporalidades em Teresina na década de 1970*. 2015.216 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2015.

incisivamente ao aumento do valor do ingresso para os jogos. Na opinião do cronista a federação focava a organização dos certames no lucro da bilheteria como se essa fosse à solução para salvar o futebol piauiense.

[...] Passaram à agressão, agredindo violentamente a bolsa do pobre torcedor piauiense. Aumentaram o preço dos ingressos mais especialmente das gerais. Em alguns jogos (poucos por sinal), as rendas subiram. Mas o público diminuiu. Ninguém poderá agüentar o rojão de uma cidade (de um estado), onde as condições de trabalho são ínfimas e o salário – o mais baixo do país. O futebol como diversão popular estava se tornando artigo de luxo. Pudera! [...] ⁷⁹

As medidas tomadas pela federação deixaram os estádios vazios pela tentativa de acréscimo no preço dos ingressos, que gerou o afastamento dos torcedores das atrações do futebol na cidade. O futebol padecia de problemas, os torcedores se afastaram e de acordo com as considerações do cronista, a renda aumentou em poucos jogos, mas em contrapartida o público diminuiu. Um adendo: a falta de público gerou a falta de patrocinadores. Nesse sentido, a crônica esportiva passa a questionar a situação do futebol – como (re) inventar o futebol piauiense? Como torná-lo rentável? - há aspectos dessa lógica explicados pela realidade de um estado pobre que, fossem melhores as condições, até contribuiriam para o bem-estar e elevação do mesmo. Mas, no Piauí, nesse período, e segundo os cronistas, o futebol era sinônimo de descaso, falta de perspectiva de futuro e da falta de planejamento.

As ações do governo Alberto Silva no Piauí não se restringiu às questões e natureza macroeconômica e de infraestrutura, as relações de poder que a esfera cultural e do esporte propiciavam, ainda que de forma objetiva e planejada, eram suportes para projeção da imagem do governador e para sua governabilidade. O futebol foi utilizado como ferramenta de propaganda política e como espaço para manifestação democrática. A partir da década de 1970, o futebol adquiriu ainda maior importância entre os brasileiros, o esporte teve grande destaque nos investimentos do governo militar e participação significativa no projeto de Médici⁸⁰.

⁷⁹ Jornal O Dia, Teresina, 9 de Julho de 1970.

⁸⁰ O governo Médici não muda a política econômica que vinha desde 1967, sob Costa e Silva. Um de seus fundamentos é a aliança entre governo e empresários. O setor público, no entanto, tem influência crescente na gestão da economia. Eleva significativamente seus investimentos e amplia seu papel regulamentador, com acentuada centralização de decisões. No financiamento do desenvolvimento, os capitais externos tem grande peso qualitativo e quantitativo, seja sob a forma de investimento diretos ou de empréstimos. Conforme informações do Banco Central, os investimentos diretos estrangeiros evoluíram de US\$ 1,6 bilhão no início do governo para US\$ 4,6 bilhão no final de 1973. A indústria recebeu 77% do total. SKIDMORE, Thomas E. *De Castelo a Tancredo – 1964 -1985* - SP: Paz e Terra. 1988.

Em seu conjunto, várias ações demarcaram a presença ostensiva do aparato estatal no âmbito do esporte, assim elas apresentam elementos norteadores para repensar os termos nos quais a relação entre Estado, atletas e clubes estavam situados. Em outras palavras, a ação intervencionista se constitui como reflexo da reorganização política do país na qual os organismos administrativos atrelados à esfera pública procuram operar dentro de uma lógica cada vez mais planejada em todos os domínios⁸¹.

O esporte é entendido como ação que caracteriza diferentes – porém não distintas – esferas de sociabilidade e inter- relações. Assim, o futebol passa a ser entendido como uma prática que vem atender às projeções governamentais frente à população, que têm nessa prática a diversão, o passatempo e a identidade⁸². Dessa forma, entende-se que a emergência das ações políticas no futebol durante a primeira metade década de 1970 é característica de formações sociais, de configurações que, no Brasil, vão se estruturando, carreadas por fatores como a afirmação da identidade, que foi atrelada ao milagre econômico na economia brasileira durante esse período, e, ainda, as crescentes e ostensivas as campanhas higienistas.⁸³

A emergência da regularização do Estado sobre o futebol reafirma um tipo de ação esperada em sociedades cada vez mais diversificadas e reguladas no sentido do controle social. E, por isso, é preciso pensar como as relações entre futebol, política e sociedade tenham se estreitado durante a década de 1970. Durante esse período houveram medidas tomadas pelo governo federal dentro das questões de controle e regularização da prática do futebol brasileiro; os cronistas piauienses se posicionaram sobre e os impactos no futebol local, que tinham o intuito de modernizar e moralizar o futebol no Piauí.

No primeiro destes movimentos, de renovação da instrução pública, o jornal do Piauí em 1972, na coluna de Carlos Said trazia a seguinte passagem, em que pormenorizadamente argumenta a necessidade de transformação dos métodos e na prática do futebol brasileiro, visto a projeção de futuro e o destino da nação depender da competência em suprir as demandas modernas de composição dos clubes e praticantes do futebol no estado.

Os legisladores desportivos estão revitalizando o Código Brasileiro Disciplinar de Futebol, a fim de moralizar os jogos de futebol em todo o território nacional. Torna necessário o apoio dos clubes e dirigentes, para o

⁸¹ Cf. FERREIRA, João Fernando P. *A Copa de 70, o governo Médici e a construção do Morenã*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011. Acesso em 12 de maio de 2014.

⁸² LUCENA, Ricardo de F.. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro* Campinas, SP: [s.n.], 2000.

⁸³ Nos filmetes produzidos pelo governo fica nítida a relação entre o sucesso do futebol e da economia do país. Além disso, são ostensivas as campanhas higienistas. As personagens „Sugismundo“, „Sugismundinho“ e „Doutor Prevenildo“ causaram impacto aos telespectadores de plantão (MATTOS, 1989:34).

fato de que não devem apadrinhar atletas e técnicos com o tulo de pagar multas e outros encargos, quando de punições aplicadas pelos Tribunais de Justiça Desportiva. Aqui no Piauí, os atletas abusam e os dirigentes aceitam esses abusos, aceitando pacificamente o pagamento das multas impostas aos jogadores, quando o normal seria pespegar um pito e outra multa nos jogadores e técnicas para que eles – finalmente – que são empregados dos clubes, jamais, os patrões.⁸⁴

A prática do futebol se estruturou como uma ação do governo no usufruto de vários dos seus aspectos, o controle do espaço social, como também, das resoluções disciplinares⁸⁵ desportivas, que possibilitaram colocar projeto político dos governos militares em prática. No Piauí, assim, como discorre Carlos Said, – assume uma característica peculiar, o abandono de práticas enraizadas nos clubes de futebol do estado. Nesse sentido, está em jogo, principalmente para as elites dirigentes, a construção de uma prática que precisa ser “organizada” de forma política e social, com o fortalecimento das instituições do Estado e da projeção do futebol piauiense.

O governador Alberto Silva considerava que a imagem que se propagava do futebol do Piauí afetava a autoestima dos piauienses⁸⁶, sendo, portanto, necessário empenho em modificá-la. O cenário do futebol piauiense estava com as oportunidades de crescimento e desenvolvimento limitado devido à falta de investimento no futebol.

Vários esforços sistemáticos foram sendo empreendidos por Alberto Silva para a retirada do Piauí do anedotário nacional. Assim, através de veículos midiáticos, o governador investiu na construção da imagem de um Piauí progressista em oposição à imagem de um Piauí pobre, esquecido e acima de tudo, dirigido por oligarquias conservadoras e corruptas.

⁸⁴ Jornal do Piauí, Teresina, 9/10 de abril de 1972.

⁸⁵Na perspectiva foucaultiana, o poder disciplinar tem como função maior “adestrar”. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. “Adestra” as multidões confusas. O poder disciplinar é fruto de transformações da sociedade burguesa, do deslocamento do poder soberano para o corpo social. A partir de então, o poder se exerceria em várias esferas, inclusive na forma de micropoderes. Tal poder se exerce sobre os corpos individuais por meio de exercícios especialmente direcionados para a ampliação de suas forças. Estes exercícios tinham como objetivo, o adestramento e a docilização dos corpos. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Assim, a partir da segunda metade do século XVIII, há a emergência do poder disciplinar, tal qual foi definido por Foucault. Surgiram também as disciplinas que garantiram a articulação harmoniosa da sociedade. Desse modo, a disciplina passou a controlar os indivíduos, estabelecendo relações de poder reguladas pelas normas. Os dispositivos do poder disciplinar caracterizam-se pela minúcia e pelo detalhe. Nesse sentido, o corpo será submetido a uma forma de poder que irá desarticulá-lo e corrigi-lo através de uma nova mecânica do poder. [...]”. Essa forma de anatomia política ocorreu nos diferentes contextos históricos. O poder disciplinar adveio inicialmente nas escolas, nos hospitais, nos quartéis e foi aos poucos se disseminando em outras instituições. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁸⁶ Cf. FONTENELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na História do Piauí*. 2009.374 f. Tese (doutorado). Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

As medidas para dar “voz” e ter uma nova visibilidade vieram por meio de um discurso que procurava atribuir aspectos positivos à sociedade piauiense, tais como capacidade de realização e de evidência nacional, procurava-se oferecer um contraponto a certo senso comum que esquecia o piauiense e/ou desvirtuava a sua imagem. Assim, a intenção era passar para o restante do país uma imagem de um estado desenvolvido, integrado aos padrões de modernidade.

Em entrevista, ao cronista Carlos Said, antes do jogo entre Flamengo e Auto Esporte em 1971, o governador Alberto Silva, argumenta a necessidade de transformação da praça esportiva em Teresina, visto a projeção de futuro em suprir as demandas modernas de composição da autoestima e lazer da sociedade.

“Você procurou o melhor lugar para abordar este assunto. Como o estádio é um desejo do povo piauiense, pode dizer que dentro de dois anos ele estará pronto. Aqui estou vendo muita gente, demonstra o quanto o piauiense gosta de esporte. Já está se deslocando para Teresina uma equipe do mais alto gabarito para estudar o local do Estádio e projetá-lo. Depois caberá ao povo, aos clubes e à federação erguê-lo. O governo dará sua parte.”⁸⁷

Somando esforços ao trabalho discursivo de enunciação do Piauí, através do futebol, o cronista piauiense Carlos Said, engrossava as fileiras desta campanha. O cronista fazia inúmeras propagandas em favor da projeção e modernização do futebol piauiense. Engajou-se escrevendo sobre a falta de estrutura do Lindolfo Monteiro em receber grandes clássicos, para ele, a obscuridade do futebol piauiense no cenário nacional se relacionava a falta de um local com grandes proporções para os jogos na cidade. Logo, no cenário brasileiro, o período foi de construções dos grandes estádios, sendo significativamente marcante em outros estados como, Minas Gerais, Sergipe e Ceará, por exemplo.

Dessa forma, não apenas a construção de um estádio de grandes proporções, mas da criação de uma imagem positiva do Piauí no cenário nacional, que inaugurou estádios em vários outros estados. As campanhas dos cronistas deveria assim materializar a construção de tal imagem do moderno e da necessidade da cidade nesse contexto, sendo o Albertão símbolo dessa nova condição. “[...] Teresina carece – urgentemente – de uma praça esportiva que atenda às finalidades do seu explosivo crescimento demográfico. Ademais, a construção reunirá todas as modalidades no setor amadorista, modalidades conhecidas e praticadas por nós piauienses [...]”⁸⁸

⁸⁷ Jornal O Dia, Teresina, 17 de março de 1971.

⁸⁸ Jornal O Dia, Teresina, 15 de março de 1971.



Figura 1: Lançamento da pedra fundamental do Albertão, 13 de março de 1972. Acervo do Arquivo Público do Piauí.

Seu interesse em divulgar as necessidades do futebol piauiense o credenciou a empreender o projeto de juntar esforços para a construção do estádio. Estas ideias de questionamento e aceitação dos esportes estavam no cerne de dois movimentos concomitantes: um de reforma da instrução pública teresinense; outro de justificação da necessidade esportiva para o desenvolvimento da imagem do estado. Assim, a ideologia do moderno contribuía para a construção do sentido do jogo. O pensamento buscava ordenar a ação; e a ação se apropriava do pensamento para dar sentido à prática. O pensamento de tradição ou modernidade contido no pensamento e na ação dos sujeitos era o que determinava os primeiros embates em torno do esporte.

Desafio em forma de trabalho que obra o milagre do progresso. Desafio, também assistido pelos dirigentes de agremiações profissionais e amadoristas de nosso futebol. Desafio que será iniciado a primeiro de outubro e, 20 meses após, transformando em realidade palpável que o Brasil desportivo há de se curvar no reconhecimento não somente à capacidade dos piauienses, mas à inteligência dos homens desta terra. Somos capazes de maiores feitos. Na primeira hora, quando a ofensiva foi chegada num inesperado que rompeu as fronteiras dos descréditos abraçando a todos – indistintamente -, o ALBERTÃO é uma necessidade imperiosa. É preciso

construir-se o Estádio onde as condições de atendimento às populações sejam completas e a cultura se torne apanágio de um povo desenvolvido.⁸⁹

Para Carlos Said, o desenvolvimento intelectual e o cultural deveriam ser correlatos também ao do desenvolvimento do estado. Dessa forma, o cronista traça o estádio como uma obra imperiosa, em clara associação com a importância que deve ser dada à obra, no reconhecimento do restante do país ao futebol piauiense, e do seu povo – em consequência novos moldes de desenvolvimento que o estado vivenciava. Para frisar a urgência da construção do estádio, fica bastante evidente a associação que o cronista faz entre progresso, cultura e desenvolvimento, no sentido de um desenvolvimento intelectual, moral e esportivo. O interessante é que esses aspectos ganhassem visibilidade, portanto de “voz” e “progresso”.

Um exemplo marcante da epopéia piauiense de arrancada definitiva para o futuro, deslanchado o que era subdesenvolvimento e no seu lugar o trabalho, evidentemente, é a confirmação de que o Estádio >> ALBERTÃO>> será construído no prazo previsto pelo governo do Estado d Piauí: 20 meses. Até mesmo antes disso – 14 meses, dependendo em como os cearenses estão acelerando a construção do Estádio que dotará Fortaleza das especificações que a Confederação Brasileira de Desporto recomenda para os jogos do Campeonato Nacional de Clubes [...]. Não se compreende o fenômeno futebol em um Brasil tantas vezes campeão do mundo, simplesmente como arte de chutar e marcar gol. Futebol, atualmente é ciência. [...] Mas que o futebol seja complemento entre o homem e Deus porque se entende também, futebol como religião dos povos do século XX.⁹⁰

No trecho acima, pode-se perceber alguns elementos importantes dessa nova forma de pensar o futebol. Em primeiro lugar, com a utilização de termos que indicam aproximação com a história do estado (política) e a utilização de vários termos, na visão do cronista, de um desenvolvimento evolutivo da prática em expressões como “o futebol como ciência”, “o futebol como religião”. Essas expressões marcam o vínculo entre o Estado e o desenvolvimento social, tendo em vista uma análise ampla, onde o futebol é o instrumento de “progresso”

⁸⁹ Jornal do Piauí, Teresina, 20 de agosto de 1971.

⁹⁰ Jornal do Piauí, 22/23 de agosto de 1971



Figura2: Albertão – A obra do século. Jornal do Piauí, 24 de agosto de 1973. Acervo do Arquivo Público do Estado do Piauí

A construção do Albertão, pelo olhar do cronista, afirmou a necessidade do desenvolvimento da prática do futebol, pelos mais diversos segmentos (políticos, morais e culturais) através da prática dos esportes, veio a corroborar e incorporar os escritos sobre o desenvolvimento da sociedade piauiense. Assim, a proposta desta discussão relaciona o projeção do futebol com o ideal de “modernização” do estado, onde o esporte, em fase não mais “vegetativa”, (re)significa-se no dever de projetar a imagem do Piauí à nação. O futebol piauiense com todos os elementos que o (moderno) demanda. O cronista dialoga com o progresso, não apenas pelo fato de associar o futebol e o progresso político, mas em dizer que o desenvolvimento do esporte compõe parte tão fundamental quanto o desenvolvimento cultural e moral dos homens desse estado.



Figura 3: Vista aérea do Estádio cerca de duas horas antes do início da primeira partida, 1973. Fonte: Foto acervo pessoal do jornalista esportivo Severino Filho.

Com base no exposto e correlacionado às modificações do espaço urbano em nível nacional e local, esta exposição relacionou o processo de modernização do futebol em Teresina com as estratégias de controle do governo estadual na regulamentação das práticas esportivas na cidade. Tentou-se situar as movimentações em torno da prática do futebol, argumentando que, as práticas de disciplinarização voltadas para o esporte apontaram para a constatação da existência de projeções e organização social pelo governo estadual. E nesse sentido, tem-se a ideia do futebol articulando o conjunto de grandes obras e discursos do período que marcou modificações na urbe teresinense e que tentava integrar o Piauí às demais capitais do Brasil, imprimindo um ar de modernidade à cidade.

2.3 O cotidiano de Teresina nas crônicas esportivas

Seguindo a tendência já em curso no Brasil, nesse contexto, no Piauí, emerge todo um leque de ações e práticas que buscam se assemelhar ao modo de ser dos estados brasileiros

mais modernos⁹¹. No Brasil, como já se discutiu, durante o período da ditadura militar, reforma-se o discurso político, com uma crescente ênfase nas ações higienistas e com ele a necessidade de fazer uma reforma sanitária e urbanística. Cresce o movimento por uma educação mais abrangente sobre a tutela do estado⁹², que contemple uma higiene corporal e uma ginástica que fortaleça o “tipo físico” e moral do brasileiro. É nesse sentido que o esporte passa a ocupar um lugar de maior destaque no cotidiano da população. O esporte ganha ação diferenciada⁹³, já que é pautado por regras, e exigindo certo modo de se comportar, ocupa um espaço cada vez mais amplo nesse processo de inter-relação crescente que se estrutura nesse período de emergência de centros urbanos cada vez mais influentes.⁹⁴ E é para tentar situar o futebol piauiense como parte desse processo que desenvolve-se a discussão a seguir.

Na sessão de esportes do “Jornal do Piauí”, do dia 20 de junho de 1972, Carlos Said comenta sobre as condições físicas do Lindolfo Monteiro⁹⁵. Faz uma crítica a situação do estádio e nos mostra os usos do mesmo.

⁹¹Em maio de 1969 foi estabelecido convênio entre o então CNRH – IPEA, órgão do Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, em convênio com a Divisão de Educação Física (DAF) do Ministério da Educação e Cultura para a elaboração do Diagnóstico da Educação Física e dos Desportos no Brasil. O diagnóstico é obra paradigmática da crença do regime militar no poder das técnicas de planejamento centralizado, pelo qual a necessidade de se conhecer a realidade frente às condições do setor esportivo de então se mostravam vitais a qualquer esforço de ação racional e estruturada, segundo os “cânones das modernas ciências administrativas”, para a promoção de seu desenvolvimento.

⁹²Até 1969, os recursos federais para o esporte eram providos por concessões ordinárias e extraordinárias, subvenções e isenções, mas os propósitos do regime para a área 136 necessitavam de um padrão de financiamento mais robusto e regular, o que seria atendido como o Decreto-Lei n.º 594, de 27/05/1969, que instituiu a Loteria Esportiva Federal, destinando 30% de seus rendimentos líquidos para programas de educação física e atividades esportivas. Logo em seguida, o Decreto n.º 64.905, de 29/07/1969, considerando a necessidade de planejar a aplicação “útil e racional” de tais recursos, constituiu, no Ministério da Educação e Cultura, Grupo de Trabalho formado por representantes da CBD, CND, COB, CBDU e de outras entidades vinculadas à educação física e aos esportes para elaborar em trinta dias o “Plano Nacional de Esportes, Educação Física e Recreação”. A regulamentação do uso dos recursos da Loteria Federal para o esporte (30%) deu-se inicialmente com o Decreto n.º 66.118 de 26/01/1970 que os repassava diretamente ao CND (BRASIL, 1970A). Posteriormente os Decretos n.º 68.702, de 03/06/1971 e n.º 68.703, de 03/06/1971 reorientaram a destinação para o Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação – FNDE. Cf.

⁹³ O movimento Esporte para Todos - EPT no Brasil teve início em 1973, sendo o movimento formalizado em 1975 quando Lamartine Pereira da Costa, por razões da proximidade entre o regime militar e a Rede Globo de televisão, conseguiu desta emissora o apoio institucional para a campanha MEXA-SE, tida por Costa como etapa fundamental do processo de desenvolvimento do EPT no Brasil. O movimento foi institucionalizado, em 1977, como a Campanha Esporte Para Todos no Brasil por meio da parceria entre o DED/MEC e o MOBREAL e tendo Costa como coordenador. Os dados oficiais citam que a Campanha EPT articulou rede de informações por meio de rádio jornais e revistas, treinando 9.700 agentes voluntários em dois terços dos municípios brasileiros, com a abrangência de 10 milhões de participantes. A Campanha EPT envolveu a participação de estados, municípios e a iniciativa privada.

⁹⁴Cf. LUCENA, Ricardo de F.. O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro Campinas, SP: [s.n.], 2000.p.11.

A cancha do Estádio Lindolfo Monteiro encontra-se danificada. O gramado está morrendo porque pisada diariamente não bastando 4 jogos pelo campeonato (por semana) e mais alguns amistosos caça-níqueis sem nenhum sucesso tecnicamente, 600 moças treinam regularmente no período de 16 às 18 horas.⁹⁶

É possível perceber também, que ele critica a falta de outro palco para futebol, mas nos leva a perceber o processo de crescente inter-relações à nova mentalidade advinda, que produz um interesse pelos esportes e pelos diferentes segmentos sociais e há uma crescente participação da população nas práticas esportivas da cidade . Ao situar sobre a dinâmica do estádio, permite-nos perceber melhor ao longo da leitura das crônicas, algumas das temáticas elaboradas pelos cronistas da capital, que abordam temas e permitem-nos ler sobre a história da cidade de Teresina. Assim, esse tema serve de pretexto para que o cronista aponte que:

Teresina possui apenas um campo de futebol (estádio?). Existem os críticos e desacreditados que não desejam a construção do ALBERTÃO. Todas as práticas esportivas têm que ser realizadas no Lindolfo Monteiro como se não existissem áreas disponíveis em Teresina para o treinamento de 600 moças colegiais e mais os jogos do campeonato suburbano de futebol. Desejo apenas que, no instante das críticas sobre o estado lamentável em que se encontra o campo de jogo da nossa única praça de esportes, os APEDEUTAS não lancem a culpa sobre a imprensa, desabando, por outro lado, céus contra a minha cabeça. É hora de corrigirmos defeitos prevalecendo o bom-senso da administração para que o futebol, muitos defendem como desenvolvido, não seja atrofiado pelas mazelas de quem pensa numa cidade como Teresina, crescendo e multiplicando sua população, dispondo de precária praça esportiva denominada estádio e que não passa de um simples campo de futebol.⁹⁷

O cronista partia do princípio de que a cidade estava sobregarregada de práticas esportivas e precisava da construção de um estádio, que não fosse apenas um simples campo de futebol. Assim, encarregava-se de, por meio das crônicas, registrar o apoio a construção do estádio, um dos elementos que marcam o vínculo do cronista ao jornal. Nas crônicas esportivas, os jogos, as torcidas, a construção do Albertão, as peladas e o futebol suburbano são temas freqüentes nas narrativas dos cronistas. Assim, as crônicas nos possibilitam perceber os temas elaborados pelo cronista, que escreve sobre o cotidiano em que estava inserido, nos ajudando a captar expressões e aspectos específicos do dia- a - dia da cidade.

Por isso, o cronista tratava da construção do estádio, mas para chegar a isso, dizia os preceitos de uma nova realidade, de novas práticas. Nesse sentido, utiliza-se a relação entre as

⁹⁶ Jornal do Piauí, Teresina, 25 de maio de 1972.

⁹⁷ Ibid.

memórias individuais e memórias coletivas sobre cotidiano da cidade, pois os cronistas fazem de suas crônicas *enquadramento da memória*⁹⁸ já que executam um trabalho de seleção de lembranças, no sentido da formalização de uma memória. Para Pollack, o trabalho de enquadramento da memória se sustenta sempre do material fornecido pela história, que pode ser guiado “[...] pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro.”⁹⁹ As crônicas esportivas da primeira metade dos anos 70 dão suporte para a análise. Entre os aspectos cotidianos encontrados nas crônicas estudadas estão, o patrimônio arquitetônico, as paisagens, os jogos, as tradições e costumes, certas sociabilidades, a linguagem e expressões usuais.

No que toca a localização dos campos de futebol, nota-se que os jornais da década de 1960 e até o início da década de 1970 noticiam sobre os campeonatos suburbanos, mapeando os locais de prática do esporte nesse período.

Tabela de hoje pelo suburbano

Brasil F.C x Pio XII – Na preliminar do jogo River e Caiçara

S. Miguel x Luzo Comercial – *Itamaraty*

Leão XIII e Santa Fé – 25°BC¹⁰⁰ [Grifos nossos]

Podemos perceber que a tabela destaca os lugares dos jogos dos campeonatos suburbanos. Os jogos aconteciam no Lindolfo Monteiro, no campo do Itamaraty, no 25°BC, como também no campo do Aeroporto e do Bariri. Nesse sentido, pensa-se na localização dos campos de futebol - que com o passar do tempo - os campeonatos suburbanos por envolver os Na prática, a questão da segregação dos espaços futebol não teve tanta aderência em Teresina em relação à regulação dos espaços e sociabilidade dos praticantes. O que nota-se é a diminuição ou a pouca importância dada pelos jornais em mapear e divulgar os campeonatos suburbanos. Em boa parte, isso se deve à ascensão do futebol profissional entre, 1971 a 1975 e dos seus novos espaços de sociabilidade criados durante esse período.

Seguindo a ideia de adequação dos/aos espaços¹⁰¹, foi publicada uma denúncia/campanha pelo Jornal do Piauí, na coluna Bate-Bola de Carlos Said dando conta da

⁹⁸ O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história, com o intuito de perceber como os cronistas relacionavam o cotidiano da cidade. E como esses aspectos estruturam nossa memória e se inserem na memória da coletividade a que se pertence. As crônicas são, assim, um momento de proposição que enfoca os acontecimentos do dia-a-dia e que, por isso, mantêm uma relação íntima com o tempo vivido. Portanto, podem também ser aqui consideradas como uma escrita do tempo. E o cronista, de olho no mundo que o cerca, é ávido pela atualidade.

⁹⁹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, vol. 2, n° 3.p.3-15.

¹⁰⁰Jornal O Dia, Teresina, 23 de junho de 1964.

de uma prática perigosa no estádio Lindolfo Monteiro, como uma questão de cuidado com as crianças e com a juventude. Advertia o cronista:

Comecei a campanha. Vou levá-la ao conhecimento do secretário de segurança do Estado, Dr. Raimundo Marques, e comandante da polícia militar do Estado, coronel Tupy Caldas. Trata-se da campanha sobre os alunos que se tem verificado por ocasião dos grandes jogos realizados no Estádio Municipal Lindolfo Monteiro. Crianças, rapazes e jovens sobem em muros de casas residenciais e de repartições públicas; se empoleiram em telhados de casas e janelões da casa do estudante; se amontoam – uns por cima dos outros – no cimo das árvores, isto é, nos galhos mais altos de árvores frondosas, nas vizinhanças do Estádio. A campanha tem por finalidade solicitar daquelas autoridades que não mais permitam a presença de crianças, rapazes e jovens em locais perigosos e inacessíveis ao campo de jogo do Estádio Municipal Lindolfo Monteiro.¹⁰² [Grifos nossos].

Mesmo não se questionando sobre as razões das crianças e jovens se amontoarem nas proximidades do estádio, o cronista adverte sobre o perigo de acompanhar os jogos em lugares perigosos, é interessante notar do emprego da expressão “solicitar daquelas autoridades que não mais permitam” enfatizando que são praticas nocivas à ordem do jogo e um risco a vida às crianças e a juventude da cidade. Dentro dessa configuração, há a expressão de um controle, que cada vez mais representa um novo equilíbrio entre prazer e restrição e, talvez, uma forma de engessar a forma de desfrutar de emoções, de prazer pessoal coerente com a "expectativa" do Estado.¹⁰³

Assim, percebe-se o futebol como elemento de recolocação do indivíduo no espaço público urbano. Por isso é que, o cronista atua na constituição disciplinar do indivíduo e compelindo-o a cooperar com a coletividade “para um fim determinado”, os problemas e as desvantagens do futebol as novas formas de comportamento que vão mudar a relação dos homens com a cidade.¹⁰⁴ É nessa perspectiva que lança-se o olhar a partir de agora, a organização do futebol profissional da cidade (espaços de jogo, campeonatos e times) como eixo desse processo de regulação dos espaços e como parte do cotidiano das pessoas.

¹⁰¹ Na prática, a educação física e higiene social se transformam em uma coisa só, pois *não existe progresso físico sem ordenação das pessoas e dos espaços*. Assim, tudo se torna questão de ordem, dadas através da perseguição às casas de jogos, aos prostíbulos e o combate ao alcoolismo, por um lado, e a demanda de policiamento em dias de jogos de futebol. O esporte se torna apenas mais um elemento da pedagogia social e urbana, sendo muito difícil estabelecer os limites práticos das duas modalidades eugênicas, pois a cartilha é a mesma: desenvolvimento e combate à decadência intelectual, moral e física; e ordenação social e espacial da cidade. [Grifos nossos]

¹⁰² Jornal do Piauí, Teresina, 26 de abril de 1972.

¹⁰³ Cf. LUCENA, Ricardo de F.. O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro Campinas, SP: [s.n.], 2000.p.11.

¹⁰⁴ Ibid.

A campanha para construção do estádio é registrada pelos cronistas *como um templo para um futebol*, cria-se a partir daí, expectativa em torno dessa obra tida como símbolo da prosperidade, possibilitando aos piauienses o contato com o futebol nacional e a dinâmica para os campeonatos do estado. Como também, para os desejados jogos da seleção brasileira, que seriam uma realidade e uma alavanca da empreitada de construção da auto-estima da população local.¹⁰⁵ A condição para a participação do Campeonato Nacional possibilitou a evidência dos times piauienses.

Fizemos um estádio porque me procuraram e me disseram ‘Governador, o Piauí é o único Estado que não pertence, não participa do campeonato nacional’. Aí eu disse: ‘Por quê? É por que não tem estádio?’ E na época do tri do Pelé, no auge com seus companheiros [...] aquele hino empolgava todo mundo, o Piauí também estava empolgado, queria um estádio, e aí, muito bem, então vamos fazer um estádio. Comuniquei ao presidente Médici. Eu disse que queria um estádio e ele disse ‘você tem dinheiro lá, então tá certo, então é com o senhor.’ [...] Aí nós começamos a trabalhar no estádio, a trabalhar nas bases, no campo de futebol e etc. Eu estava convencido de que a CDB, naquele tempo o João Havelange era o dirigente, ele não nos daria autorização pro Piauí entrar no campeonato nacional. Um dia, lembro bem da data 21 de abril, o João Havelange ligou pra mim e disse: ‘Governador, nós fizemos um estudo aqui, o Piauí vai poder entrar no campeonato nacional’¹⁰⁶ [Grifos nossos].

O governador registra-se como figura de destaque da construção da obra e evidencia as projeções e as possibilidades que o Piauí garantiu com o empreendimento. Como afirmou Cláudia Cristina Fonteneles, “o Albertão tornou-se um espaço de evocação de rastros do político que lhe emprestou o nome, seja como espaço físico, seja pela denominação recebida, que provoca no tempo presente, lembrando-o constantemente do homenageado e funcionando como arquivo dessa memória”¹⁰⁷. Sobretudo se considerarmos a história regional do Piauí e a importância para o Estado representada pela construção do estádio. Além disso, a construção da memória em torno do bom desempenho dos times locais durante esse período mostra-se a necessidade de entrar “em campo e participar do jogo”¹⁰⁸

¹⁰⁵ FONTINELES, C. C. S.. Estádio Albertão: entre a memória recitada e o apagamento de rastros. In: Francisco Alcides do Nascimento. (Org.). *Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras*. 1ed. Teresina/Imperatriz: EDUFPI/Ética, 2010, v. 1, p. 106.

¹⁰⁶ SILVA, Alberto Tavares. *Entrevista concedida à Cláudia Cristina da Silva Fontenele*. Teresina, 3 out. 2006.

¹⁰⁷ FONTINELES, C. C. S.. 2010, v. 1, p. 106.

¹⁰⁸ FERREIRA, João Fernando P. *A Copa de 70, o governo Médici e a construção do Morenã*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011. Acesso em 12 de maio de 2014

¹⁰⁸ LUCENA, Ricardo de F.. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro* Campinas, SP: [s.n.], 2000.



Figura 4: Inauguração da primeira etapa da construção do Estádio Albertão – 26.08.1973. Acervo do Arquivo Público do Estado do Piauí.

Os clubes de futebol do estado são parte da representação de uma nova realidade do futebol piauiense durante os primeiros anos da década de 1970. O time do Tiradentes¹⁰⁹ é o maior representante das conquistas do período estudado, há um processo de identificação¹¹⁰ do torcedor com os times locais, o que remonta a revitalização frente às práticas esportivas em Teresina durante esse período. O investimento nos clubes e as mobilizações em torno do futebol ganharam força por diversos setores. O futebol mobilizou segundo os usos e as funções que nele se encontravam, ou segundo os encargos e as diretrizes de quem com ele se relacionava. E ainda pode ver-se, de forma indutiva, o que e quem ele representa.

¹⁰⁹A Sociedade Esportiva Tiradentes surgiu em 30 de junho 1959, foi fundado por sargentos e subtenentes da Polícia Militar do Piauí. Campeão Piauiense de Futebol cinco vezes 1972, 1974, 1975, 1982 e 1990 e cinco vezes campeão Nacional 1973, 1974, 1975, 1979, 1983. Hoje, o time atua apenas nas categorias de base e o futebol feminino, tendo participado do Estadual Sub-18 deste ano e da Copa do Brasil.

¹¹⁰ O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar com a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação. Cf. HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1870: Programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2008., p. 171.

PUBLICO DEVE PRESTIGIAR E INCENTIVAR O TIRADENTES

O Tiradentes enfrenta esta noite no Lindolfo Monteiro a equipe do Itabaiana, em partida que deverá ser assistida por grande massa que irá pra campo para incentivar o representante piauiense no certame da CBD.

O TIRADENTES

O treinador Paulistinha está confiante no sucesso de sua equipe que conseguiu expressivo resultado, domingo em São Luis, ao empatar com o Sampaio em 0x0. O empate na ilha serviu para estimular até mesmo a torcida piauiense que já acredita na possível conquista do Tiradentes no certame da Confederação Brasileira de Desportos.

ESPERAM COLABORAÇÃO

Como se sabe, o Tiradentes é um clube que tem apenas 11 meses com seu time de profissionais, pois a agremiação somente participava de jogos amadores e praticando o futebol de salão e, em apenas 11 meses o Tiradentes já conquistou o que muitos times filiados a FPD não conseguiram em mais de 20 anos. Devido a pouca existência o Tiradentes é um time que possui pouca torcida o que é normal, mas espera contar com o apoio dos desportistas piauienses que deverão comparecer ao Lindolfo Monteiro para incentivar o único representante piauiense na fase final do campeonato Nacional da Primeira Divisão. *A verdade é que o Tiradentes já realizou muito sem o apoio da torcida chegando à hora e vez do público em colaborar com um clube que na realidade surgiu para projetar no Brasil o futebol piauiense*¹¹¹ [Grifos nossos]

O funcionamento do time Tiradentes estava atrelado ao governo de Alberto Silva, projetado para atuar em 1972 com contratações de jogadores de renome. O clube possuía uma nova política de arrecadação de recursos, ligado à corporação da Polícia Militar do estado – segundo os seus dirigentes, o Tiradentes vivia das contribuições dos seus associados¹¹²– essas contribuições eram tidas através de descontos na folha de pagamento da Polícia Militar para subsidiar o time.¹¹³ O plantel almejado pelo presidente do time, Coronel Tupy Caldas concretizou-se pelo investimento na contratação de bons jogadores¹¹⁴ para atuar nos jogos nacionais.

Em Teresina, o futebol era permeado por rivalidades entre os times locais; Sociedade Esportiva Tiradentes, River Atlético Clube¹¹⁵, Esporte Clube Flamengo¹¹⁶, Piauí Atlético Clube¹¹⁷, Auto Esporte¹¹⁸, Parnaíba¹¹⁹, Botafogo¹²⁰ e Fluminense¹²¹ destacaram-se nos

¹¹¹ Jornal O Dia, Teresina, 7 de março de 1972.

¹¹² Jornal do Piauí, Teresina, 9 de março de 1972.

¹¹³ Ibid.

¹¹⁴ Em 1972, o time do Tiradentes atuava com jogadores como Serjão, Murilo, Tinteiro, Eliezer, Caveirinha, Soares, Chiclete, Luizinho e Wagner.

¹¹⁵ O ano de 1946 é considerado pelo River o ano oficial de fundação do clube. Era formado por um grupo de estudantes do "Ginásio Leão XIII", à época dirigida pelo professor Antilhon Ribeiro Soares, que posteriormente fundaram uma a sociedade desportiva com o nome de River Atlético Clube.

¹¹⁶ O Esporte Clube Flamengo foi fundado a 8 de dezembro de 1937, pelo senador Raimundo Melo de Arêa Leão.

¹¹⁷ O Piauí Esporte Clube dói fundado em 1948.

¹¹⁸ O Auto esporte foi fundado em 1951 por motoristas autônomos de Teresina.

¹¹⁹ O Parnaíba é o time mais antigo do estado. Foi fundado em 1913.

Campeonatos Piauiense de 1971 a 1975. Entre 1973 e 1974 a inserção e a participação do Piauí no campeonato nacional¹²² aparecem nas séries das crônicas esportivas:

Haverá um torneio seletivo entre as equipes do Tiradentes, River e Flamengo. Nos próximos dias, depois do retorno do Presidente da Federação Piauiense de Desporto, os jogos do Torneio Seletivo serão programados e marcados pela entidade desportiva que, acaba – dessa maneira – com o balaio de gatos e a guerra que se fez em torno do nome da Sociedade Esportiva Tiradentes, depois que meio mundo desportivo do território nacional havia afiançado que o amarelo campeão de 72 estava definitivamente escolhido pela CBD, dentre 36 clubes, participantes do Campeonato Nacional, edição/73.¹²³

O torneio seletivo foi disputado em seis datas (22/04; 25/04; 29/04) e (02/05; 06/05; 09/05), envolvendo as três equipes da primeira divisão do Campeonato Piauiense, que recebeu a denominação de torneio “Alberto Silva” e contou com grande presença do público. Quase dez mil pessoas acompanharam o primeiro jogo entre River¹²⁴ e Tiradentes¹²⁵, que terminou com a vitória do Tiradentes por 2x1. O segundo encontro foi entre Flamengo e River, com empate de 0x0 e o terceiro encontro da rodada foi entre Flamengo¹²⁶ e Tiradentes, que contou como juiz José de Assis Aragão da Federação Paulista de Futebol, o jogo terminou empatado em 0 x 0. A segunda rodada do seletivo iniciou com jogo entre River e Flamengo, e também houve finalização em 0x0. O segundo jogo foi entre Flamengo e Tiradentes, a partida foi mediada por Luiz Carlos Félix da Federação Carioca de Desportos, e terminou empatada em 1x1. O último jogo foi entre River e Tiradentes, o time do River conseguiu o empate de 1x1 aos 45 minutos do segundo tempo, assim, a decisão foi adiada. A disputa final foi entre River e Flamengo, que terminou em 1x1, resultado que classificou o Tiradentes.

¹²⁰ O time do Botafogo teve sua fundação na década de 1930.

¹²¹ O time do Fluminense teve sua fundação na década de 1930.

¹²² Na coluna Bate Bola do Jornal do Piauí do dia 04 de abril de 1973, Carlos Said escreve que o presidente da CBD João Havelange em entrevista ao Programa Informativo da Agência Nacional condicionou a participação do Piauí no campeonato Nacional de 1974 à construção e inauguração do estádio com capacidade para 40.000 pessoas. De acordo com o pronunciamento do presidente o campeonato brasileiro da divisão extra teria mais 4 estados e o Distrito Federal e indicou os estados: Espírito Santo, Santa Catarina, Mato Grosso, Piauí e a cidade de Brasília. O cronista discorre ainda sobre a reunião de desportistas piauienses com o General Emilio Médici, entre os desportistas estavam, Renato Lopes da FPD, Jesus Elias Tajra, da Rádio Pioneira de Teresina, João Rodrigues Filho, presidente do Flamengo, Afrânio Nunes, presidente do River e o Coronel Tupy Caldas do Tiradentes. Na ocasião, solicitaram a inclusão do futebol piauiense no Nacional de 1973.

¹²³ Jornal do Piauí, 14 de abril de 1973.

¹²⁴ Time do River: Dê, Luizinho, Nilson, Ozires, Birunga, Gerson, Paulo Choco, Chumbinho, Julio (César) Rômulo e Derivaldo.

¹²⁵ Plantel do Tiradentes: Paulo Figueredo, Célio (Esteves), Artur, Murilo (Serjão), Tinteiro, Eliézer (Soares), Joel, Mano, Sima, Ventilador (Mimi) e Xavier.

¹²⁶ O Flamengo foi a campo com: Edson, Carlinhos, Carlão, Martintin, Edair, Erci, Decio Costa, Gringo, Mota, Tião, Leo.

TIRADENTES CLASSIFICADO

Com empate de domingo o grande beneficiário foi o time do Tiradentes que assim será o representante do futebol piauiense no Campeonato Nacional deste ano. Logo depois de terminada a partida entre Flamengo e River a alegria era enorme em meio a jogadores, diretores e torcedores do quadro campeão piauiense, pois o time sagrou-se campeão do seletivo, *estando conseqüentemente entre os participantes do maior campeonato do mundo.*¹²⁷
[Grifos nossos]

Muito embora tenha sido publicado o resultado da classificação do Tiradentes sobre os jogos do Torneio Alberto Silva, ainda restava um jogo. Os dois quadros chegaram à final empatados e nesse sentido necessitava-se de uma partida extra, mas sem dar brecha ao Flamengo, o Tiradentes consolidou-se o representante do Piauí no campeonato Nacional de 1973¹²⁸. A organização dos torneios e campeonatos nos mostra os aspectos do envolvimento das torcidas e dos jogadores, como de forma particular se envolviam nos jogos, do ponto de vista da aproximação do futebol, enquanto instituição oficial às associativas de torcer para a projeção dos times e craques.

¹²⁷ Jornal do Piauí, Teresina, 15 de maio de 1973.

¹²⁸ O Campeonato Brasileiro de Futebol de 1973, originalmente chamado de Terceiro Campeonato Nacional de Clubes pela CBD, foi à décima sétima edição do Campeonato Brasileiro. A política de convites da CBD aboliu a 2ª Divisão e inchou o Campeonato Brasileiro para uma disputa com 40 clubes de 20 Estados.



Figura 5: O time riverino de 1973 em jogo para o Torneio Seletivo. 13 de maio de 1973. Acervo pessoal de Severino Filho.



Figura 6: Tiradentes, 1973. Toinho, Murilo, Artur, Célio Rodrigues, Eliezer e Tinteiro. Neviton, Sima, Joel, Caio e Bira. Melhor fase do futebol piauiense. Acervo Pessoal de Deusdeth Nunes.

Segue-se a ideia de que a vitória do Tiradentes associa o time à missão de representar o poderio do futebol local, como uma questão de honra e caráter, no intuito de elevar a imagem do estado perante os outros da federação brasileira.

Ademais o presidente do Tiradentes, Coronel Tupy Caldas viajou para o Rio de Janeiro, à procura de imediatos reforços que tranquilizem a equipe dirigida pelo técnico Castilho, em face das proximidades do Campeonato Nacional de clubes, promoção da Confederação Brasileira de Desportos. Certo que o Tiradentes está pensando ansiosa e maduramente no “bi” piauiense. Por isso mesmo, os reforços virão a calhar para as duas coisas. O certame preparará indubitavelmente o time para o certame nacional e o Tiradentes poderá contar com auxílios do River e Flamengo (Osires, beque central e Gringo, ponta direita), mas depois de terminado o campeonato haverá auxílios: tricolor e rubro negro.¹²⁹

As matérias sobre o preparo para o desafio nacional do Tiradentes mostravam como o dirigente – em viagem Rio de Janeiro, Coronel Tupy Caldas – foi à procura de reforços no eixo sul- sudeste, sendo uma procura para a disputa do campeonato estadual e o brasileiro de clubes – do qual garantiu a vaga – Assim a crônica do “Jornal do Piauí”, no acompanhamento desse desafio, ainda informava sobre as contratações e reforços disponíveis dos dois times que também participaram do seletivo. O futebol piauiense ganha nesse sentido um perfil mais cosmopolita durante esse período, esse ponto diz respeito à associação entre os clubes piauienses¹³⁰ e os jogadores de grandes centros urbanos. Assim, o futebol piauiense passa a ser composto de “ídolos consagrados” nacionalmente. A formação do time do Tiradentes com esses jogadores tornou-se a representação dos “piauienses” nos grandes jogos. Nesse sentido, cria-se a imagem positiva do estado e dos jogadores, medida pelo envolvimento das torcidas nos campeonatos estaduais e interestaduais.

O coronel Canuto Tupy Caldas, presidente da Sociedade Esportiva Tiradentes, adquiriu junto a clubes de futebol carioca nada mais do que cinco jogadores que servirão de reforços para o time militar disputar o próximo campeonato nacional. Entre os jogadores que virão para o Tiradentes destaca-se o centroavante CAIO que foi campeão carioca pelo Flamengo e ainda artilheiro do clube rubro negro e que atualmente defendia o América da Guanabara. Foi, sem dúvida nenhuma, uma grande aquisição do Tiradentes, pois o citado jogador é, realmente, excelente craque. Os outros

¹²⁹ Jornal do Piauí, Teresina, 26 de maio de 1973.

¹³⁰ Sobre os reforços do sudeste vindos para atuar no tricolor piauiense, Carlos Said escreve na Coluna Bate Bola no dia 26 de maio de 1973: os reforços tricolores chegaram apra a alegria da torcida do River. Afirmou-recentemente – o presidente Afrânio Nunes: “O jogador Botelho, da Portuguesa e com contrato firmado com o River, até janeiro/74, é a maior explosão de jogadores de que dispõe.” Para o time rubronegro o reforço também veio do Rio de Janeiro com a contratação de Jorge Luís.

quatro jogadores são: Carlos Alberto, Marinho, Dias e Russo e pertenciam a Corinthians, Fluminense, São Cristovão e Portuguesa, respectivamente.¹³¹

O futebol profissional em Teresina aqui em estudo constituiu-se identitariamente durante os primeiros anos da década de 1970 através não só das alterações nos aspectos comportamentais, mas também da produção e do consumo esporte. A emergência de um conjunto de ações que projetavam o futebol, e ganhava destaque na imprensa, funcionou como símbolo dessa nova sociabilidade entre os homens, na prática, é algo que estava além da questão da ordenação dos espaços e dos costumes, estava na projeção e filiação dos jogadores, torcedores e cronistas ao futebol, como também, através da apropriação pelo Estado dos efeitos positivos da mobilização dos expectadores em partidas de futebol, retirando desses momentos seus dividendos políticos.¹³²

A estréia do Tiradentes no campeonato Nacional era o espetáculo esportivo para a inauguração do Estádio Albertão. A crônica imprimia o clima festivo que a capital vivenciava. O Fluminense do Rio de Janeiro foi o adversário do time piauiense e trouxe para campo o seu time titular¹³³. A inauguração parcial do Estádio, que aconteceu, dia 26 de agosto (domingo), foi marcada por uma vasta programação. Na manhã do dia (26/08) foi realizada uma missa no estádio, que teve a presença do governador Alberto Silva, autoridades, da imprensa e dos operários da obra. Às 14h da tarde, no Hall nobre do estádio aconteceu o descerramento das placas comemorativas. Deu-se continuidade as solenidades com o desfile de Bandeiras dos clubes da capital e da execução de outros símbolos nacionais, o time entra em campo. Esse momento torna-se emblemático, pois o governador, que entrou em campo com os capitães das equipes, deu um chute simbólico ao gol.¹³⁴

Depois de toda a expectativa gerada a população, - em torno da construção e inauguração do estádio com o jogo do Campeonato do Nacional de Clubes,- tornaram-se realidade. O público prestigiou em peso a partida. “[...] A massa popular se comprimia em toda área disponível do estádio, e a cada instante crescia o seu número. Era uma multidão a se acotovelar nas arquibancadas, gerais e cadeiras especiais [...]”¹³⁵O jogo é iniciado e dentro do contexto de uma presença forte do público piauiense e de celebração ao novo momento do futebol piauiense. O aspecto solene, festivo e oficial do jogo aspecto é interrompido aos vinte

¹³¹ Jornal do Piauí, Teresina, 30 de maio de 1973.

¹³² MAIA NETO, V. M.. Futebol, Imprensa e cidade: o processo de especialização da crônica esportiva em Fortaleza (1921-1930). Fortaleza, 2014.

¹³³ Jornal do Piauí, Teresina, 24 de agosto de 1973.

¹³⁴ Jornal do Piauí, Teresina, 26/27 de agosto de 1973.

¹³⁵ Jornal Correio do Povo, Teresina, 27 de agosto de 1973.

e cinco minutos iniciais do jogo. Segundo as matérias que circularam notícias sobre o acontecimento, um avião da força aérea sobrevoava o Estádio em baixa altitude e quando se aproximou da área do placar causou tremor na arquibancada. Neste avião estava o Presidente da CBD, João Havelange. Além do tremor, outro fator ocasionou pânico entre os expectadores da partida. Um torcedor levantou a hipótese da queda do estádio e gritou afirmando o desmoronamento. As pessoas em desespero forçaram uma parte da grade de segurança da arquibancada, que não resistiu e rompeu. Centenas de pessoas caíram em um fosso com três metros de profundidade.¹³⁶

Esse imprevisto em que o festivo deu palco à tragédia¹³⁷ deixou oito vítimas, setenta pessoas foram hospitalizadas e trezentas ficaram feridas.¹³⁸ A partida entre “Tiradentes” e “Fluminense”, foi interrompida por cerca de uma hora, houve prosseguimento, mas o resultado ficou em 0x0. A partida em inauguração parcial do Albertão teve um público de trinta e três mil pessoas com renda de 169 milhões de cruzeiros.¹³⁹

O Tiradentes seguiu no certame nacional e na primeira fase o time ficou invicto até a nona rodada, período em que venceu três jogos e empatou nove, sofrendo apenas um gol¹⁴⁰. A crônica noticiava os jogos e destacava as tabelas de classificação dos times. O Tiradentes encontrava-se entre os vinte primeiros.¹⁴¹ Com a finalização da segunda fase e a proximidade da estréia nas semifinais do Tiradentes no Campeonato Nacional, a crônica esportiva passou a noticiar os preparos do time e as tabelas com as datas para as partidas.

Com os clubes divididos em dois grupos de 10, a Confederação Brasileira começará no dia 12 de janeiro as semifinais do seu campeonato. Essa penúltima parte do grande certame nacional terminará dia 10 de fevereiro. O primeiro jogo do Tiradentes, representante piauiense, ocorrerá no dia 13 de janeiro, em Fortaleza contra o Ceará. Serão classificados para a fase final os dois melhores colocados de cada um dos grupos da fase semifinal e fase final, com a participação dos quatro times, será disputada em um só turno, jogando todos eles entre si. Essa fase será disputada de 13 a 20 de fevereiro.

GRUPO UM

Dia 12 de janeiro, sábado: em São Paulo: Corinthians x Bahia

¹³⁶ Jornal O Dia, Teresina, 26/27 de agosto de 1973.

¹³⁷ FONTINELES, C. C. S.. 2010, v. 1, p. 106.

¹³⁸ Ibid.

¹³⁹ Ibid.

¹⁴⁰ FILHO, Severino. Memória do futebol piauiense. v.1, Teresina, 2014.

¹⁴¹ Cruzeiro 1 x 1 Tiradentes; 02.09 Moto Clube 0 x 1 Tiradentes; 05.09 Payssandu 0 x 2 Tiradentes 09.09 Botafogo 0 x 0 Tiradentes; 12.09 América RJ 0 x 0 Tiradentes; 16.09 Corinthians 0 x 1 Tiradentes; 22.09 América MG 0 x 0 Tiradentes; 26.09 CRB- AL 1 x 1 Tiradentes; 30.09 Figueirense SC 1 x 0 Tiradentes; 03.10 Tiradentes 2 x 1 Coritiba; 07.10 São Paulo 2 x 0 Tiradentes; 14.10 Internacional 2 x 1 Tiradentes; 17.10; Tiradentes 0 x 0 Sport Recife; 21.10 Tiradentes 0 x 0 Nacional (AM); 24.10 Bahia 1 x 0 Tiradentes ; 28.10 Tiradentes 0 x 1 Guarani; 04.11 Tiradentes 1 x 0 Fortaleza; 07.11 Tiradentes 2 x 1 CEUB).

Dia 13 de janeiro, domingo: em São Paulo: Palmeiras x Curitiba; Atlético x Internacional em Minas Gerais; Na Guanabara: Vasco x América Mineiro; Ceará x Tiradentes em Fortaleza.¹⁴²

O jogo marcado para o dia 13 de janeiro, em Fortaleza, entre Ceará e Tiradentes, finalizou com o placar de 2 x 1 para os piauienses. Foi considerado um sucesso pela crônica esportiva teresinense, tanto pelo número de torcedores (19.866 pessoas) que presenciaram o jogo no Estádio Castelão, quanto pelo fato de ter sido a primeira experiência do Tiradentes na semifinal do Campeonato Nacional, como também o fato de ganhar o jogo nessa primeira rodada, foi considerado como sintoma de boa qualidade técnica dos jogadores, consolidando nomes como Joel, Sima¹⁴³ e Marinho. Nas semifinais do certame nacional em 1973, a participação do Tiradentes se mostrou regular até a quarta rodada, dando início a uma sucessão de derrotas.

Em 27 de janeiro de 1974 o Tiradentes perdeu por 2 x 1 do Vasco da Gama, em partida disputada no Rio de Janeiro. No jogo do dia 03.02, em Teresina o time piauiense foi “varrido” pelo Palmeiras (0x5), no jogo da sétima rodada valendo a classificação. Mesmo assim, os ânimos não se abateram, e posteriormente à derrota, o representante piauiense, a que viajou a São Paulo e jogou com o Corinthians, no Pacaembu, dia 06. 02, o placar final foi de 3x0. Seguindo a tabela, na nona rodada e o último embate do time no campeonato de 1973, o jogo com o Curitiba, em Curitiba-PR terminou empatado em 0x0.

No dia 2 de março em crônica intitulada “Mais um técnico chega ao Tiradentes” é noticiada a chegada de Navarro para o comando do time piauiense.

Mais um técnico chega para o Tiradentes dando continuidade a já famosa dança dos técnicos que prolifera na maioria dos clubes de futebol do Brasil, o Tiradentes (para não fugir a regra) vem anunciar a contratação de seu novo técnico. Ivan Luís de Carvalho Navarro (Navarro), ex- jogador do América do Rio, Flamengo e Olaria, pouco mais de 40 anos, paraense, não é professor e nem fuma cachimbo. Eis suas principais características. Ele chega hoje a Teresina vindo do RN, onde ultimamente vinha treinando o ABC de Natal. Assumirá imediatamente o comando técnico do Tigre¹⁴⁴ [Grifos nossos]

¹⁴² Jornal do Piauí, 1 de janeiro de 1974.

¹⁴³ João Teles Bacelar é o maior goleador do futebol piauiense em todos os tempos. Em todo o norte-nordeste também é campeão de gols, com 530 assinalados como atleta profissional, no período de 1966 a 1987. Nascido no povoado de Matões, município de Miguel Alves (PI), no dia 07 de março de 1948, Sima foi campeão piauiense em 1967, 1968, 1969 (Piauí), 1974, 1975 (Tiradentes), 1977, 1978, 1980 (River), 1983 (Auto Esporte) e 1985 (novamente pelo Piauí). Cf. FILHO, Severino. *Memória do futebol piauiense*. Teresina, 2015.

¹⁴⁴ Jornal do Piauí, Teresina, 2 de março de 1974.

Outrora, a já enraizada prática da troca de técnicos no futebol repercutiu no Piauí, no auge da ascensão de um time do estado. Através da crônica, entende-se, a nova fase do futebol piauiense aliada aos discursos e as práticas são sublinhadas através dos grandes centros com vistas na sua incorporação e contextualização ao período de modernização do futebol piauiense. O Tiradentes estreou no campeonato sob o comando do novo técnico dia 17.10. O jogo contra o Fluminense teve o placar finalizando em (0x0). A segunda rodada aconteceu em jogo contra o Flamengo com vitória rubro negra por (4x0). Num jogo noticiado pela crônica como envolvente nos dez primeiros minutos da primeira fase, mas marcado pelo protesto do cronista pela deficiência em relação à ordem tática – Tiradentes e a América de Natal –, em 27 de março, fizeram um jogo pincelado com tonalidades extras de emoção e doses de cobrança ao desempenho do time.

Na quarta-feira à noite, o Tiradentes não esteve correto, mas jogou dez minutos tão - envolvente que acabou marcando dois gols, através de Sima (36 e 42), em passes sensacionais de Joel e Miltão, desarrumando a defensiva do América de Natal. Para o segundo tempo da peleja, já que os primeiros 35 minutos foram monótonos e cansativos, quando houve a explosão nos dois gols espetaculares do craque piauiense, o Tiradentes inexplicavelmente caiu na defesa e deixou o adversário vir pra cima da defesa “amarela” com vontade de fazer gols. [...] Mesmo assim, nos últimos cinco minutos de jogo, Xavier escorou uma bola de Joel chutada na trave adversária dando cifras definitivas ao marcador: 3x0.¹⁴⁵

O Tiradentes venceu por 3x0, no entanto, a vitória não significou uma postura de contentamento em relação à representação piauiense no campeonato. A publicação de Carlos Said fez com que mesmo com a vitória do Tiradentes sobre o América de Natal, apesar das circunstâncias, se configurasse em momento de dúvida do futebol piauiense frente ao Internacional.

[...] No entanto, a torcida considerou o placar justo em benefício do futebol piauiense que apresentou falhas até mesmo de ordem tática. Dessa maneira, considera-se o Internacional, em Porto Alegre, sábado, o favorito do jogo, embora a lógica recomende que futebol se ganha nas quatro linhas do gramado.¹⁴⁶

O aspecto crítico aos insucessos do Tiradentes teve como correlatos dois aspectos específicos: I – A desorganização do time-a crítica as falhas táticas da equipe; II – A falta de honra a camisa do time. Discutia-se sobre quais os melhores jogadores em cada posição, qual a melhor opção tática e qual o melhor time para se levar para campo. O aspecto crítico era

¹⁴⁵ Ibid.

¹⁴⁶ Ibid.

correlato do palpite, tendo em vista que seguia o critério de acompanhamento do calendário e organização do certame nacional. Assim, uma crônica do dia 16 de maio de 1974, publicada no “Jornal do Piauí”, o cronista bradava contra a organização do time pela derrota pelo Vasco.

Jogando ontem à noite no Albertão, pelo Nacional, o Tiradentes mais uma vez decepcionou apresentando, como vem fazendo um futebol medíocre e desordenado, caindo assim frente ao Vasco da Gama da Guanabara. O Tiradentes teve uma atuação que, como disse Carlos Sayd, foi feita apenas pelos fundos e comandada por elementos “FUNDOS”, sem expressão alguma no futebol mas bem compensados com o dinheiro desembolsado para tantos perna de pau.¹⁴⁷

Estes dois aspectos da cobertura e acompanhamento dos jornais sobre a participação do Tiradentes no Campeonato Nacional, de palpite e crítica, são eixos importantes para perceber os momentos épicos do esporte local. Se o futebol corroborou com a construção do imaginário dos grandes momentos da história do Piauí, e sua liga como participante do Campeonato da CBD contou com a corroboração do estado e, principalmente da imprensa, essa passou a cobrar, através da crônica esportiva, o desempenho sobre a histórica participação nos jogos no campeonato brasileiro de clubes entre os anos 1973 e 1974, fica claro qual o papel desempenhado pela imprensa esportiva nesse processo de corroboração e cobrança do Tiradentes como representante do futebol estadual.

O técnico Carlos Castilho continua enganado o povo piauiense afirmando que o Tiradentes vai se classificar para a fase final do Nacional de clubes. É claro que Castilho está defendendo o seu ganha pão, todavia não vá pensar que todo mundo é imbecil ou insensível para acreditar nestas suas lengas-lengas. Diz por exemplo que vai armar um time extremamente ofensivo e se assim fizer certamente que vai deixar a sua retaguarda fraca e por isso mesmo deverá tomar diversos gols.¹⁴⁸

Para a cronista, o Tiradentes tinha os seus dias contados no campeonato. A narrativa citada estava à revelia do sucesso da parceria futebol-imprensa na formulação de uma patente oficial do esporte nos primeiros anos da década de 1970, consagrados com a correlação entre profissionalização do futebol e especialização das colunas e dos cronistas em esportes, o período do regionalismo no futebol passou por uma reformulação, deram lugar ao duplo processo de associação: da participação de um time piauiense em campeonatos nacionais e início das narrativas dessa profissionalização do esporte por parte da imprensa.

¹⁴⁷ Ibid.

¹⁴⁸ Jornal do Piauí, Teresina, 24 de maio de 1974.

Nesse sentido, este capítulo buscou nas relações – futebol, imprensa e cidade, - entender o conjunto de discursos e práticas que tentavam organizar, dar sentido, e impor o consumo “adequado” ao esporte. A discussão em torno do cotidiano nas crônicas esportivas tentou elencar o conjunto de alterações nas práticas esportivas e no que toca sua relação com o poder público e através da imprensa esportiva, evidenciou-se as tensões e conflitos envolvidos na projeção do time do Tiradentes na participação dos campeonatos nacionais de 1973 e 1974 e no processo de modernização da cidade e do futebol. Assim, procurou-se analisar os limites da modernização empreendida pelo governo e sua apropriação na prática do futebol em Teresina.

3. ENTRE MEMÓRIAS: CARLOS SAID E DESDETH NUNES NO CAMPO DE JOGO



Figura 7: Deusdeth Nunes e Carlos Said em campo do Estádio Lindolfo Monteiro, em jogo de radialistas na década de 1970. Acervo Pessoal de Deusdeth Nunes.

A memória construída socialmente e individualmente, está relacionada com a memória coletiva e individual, mantendo com elas uma ligação de espaço e temporalidade. Entende-se que a memória é a base construtora da identidade e torna-se inseparável da vivência e da temporalidade. Portanto, sendo um elemento indispensável para o sujeito se reconhecer como pertencente a uma determinada comunidade, servindo para atender as necessidades coletivas de uma sociedade. Tecendo os fios da(s) vivência(s) e do(s) tempo(s) de cada indivíduo “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual coletiva, na

medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção em si.”¹⁴⁹

Ao buscar a representatividade que os cronistas esportivos tiveram em um determinado tempo e espaço na cidade de Teresina, lança-se mão da análise da crônica esportiva produzida na cidade durante a primeira metade da década de 1970. Elas funcionam como textos memorialísticos, que possibilitam ver os sujeitos e os espaços que compunham o futebol da cidade. Neste capítulo, Carlos Said e Deusdeth Nunes são os personagens cujas memórias são observadas e, que viam no futebol muito mais do que apenas - o seu trabalho, mas, principalmente, - paixão e engajamento. Nesse sentido, a prática era subjetivada pelos cronistas, de forma que, psicologicamente representado, apresenta-se enquanto um espaço, visto que sua prática produz efeitos “que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais”¹⁵⁰

Este capítulo objetiva-se para a análise da trajetória de vida dos cronistas esportivos e as suas representações sociais. Centrando-se nas suas vivências com o futebol e nas experiências no jornalismo esportivo desenvolvidas na primeira metade da década de 1970, ou seja, entre 1971-75, período em que se delimita o papel da crônica esportiva no estado e na elaboração de séries especializadas, que ajudam a contar a história local. Essa vertente centrou-se nas noções de prática e experiência considerando o papel fundamental da prática dos cronistas na elaboração de uma narrativa sobre a experiência histórica e, para isso, valeu-se dos relatos orais, através da realização de entrevistas com Carlos Said e Deusdeth Nunes atuantes na imprensa esportiva durante esse período.

3.1 Pelas palavras, sons e imagens: memórias de vida e da profissão

Nos caminhos desta pesquisa, pensou-se na relação das palavras e da prática do futebol na elaboração da narrativa histórica e como tal a forma discursiva e das práticas, que são elaboradas na dinâmica social, se apoiam e condicionam uma às outras através do conceito de representações¹⁵¹ onde, num fluxo contínuo, o futebol sustenta o olhar do cronista

¹⁴⁹POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p205.

¹⁵⁰CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.p. 202.

¹⁵¹Chartier propõe analisar a cultura como prática e sugere conceitos importantes como o de representação e de apropriação, que serviram para instrumentalizar a pesquisa e que nos auxiliou a entender as relações tecidas pela imprensa no âmbito das representações sociais. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, 1990.

na narrativa construída. Cabe ao historiador compreender a trama histórica que tece a produção da crônica jornalística na sua historicidade, bem como construir o diálogo com os discursos produzidos como um importante meio de produção social da memória.¹⁵²

Foram feitas duas entrevistas, em quatro encontros, uma com Carlos Said e outra com Deusdeth Nunes. As entrevistas contaram com recursos de áudio e vídeo, após serem realizadas, passaram por um processo de transcrição e edição de vídeo. Estas entrevistas seguem um roteiro que privilegia a trajetória de vida do cronista e o trabalho é realizado dentro dos percursos da metodologia em História Oral¹⁵³. A metodologia da História Oral foi fundamental para a elaboração deste capítulo, não apenas no que diz respeito às entrevistas, como também no recolhimento e processamento dos demais documentos, textos e imagens. Além disso, a ideia da utilização desses recursos foi para o depósito desse material no NHO-Núcleo de História Oral da Universidade Federal do Piauí, para que seja disponibilizado a outros pesquisadores.

O corpus documental desse trabalho foi à fonte de mapeamento dos nomes dos dois cronistas, através da identificação da autoria dos textos publicados nos jornais, elegeram-se os que mais produziam durante o período do recorte desse estudo. A utilização de dois jornais na pesquisa (O Dia e Jornal do Piauí) delimitou as colunas a serem analisadas, através dos jornais foi possível levantar mais de duzentos textos distribuídos em três colunas assinadas (Um prego na Chuteira, Nas 44 linhas e Bate Bola) pelos dois cronistas, certamente os cronistas esportivos que mais ganharam destaque na cidade e, mercedores, portanto, do crédito nessas colunas.

Utilizando variadas estratégias foi possível identificar a quantidade de profissionais que atuaram na imprensa esportiva de então, porém, para esse trabalho, a realização das entrevistas pessoalmente, restringiu-se aos dois cronistas já citados. Através dessas fontes orais foi possível perceber - como e quem - atuava na imprensa esportiva teresinense. As informações foram organizadas em quadros onde foram arrolados todos os dados disponíveis sobre cada um deles. Através das informações citadas pelos colegas entrevistados – ainda que

¹⁵²NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. IN: Projeto História, PUC, SP, (10), dez. 1993, pp. 7-28.

¹⁵³Optou-se pelas entrevistas de História Oral em vídeo. Seguindo a proposta de Verena Alberti embasamos nossos registros. “A gravação de entrevistas em História oral em vídeo tem se difundido bastante ultimamente. Ela permite o registro da imagem do entrevistado e da situação de entrevista e se impede que se percam gestos e expressões faciais que complementam e enriquecem a enunciação, expressando reações e, muitas vezes, indicado a intenção dos falantes.[...] Nas gravações em vídeo, o ideal é realizar as gravações em um ambiente suficientemente amplo para que seja possível filmar não somente o entrevistado, mas também os entrevistadores, isto é, a situação mesma da entrevista: a posição dos que dela participam, suas reações, expressões e movimentos, procurando assim registrar o clima e circunstâncias do documento de história oral.” ALBERTI, Verena, Manual de História Oral. 3ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

de alguns desses jornalistas só citassem o nome - foram registrados e listados nos quadros com os demais jornalistas esportivos, que podem receber outros olhares sobre suas vidas que complementem as informações obtidas.

No campo de jogo - da memória - busca-se compreender e estudar as trajetórias de vida¹⁵⁴ dos dois cronistas esportivos que aturam na imprensa teresinense dos anos 1970 percebe-se, assim, que a experiência coletiva de indivíduos revela os princípios de organização da categoria de cronista esportivo e sua inserção no meio jornalístico.

A trajetória de vida pode ser descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa. Normalmente é determinada pela frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessas existências ao longo de uma vida. O curso de uma vida adquire sua estrutura pela localização desses acontecimentos e pelos estágios do tempo biográfico. A localização dos acontecimentos, a duração da existência e a sua situação no transcurso de uma vida são normalmente o resultado de informações que perpassam a população como, por exemplo, a idade média para casar, a idade média para ter o primeiro filho, duração do treinamento, idade de ingresso escolar, anos de escolaridade, idade para aposentadoria e assim por diante.¹⁵⁵

Opta-se pelo estudo da trajetória de vida com ênfase na função desempenhada sujeitos entrevistados, engloba-se, assim, dois tipos de entrevistas em História oral: *histórias de vida e temáticas*. Segundo Verena Alberti, apesar do interesse em abarcar toda a trajetória de vida do entrevistado e de torná-lo como centro de entrevista, pode-se eleger determinado tema no qual tivesse tido uma atuação destacada, como por exemplo, um período ou uma função que exerceu. A partir das entrevistas¹⁵⁶ foi possível chegar a alguns denominadores comuns que apontam para pertencimentos que permitiram conhecer mais profundamente os cronistas, como por exemplo, dois denominadores comuns: atuações em outras áreas de formação e trabalho e atuações como jogadores de futebol. Carlos Said e Deusdeth Nunes têm origem familiar de classe média, o que os possibilitou conseguir uma profissão tradicional, como a do magistério e da advocacia. Mesmo tendo capital familiar que os possibilitasse ascender profissionalmente, e também, sendo atuantes no funcionalismo Público, tiveram na imprensa uma opção para entrar na redação de um jornal e ampliar seu campo de atuação simbólica - no futebol.

¹⁵⁴BORN, Claudia. *Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos*. Sociologias, Porto Alegre, ano 3, nº 5, jan/jun 2001, p.240-265

¹⁵⁵ALBERTI, Verena, Manual de História Oral. 3ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005,p.39.

¹⁵⁶O sumário dessas entrevistas detalha a trajetória dos dois cronistas e procura mostrar sua origem, instrução formal, o ingresso na profissão e as distinções obtidas, buscando, portanto entender o habitus do cronista da imprensa esportiva, como nesse exemplo, que detalha a trajetória do jornalista Deusdeth Nunes:

Neste capítulo, busca-se mostrar, através dos relatos memoráveis, a visão que os personagens têm de si mesmos a partir de suas lembranças e como veem sua inserção na profissão. Ainda através das fontes de memórias obtidas ou consultadas e graças ao instrumental fornecido pela História Oral, foi possível trazer à tona a fala dos cronistas esportivos, partilhar suas conquistas, escutar suas paixões, percorrer os caminhos que fizeram desses jornalistas, que atuaram, como disse Carlos Said, “no auge” do futebol piauiense

3.2. Carlos Said: trajetória(s) do *Magro-de-Aço*



Figura 7: Carlos Said no comentário pós – jogo do Campeonato Piauiense de 1972

Carlos Said, assim registrado, nasceu no dia quatorze de janeiro de 1931¹⁵⁷, tornou-se emblemático ao longo da sua inserção no mundo esportivo, ou melhor, desde a data em que fez o seu primeiro comentário na imprensa sobre futebol. O filho de pais árabes, – mal sabia a importância que teria para o futebol piauiense –, desde que em 1943, aos doze anos de idade, foi ao *Jornal do Piauí* e pediu para escrever sobre futebol. Salamão Abraão Said da cidade de

¹⁵⁷Há uma excelente publicação biográfica sobre Carlos Said. O Livro *Como era bom aos domingos*, do seu filho Gustavo Said narra a trajetória de via do Magro de aço.

Damasco e Fadua Abud Said da cidade de Maalula vieram para o Brasil durante a Primeira Guerra Mundial. O pai, comerciante, chegou entre 1911 e 1912, em seguida chegaram à mãe, dona de casa, e a avó paterna, Dona Sultana Haddad Said, enfermeira da Cruz Vermelha e parteira. Foi Dona Sultana quem trouxe o sexto dos oito filhos do casal - Carlos Said - ao mundo. O Jornalista rememora a chegada da família aliada às etapas da guerra.¹⁵⁸

Ingressou nos estudos aos seis anos em uma escola particular, depois foi para o Grupo primário Barão de Gurguéia. Entre os dez e onze anos fez o exame de admissão para o Liceu Piauiense e iniciou o Ginásio no início dos anos de 1940, aos treze anos começou a lecionar para custear os seus estudos. Aos vinte e quatro anos foi aprovado no concurso para o IBGE, mas ainda lecionava em colégios da capital. Depois do IBGE foi para o antigo IAPI e se tornou comunicador social da previdência, que em 1970, depois da unificação se tornou o Instituto Nacional de Seguridade Social- INSS.

Nunca abandonou o Magistério, lecionou no Ginásio de todos os colégios da capital. A sua formação superior aconteceu em 1956, no curso Bacharelado em Direito. Em 1958, prestou vestibular para a Faculdade de Filosofia e começou a estudar História e Geografia. Diplomou-se em 1963, e em 1965 recebeu o diploma em Didática. De 1971 - desde a fundação, - a 1992 foi professor do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Piauí. Participou de maneira efetiva dos comentários esportivos das rádios e jornais de Teresina, onde criou a primeira equipe esportiva da imprensa teresinense.

Carlos Said encontra-se aposentado, mas atuante na imprensa. As quartas e as sextas escreve crônicas para o Jornal Meio Norte e faz comentários esportivos diários na Rádio Pioneira. Conta oitenta e cinco anos e no momento desse depoimento, recuperava-se de doenças. Em seu relato, a aproximação com o futebol e com a imprensa esportiva deu-se pela Copa do Mundo de 1938. A copa foi à inspiração nas brincadeiras de Said, que nos intervalos das aulas, brincava em ser Jornalista esportivo. Em 1943, já com doze anos, ele foi à sede do Jornal do Piauí e pediu a oportunidade de escrever sobre futebol. Encontrou personalidades como Celso Barros, Álvaro Ferreira, Arimatéia Tito Filho, Camilo da Silveira, José Vieira e

¹⁵⁸[...] Eles vieram pelo oceano pelo oceano Atlântico e desembarcaram no Porto de São Luís e como nesse tempo não havia ponte ligando Flores, que hoje é Timon, cidade de Flores, que hoje é Timon, não havia ponte para Teresina, eles pegaram o trem de São Luís e desembarcaram em Flores, que hoje é Timon e pegaram o barco e vieram pra Teresina. Engraçado, que no fragor da Primeira Guerra Mundial diziam a América é que é a terra do ouro, a terra da produção, a terra da salvação e eu acho que desse, dessa migração generalizada aos motores erraram o caminho, vieram até o Piauí, eu acho que sim! Porque o grosso ficou aqui em Teresina, alguns se dispersaram e foram bater em Floriano e outros se dispersaram e foram bater em Parnaíba. SAID, Carlos. Depoimento concedido a Mayra Izaura de Moura, Teresina, junho. 2016.

Joqueira. Recebeu resistência frente à coluna sobre futebol, visto que, o Jornal do Piauí era o Jornal a favor do governo e nele fervilhavam discussões sobre Política e Literatura. Insistiu por pelo menos duas linhas para dar o placar dos jogos e conseguiu a oportunidade. Pela pouca idade e inexperiência, recebia algumas agressões dos colegas do Jornal quando errava o texto para publicação.

Apesar das dificuldades, continuou insistindo na carreira de jornalista esportivo. Entre quinze e dezesseis anos começou a trabalhar nas amplificadoras, ainda não havia emissoras de rádio em Teresina. Relembra que eram bocas instaladas nas Praças: Pedro II, Praça Rio Branco e na Praça Saraiva, que durante a década de 1940, era local de embarque e desembarque de passageiros interestaduais, pois ainda não havia a Rodoviária na cidade.

Quando a rádio Difusora foi instalada entre 18 e 20 de julho de 1948, Carlos Said já tinha completado 17 anos e começou a trabalhar na rádio, mas em breves comentários. O tempo estabelecido do comentário intitulado “Variedade Esportiva” era de cinco minutos. Relata que fazia a chamada e logo era interrompido pelo anunciante, então restavam apenas dois minutos para o comentário. Em 1955, José do A. Pereira e Ribamar Oliveira o convidaram para fazer o comentário esportivo com um contrato profissional e a carteira do Ministério do Trabalho assinada. E a partir daí, conseguiu quinze minutos para fazer o comentário e organizou a primeira equipe esportiva da rádio, era composta por seis pessoas: Carlos Said, Pedro Mendes Ribeiro, Arren Araújo, Ferdinand Paiva, Longuinho e Zé Cofan.

À medida que ganhou espaço na Rádio Difusora, tornou-se conhecido, e com o sucesso do Brasil na Copa de 1958, conquistou mais tempo e espaço na rádio. O comentário passou a ter meia hora de duração. E nesse momento, fundou a equipe Trindade Júnior para formar novos comentaristas. Em 1962, com trinta um anos, Dom Avelar o convidou para dirigir dois departamentos na Rádio Pioneira com a seguinte equipe esportiva: Carlos Said, Valdir Araújo, Carlos Dias, Ariosvaldo Alencar, Fernando Mendes e Dídimo de Castro. Assumindo também a direção de Jornalismo, Carlos Said precisou formar outra equipe. Que foi composta por: Carlos Said, Murilo Campelo, Henri Nelson e Raimundo Lima.

Durante a atuação no Jornalismo da rádio Pioneira, Carlos Said sofreu um grave acidente. Circulou na cidade a falsa notícia sobre um trágico acidente de trânsito entre as cidades de Teresina e José de Freitas. Ao deslocar-se para a cobertura do tal acidente, a Combe com oito pessoas, foi atingida por outro carro que invadiu na contramão e estava em alta velocidade. O acidente aconteceu na Avenida Frei Serafim, atrás do Colégio das Irmãs. Carlos Said ficou hospitalizado. Após a recuperação, o cronista saiu da Pioneira e retorna para a rádio Difusora juntamente com Dídimo de Castro, que estava em Bezerras, no interior de

Pernambuco, atuando como bancário no Banco do Nordeste. Através de Dom Avelar, em 1968 conseguiu a sua transferência para Teresina. Com o retorno de Dídimo para o Piauí, Carlos Said também retorna para Pioneira e a dupla retomou a parceria que dura até hoje no rádio e na TV.



Figura 8: Carlos Said em atuação como goleiro do River Atlético Clube em 1953. Acervo Pessoal de Carlos Said.

O homem que costumava usar tamanco, calça curta, calção e suspensório, o que e devido a esses trajes e às pernas finas teve como primeiro apelido o de Capitão Flecha, pois na atuação como goleiro voava como uma flecha para pegar a bola. Como jogador, Carlos Said começou em 1947, aos dezesseis anos de idade. Iniciou a carreira nos campeonatos colegiais. Atuou no time Leão XIII, hoje o River, sendo campeão colegial pelo Leão XIII em vitória por 2x1 sobre o time do Liceu Piauiense, o Rio Negro.

Os estudantes que jogaram no Leão XIII fundaram o River em 1946, que funcionava na Rua Senador Teodoro Pacheco, cruzamento com a Rua Simplício Mendes, centro da capital. Em seguida, em 1948, foi para o River e jogou como goleiro até 1964. Nas lembranças de Carlos Said, como goleiro, ele foi campeão pelo River nos anos de 1948, 1951,

1952, 1953, 1954. Em 1956, além de campeão, casou-se e jogou pelo título durante a sua lua de mel.

Carlos Said durante a construção da suas carreiras profissionais casou-se com Dona Rochelane. O namoro iniciou quando ela ainda tinha dezesseis anos, logo, casaram e tiveram cinco filhos. Soraya, secretária TCE, Rochele, funcionária da Caixa Econômica, Fernando, secretário de Comunicação Social da Prefeitura, Cláudio, funcionário do Banco do Brasil e Gustavo, professor da Universidade Federal do Piauí.

A atuação como goleiro foi encerrada em 1964 - no ano em que ia se profissionalizar, pois jogava como amador - devido ao acidente, que uma fratura na bacia o impossibilitou de continuar. Junto às lembranças do título, relembrou como recebeu os apelidos que teve enquanto jogador e após o acidente. Momento em que se constituiu como o Magro - de - aço. O Hospital Getúlio Vargas na década de 1960 possuía apenas dois pavimentos, o térreo e o andar superior. O apartamento setenta e seis, onde o jogador-professor- radialista ficou internado, era coletivo, então, depois do acidente e ainda internado, alguém, que ele desconhece a identidade, disse que se ele continuasse a trabalhar, seria o Magro - de - aço. E assim o apelido, que mesmo tendo surgido de maneira autônoma e independente por iniciativa de um desconhecido, ajudou a propagar o fortalecimento desse mito da imprensa esportiva do Piauí.

O movimento em torno do futebol piauiense da década de 1970 até 1983, segundo Carlos Said, configurou-se um sucesso - em suas palavras “o auge do futebol” - foi o destaque de clubes como Piauí, campeão quatro vezes antes da década de 1970, o Flamengo no início de 1970, o River em 1973 e o Tiradentes, que passou a atuar no campeonato Nacional. Com isto, o cronista fala sobre como o governador Alberto Silva queria colocar o Piauí no Campeonato brasileiro, condicionando a questão da exigência da CBD em relação ao estádio que abrigasse uma grande quantidade de pessoas, trinta mil pessoas. Cita ainda a falta de estrutura do Lindolfo Monteiro para o recebimento de grandes clássicos.

Na sua fala, deu visibilidade a detalhes da construção do estádio e sobre a tragédia inicial. Sob signo dessa tragédia, a inauguração em vinte e seis de agosto de 1973, aconteceu. Segundo o cronista, um “gaiato” ao escutar a passagem de um jato, gritou que o estádio estava caindo. Um lado inteiro da grade de proteção do setor das gerais não suportou a avalanche de torcedores. Muita gente caiu no fosso, oito morreram e mais de cem ficaram feridos – foi uma grande comoção, a cidade de Teresina se mobilizou para socorrer os feridos. O jogo foi parado e depois foi reiniciado.

Na década de 1970, depois da construção do estádio em Teresina, destacaram-se alguns clubes, dentre o Tiradentes, que brilhou durante três anos – 1973, 1974 e 1975, – sendo situado como um dos vinte melhores clubes do futebol brasileiro. Deixou muita gente boa para trás, aqui no Piauí, jogou a nata do futebol do Brasil, um timaço – Toinho, Célio Rodrigues, Ivan Limeira, Murilo, Tinteiro, Gerson Andreote, Joel, Vincente, Sima, Caio e Paraná – Espetacular o time, uma seleção brasileira em campo. O time taticamente bem armado e tecnicamente elogiado, tanto no coletivo como no individual. Basta dizer quarenta clubes, ele ficar entre os vinte primeiros, deixando muito clube do sul brasileiro para trás. Do Nordeste foi o melhor – quarenta para ficar entre os vinte era muita coisa.

O time era financiado, não faltava dinheiro, pois sob o signo da Ditadura militar e o Ministro da economia João Paulo Reis Veloso, de Parnaíba. Quando em 1976, o dinheiro minguou e o Tiradentes passou a não disputar mais, nem o Campeonato Estadual. Em 1983, ainda houve algum brilho, mas foi como um - vaga-lume - piscou e apagou, - mas foi o maior público já reunido no Estádio O Albertão foi nesse minúsculo brilho que registrou setenta mil pessoas no jogo contra o Flamengo. O cronista acha que não havia tanta relação política com o time, pois o presidente do Tiradentes era o comandante da Polícia Militar – Tupi Caldas – e esse saiu do comando da Polícia em 1976 - ano que o time foi desativado. Relembra um detalhe, nesse ano houve um assassinato que envolvia um dos jogadores do Tiradentes – também um fator para a desativação.

A relação com a imprensa escrita começou no Jornal do Piauí. Em 1951, o falecido coronel Miranda comprou do Mundico Santana o complexo jornalístico que hoje é o O Dia, assim, ingressou no Jornal O Dia. Mas nos anos de 1970 até os anos 1980, o Helder Feitosa, depois assassinado, fundou O Estado. No Jornal do Piauí, o jornal era impresso numa tipografia, mas o coronel Miranda no Parque jornalístico introduziu a linotipo. Nos anos de 1970 o processo era offset, a seco. Saiu do Jornal O Dia e foi para O Estado. Quando os irmãos José e Jesus Elias fundaram o Jornal da Manhã, foi trabalhar lá. Em todos esses jornais criou colunas e foi o comentarista oficial. Até que em 1995 o Jornal da Manhã fechou, e já havia passado pelo Jornal do Piauí, O Dia, O Estado, aí deixou de escrever quando começou a trabalhar na Televisão. Deixou a folha de serviço de cronista esportivo para cronista literário no Jornal Meio Norte, há vinte seis anos. Na televisão, atua desde 1996.

Assinou as mais diversas colunas nos jornais, cita, a coluna *Pé na bola, Said comenta, o Mago- de - aço* opina. Enfatiza o programa que mais o marcou na Rádio Pioneira, *Marcação Cerrada*. Evoca que criou muitos títulos nos jornais em que trabalhou, mas que não se lembra de todos, já que até em Jornal católico – O Dominical – escreveu sobre futebol. A

atuação frente à fundação da Associação Profissional de Cronistas Esportivos do Piauí – APCEPI justificou-se pelos inúmeros convites que recebeu para trabalhar em outros estados, e pensou na entidade para regimentar os valores do estado, que pudesse contribuir para o desenvolvimento do esporte.

A APCDEP possibilitou a criação do Torneio Intermunicipal para desenvolver novos valores para o futebol amador do Piauí. A relação com os jornalistas esportivos durante toda a sua carreira profissional sempre foi sem conflitos e harmoniosa. A APCDEPI congregou nomes como: Deusdeth Nunes, o Gilson Farias, que hoje está em Belém do Pará, Walteres Arrais, Gomes de Oliveira, Aluisio de Castro, Walcir Moreira, entre outros, como disse, uma legião. Hoje, tem na sua equipe, Herbert Henrique, Felipe Leal e Nonato Costa

3.3. *O Garrincha*: relato(s) de Deusdeth Nunes dos Santos



Figura 9: Deusdeth Nunes como repórter de campo em 1973. Acervo Pessoal de Deusdeth Nunes.

Deusdeth Nunes dos Santos nasceu na cidade cearense de Aracati, no ano de 1938. É neto de imigrantes portugueses vindos da capital de Portugal, Lisboa, e no Brasil, instalaram-se em Aracati. Deusdeth localiza geograficamente a vinda da família pelo mar e ressalta que o

trajeto para a chegada em Aracati era mais fácil do que a Fortaleza. Por isso, a família - o avô materno e mais cinco irmãos, - eram conhecidos na cidade como “a família dos marinheiros”, apontados como os brancos dos olhos azuis. A mãe Dona Raimunda Nunes dos Santos, era dona de casa e dedicada a confecção de bolos para a venda no mercadinho da família.

O pai, Senhor João Santos, natural da cidade, foi goleiro do Botafogo de Aracati e torcedor do Botafogo do Rio de Janeiro – inspiração de Deusdeth – que ainda na infância desenvolveu o amor e o interesse ao time alvinegro e ao futebol. Além da atuação no futebol, Seu João dos Santos trabalhou no setor portuário, descarregava mercadorias de pequenos navios nas proximidades do Rio Jaguaribe. Sujeito de sorte, Seu João, acertou o bilhete de loteria – Sulamerica capitalização - após o recebimento do prêmio mudou-se com a família para Fortaleza. Compraram um mercadinho, localizado no centro da cidade, entre a Rua Monsenhor Tabosa e Nogueira Acioli. Comprou um serviço de som para divulgar o comércio e fazer algumas festas noturnas. Após alguns anos nessas atividades, foi trabalhar em Navios ingleses pela Europa e aposentou-se nessa atividade.



Figura 10: Deusdeth Nunes em atuação como jogador na década de 1970

Deusdeth cursou o ensino fundamental em um dos melhores colégios particulares de Fortaleza, o Colégio Castelo Branco, e em seguida fez o exame de admissão para o Liceu Cearense, onde iniciou o curso científico. Ainda nesse período ingressou no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva – CPOR. E formou-se em aspirante a oficial da reserva. Seu emprego principal foi através do concurso do Banco do Brasil. Foi aprovado e tornou-se bancário. Veio com mais de vinte colegas, no Expresso de luxo Brasil, para Teresina. Evoca as lembranças da chegada a Teresina, o desembarque na Praça Saraiva, o assédio sofrido pelo dono de um Hotel no centro de Teresina e a vaidade de ser um bancário na cidade na década de 1960. Iniciou o curso de Direito na Universidade Federal do Ceará e finalizou em Teresina na Faculdade de Filosofia do Piauí.

No momento em que concedeu o depoimento – entrevista foi feita no dia 10 de março de 2016 – Deusdeth está aposentado do Banco do Brasil, mas com setenta e oito anos é

atuante no Jornal O Dia. Deusdeth Nunes teve três casamentos. Casou-se, com Virgínia, natural de Esperantina na década de 1960, logo que chegou a Teresina. Com ela teve um filho, chamado Mauro. Virgínia ao adoecer foi fazer tratamento no Rio de Janeiro, que o levou a transferir-se para lá em suas atividades bancárias. Após cinco de convivência, Dona Virgínia faleceu. O segundo casamento foi com Dona Regina, natural do Rio de Janeiro. Teve três filhos: Deusdeth, Regininha e Luciano. Dona Regina também faleceu. Está no terceiro casamento com Dona Vera. Tem três netos e um bisneto.

A entrevista foi realizada na sede do Jornal no horário do seu expediente. Em seu relato, a aproximação com a imprensa esportiva deu-se ainda em Fortaleza, nas rádios locais, onde começou como repórter policial, experiência que até mesmo no Jornal O Dia o possibilitou, no início da carreira fazer a crônica policial no jornal. Em Teresina, a primeira experiência em rádio foi na Rádio Clube de Teresina, em 1963, que era localizada na Rua Barroso 767, com o programa *Um Prego na Chuteira*. Em 1967, o programa foi transferido para Rádio Difusora com o mesmo formato.

O programa era feito por uma equipe, dentre os parceiros, estava a sua primeira esposa. Dona Virgínia interpretava uma personagem humorística, Maria do buchão, que tinha como referências aspectos caricatos de uma vizinha do casal e da mãe de Dona Virgínia. A primeira coluna no Jornal impresso foi a *Pé na Bola* no Jornal O Dia concomitante com a ainda em circulação, *Um prego na Chuteira*, ambas estrearam em 1964. Ainda no mesmo período fez uma página de esporte e humor no Jornal Folha da Manhã e do Jornal alternativo *O Gramma*. O encarte *Folha da Mãe Ana*, no Jornal O Dia, era humorístico, tinha a propensão em mostrar o lado engraçado da cidade, como também, as sociabilidades, as características de Teresina através do humor e da ironia.

A coluna *A Bola Mapil* patrocinada por uma marca de macarrão local era pautada nas manchetes de destaque do Jornal, e assim, a coluna não tinha tema, Deusdeth Nunes fazia piadas sobre essas matérias destacadas. A coluna foi desdobramento de outra intitulada de *A Bola do Dia*, que fazia referência ao Jornal O Dia, após conseguir o patrocínio, modificou o título. Teve duração de dez anos e no tempo da censura do governo militar, quando não era autorizada a publicação, a coluna circulava apenas com o título *A Bola furou*. Apresentou uma série de TV intitulada *Na Corda Bamba*, na TP Estúdio, que pertencia a Tarcísio Prado. Deusdeth Nunes entrevistava personalidades da época, como citou o exemplo da entrevista do Coronel Jofre Castelo Branco. Relembra que só conseguiu fazer uma única pergunta, pois ao insinuar com humor sobre a compra de votos, o coronel levantou e se recusou a continuar a entrevista. A atuação literária deu-se pela publicação de alguns títulos como: três volumes do

Um Prego na Chuteira, Teresina cheia de graça, Peladas e Peladeiras, Rádio Calçada, Teresina e seus amores, entre outros.

Autodefinindo-se como o melhor presidente da APDCEPI – Associação de Cronistas Esportivos do Piauí, onde realizou três mandatos. Relata que nessa época tinha certa independência para enfrentar os dirigentes dos clubes e os cartolas. Promoveu viagens, fez dois congressos em Teresina agregando os maiores nomes da imprensa esportiva, como José de Brito, Adelson Maia e outros jornalistas do Rio Grande do Sul. Destaca alguns nomes da imprensa esportiva, e que sempre teve um bom relacionamento com os companheiros do setor de esportes do rádio e jornais. Carlos Said, Carlos Augusto, Pedro Mendes Ribeiro, Fernando Mendes, Paulo Henrique de Araújo Lima, JJ Lapa e Dídimo de Castro.

Outro cargo de administrativo foi de Secretário Municipal de Esportes de Teresina, em 1972, fez mais de cem campos de futebol, aproveitava os terrenos baldios, os limpava e estruturava para que houvesse as peladas nos bairros. Na vida parlamentar teve atuação como vereador em 1976 pelo MDB. Relata que tinha um ideal político de defesa das pessoas desassistidas socialmente. Cita três projetos de lei do período, dentre eles, o passe livre nos transportes coletivos para policiais militar e idosos, e o projeto de proibição da brincadeira com pipas na cidade. O relacionamento na câmara sempre foi harmonioso e que tinha um bom relacionamento com todos os partidos.

3.3 Na oficina do historiador: caminho(s) metodológicos e conclusões

A opção escolhida nessa pesquisa foi a de concentrar o enfoque no indivíduo que ocupa a posição mais representativa no grupo – cronistas que mais produziram dentro desse recorte –, por meio da obtenção de depoimentos e entrevistas. Essa escolha viabilizou ainda um trabalho de análise do processo de construção social da memória. Para tanto se faz necessário a adoção de uma perspectiva de Memória que aqui teve como base a proposta de Halbwachs¹⁵⁹ que atribui à mesma as seguintes características: “de atividade natural, espontânea, desinteressada e seletiva, que guarda do passado apenas o que lhe possa ser útil para recriar um elo entre o presente e o passado.” Reforçamos a forma de agir da Memória com a noção que nos presta Jacy Seixas, onde explica que:

A memória age ‘tecendo’ fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos, mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como ‘realmente’ aconteceram. Atualizando os passados – reencontrando o vivido

¹⁵⁹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

ao mesmo tempo no passado e no presente -, a memória recria o real; nesse sentido, é a própria realidade que se forma na (e pela) memória.¹⁶⁰

A aplicação de um método qualitativo de investigação, juntamente com a metodologia da História Oral possibilitou a observação do percurso trilhado por esses cronistas esportivos que ficaram à frente de tais agrupamentos, avaliando três questões principais: 1) a inserção na imprensa esportiva; 2) quais as implicações pessoais e sociais na elaboração o das crônicas; e 3) quais os pontos fortes da memória individual e coletiva presentes na “carreira”.

Nesse sentido, apresentou-se os perfis biográficos de Carlos Said e Deusdeth Nunes, com base na seqüência do relato por ele prestado. As entrevistas somam quase quatro horas e foram feitas foi por mim em Teresina. Carlos Said concedeu a entrevista em sua residência, no centro de Teresina, no dia 21 de junho de 2016 e a entrevista de Deusdeth Nunes foi conduzida na sede do Jornal O Dia, também localizada no centro de Teresina, no dia 10 de março de 2016. Com a apresentação destas biografias sumárias, o capítulo tentou oferecer uma base de dados iniciais e um ponto de partida para a reflexão em torno da memória da crônica esportiva teresinense. Desta forma, visa-se discutir o emprego da História Oral como fonte e método indispensáveis na constituição da História do futebol piauiense. No caso específico da crônica esportiva, esta área da historiografia contribui para o entendimento acerca do perfil social dos cronistas da capital teresinense, que mostra os seus diferentes aspectos e as facetas de sua complexa identidade social.

Adentra-se na Memória da crônica esportiva teresinense por algumas janelas abertas nas memórias de seus principais cronistas. Buscou-se construir um espaço de contato com esses sujeitos, que a população ainda tem acesso quase que diariamente, mas que nem todos os conhecem de tão perto. Assim, relembra-se a importância desses atores sociais para a história da cidade. No atelier da memória, ela se torna constantemente (re)visitada por nós, e toda vez que a usamos há uma nova construção passado. Faz-se ajustes, é como se a memória tivesse uma tendência otimista de filtrar as lembranças é como se funcionasse uma “oficina de Memória”, a qual as nossas vidas passam por manutenções necessárias .

Nessa perspectiva, entende-se que os perfis biográficos dos cronistas instrumentalizam a interpretação das suas produções. As características do cronista ajudam a montar um mosaico frente às abordagens das suas séries, já que, como coloca Afrânio Coutinho, a crônica como gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo tornar-se um poderoso

¹⁶⁰SEIXAS, Jaci Alves de. Percursos de Memória em terras de História: problemáticas atuais. In: BRESCIANNI, Maria Stella Martins; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (Res) Sentimentos*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da UNICAMPI, 2004. p.51.

agente de correções, permite ao cronista comentários e reflexões, diferente do repórter, que faz de uma análise geral. O texto ganha um forte caráter dialógico, a todo o momento imprimindo a marca de uma conversação que tem como base a observação direta do que é descrito.¹⁶¹

Como já foi introduzido no primeiro tópico deste capítulo, observou-se alguns denominadores comuns que apontam para pertencimentos que permitiram conhecer mais profundamente os cronistas. À condição de serem descendentes de imigrantes de terem nascido no seio de famílias de classe média, a formações escolares em colégios tradicionais de duas capitais e a formação superior em profissões tradicionais. Os contatos com a prática do futebol desde a infância e a inserção na imprensa esportiva por algo, que identifica-se para além do “profissional” (os dois cronistas não tem formação em Jornalismo), relaciona-se com a afinidade e paixão ao futebol fruto da ação direta de indivíduos que buscaram atuar em espaços de seus interesses e as conquistas desses espaços deixaram as marcas desses conquistadores.

No que toca a produção no campo da imprensa esportiva, percebe-se caminhos profissionais comuns: inserção em rádios e jornais, como também traços humorísticos e polêmicos na elaboração das temáticas abordadas sobre o futebol, tendo-o como parte predominante de suas identidades. Assim, suas produções funcionaram como instrumento de enfrentamento da realidade do futebol piauiense. Esses denominadores auxiliaram a entender as relações tecidas pelos cronistas na cidade no âmbito das representações sociais. Ao propor estudar as representações que foram criadas em torno do esporte, ou seja, os significados que foram criados, o modo como uma realidade social é construída, pensada e dada a ler.¹⁶²

Ao cruzar os perfis biográficos com as crônicas produzidas durante a primeira metade da década de 1970, percebemos o vínculo desses cronistas com os jornais que atuavam e elucidam como muitas representações foram elaboradas pela imprensa escrita e pelo poder público que buscaram guiar a dinâmica do futebol em Teresina. São elaborações sobre a prática esportiva, que está urdida por meio de uma relação de alteridade e de poder dentro do contexto urbano. Apesar disso, os cronistas em estudo também elaboraram imagens sobre o futebol e sobre a dinâmica exercida pelo poder público, estabelecendo embates nas formas de significar e praticar o futebol e os discursos construídos sobre ele.

¹⁶¹ Cf. COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: A Literatura no Brasil: volume 6.7. Ed. São Paulo: Global, 2004.

¹⁶² CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: A história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 17.

Descrever as trajetórias de vida e analisar os perfis profissionais dos dois mais influentes cronistas esportivos de Teresina foi o desafio deste capítulo e, ainda há muito que fazer. Deu-se o primeiro passo, apresentando um momento e uma geração, mesmo assim de forma parcial. Segue-se agora o desafio de pensar as múltiplas bases sobre as quais eles foram elaborando e aprimorando as suas séries, no que entende-se como especialização da crônica esportiva durante a primeira década de 1970.

4 ESCREVER E REPRESENTAR O JOGO: O FUTEBOL E A IMPRENSA EM TERESINA

A cidade explodiu. A cidade voou pelos ares. Ah, ia esquecendo Brasília. Na capital foi espantoso o carinho de toda a população. Em seguida o almoço com o presidente Médici. Vejam vocês: - no sábado, saíra o palpite do nosso presidente: - “Brasil 4x1” – E não deu outra. 4x1. Esse resultado, com a posse definitiva da “Jules Rimet”, significa a maior conquista do esporte brasileiro, em todos os tempos. Somos 90 milhões de campeões.¹⁶³

O trecho citado acima é de Nelson Rodrigues. O autor refere-se à final da Copa do Mundo de 1970, ocorrida no dia 21 de junho, na qual o Brasil venceu a Itália por 4x1. Nelson escreveu inúmeras crônicas de futebol a partir da década de 1940 até 1980, nelas imprimiu o essencial, os que levam as causas e aos motivos que explicam o fenômeno esportivo do futebol no mundo e o fundamental, dentro das práticas futebolísticas brasileiras. O futebol contemplava as mais diversas manifestações advindas de novas práticas sociais, as quais ele passou a proporcionar. Assim, na crônica citada, são encontrados esses elementos, que funcionam como eixo de interpretação de como os cronistas esportivos elaboravam suas séries temáticas ao tratar do esporte, a partir de novos referenciais sobre o futebol na década de 1970.

A leitura da crônica esportiva possui o desafio da percepção do futebol com a sua própria historicidade, mas sem perder de vista que ele envolve uma multiplicidade de práticas, “de forma direta ou indireta”, relacionadas ao jogo¹⁶⁴. A passagem citada mostra, dentro do viés político da crônica de Nelson Rodrigues, o futebol usado como metáfora para a apresentação e divulgação de um Brasil vitorioso e eficiente. Esse aspecto funciona como ponto de partida para pensar a imanência de práticas políticas e discursivas, que permitem perceber as objetivações específicas que são discursivamente e politicamente diferentes entre si.¹⁶⁵

Trecho da Crônica 90 milhões de tricampeões de Nelson Rodrigues, publicada no Jornal O Globo de 24 de junho de 1970, na coluna “À sombra das chuteiras imortais”

¹⁶⁴MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o sobrenatural Almeida e outros temas*. 2ed. São Paulo: Educ, 2012.p. 16.

¹⁶⁵“E se quisermos, não digo apagar esse temor das formas e temas que elidem a realidade dos discursos, tais como o sujeito escrita, a experiência leitura e a mediação troca, mas analisá-lo em suas condições, seu jogo, seus efeitos, é preciso, creio, optar por três decisões às quais nosso pensamento resiste um pouco, hoje em dia, e que correspondem aos três grupos de funções que acabo de evocar: questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento; suspender, enfim, a soberania do significante.”. Cf. Foucault, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de fevereiro de 1970*. São Paulo: Ed. Loyola, 2011, p.51.

Portanto, a representação do jogo, nos permite entender o sentido ao qual, o esporte e o futebol, não podem ser entendidos apenas em números e nas avaliações de desempenho, Nelson Rodrigues, exemplifica: “[...]Mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais: - a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão.¹⁶⁶” Assim, representação da prática vem carregada de outras práticas, que vão além do resultado da competição¹⁶⁷.

No caso da relação entre futebol e imprensa – com a discussão já iniciada no segundo capítulo desta dissertação, - tem-se a perspectiva de Vicente Moreira. O autor discorre sobre o encargo duplo dessa relação.¹⁶⁸ Nesse capítulo, aborda-se os seguintes elementos: I – A descrição e representação da sociedade por parte da imprensa. II- A fronteira da crônica enquanto jornalismo e enquanto gênero literário. III - A descrição e representação do jogo pela crônica. Nesse sentido, as diretrizes relacionam-se quanto ao texto jornalístico (crônica) e ao periódico ao qual estão vinculados os discursos, dentro da nossa proposta, os periódicos analisados são: o Jornal do Piauí e o Jornal O Dia.

4.1 – Dos gramados aos jornais: a imprensa esportiva

Tendo- se a perspectiva que o interesse da imprensa por esportes remete a primeira metade do século XX, situa-se a cidade de Teresina nesse contexto, pois se torna curioso que uma produção sistemática de crônicas diárias sobre futebol só tenha começado a surgir na capital (sem muito espaço) a partir de 1942 e a consolidação dessas publicações em colunas especializadas e direcionadas ao futebol, a partir da década de 1960. Grandes nomes da crônica esportiva brasileira já produziam sobre o tema. Destacam-se nomes como: Mário Filho, Rubem Fonseca, Coelho Neto, Nelson Rodrigues, Mário de Andrade, Vinicius de Moraes, Lima Barreto, entre outros¹⁶⁹. Este sub-tópico apresenta algumas perspectivas sobre a imprensa esportiva brasileira para além dos cronistas que estão no foco da presente dissertação (Carlos Said e Deusdeth Nunes).

¹⁶⁶ MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o sobrenatural Almeida e outros temas*. 2ed. São Paulo: Educ, 2012.p. 17.

¹⁶⁷ Ibid. pág. 18

¹⁶⁸ MAIA NETO, V. M.. Fortaleza, 2014.

¹⁶⁹ Desde o início do século XX, literatos de renome na sociedade brasileira, como Lima Barreto, Coelho Netto, “João do Rio”, Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato e Gilberto Amado, principais referências até a década de 1920, esporadicamente se dedicaram à temática.

A crônica passa a se especializar, a partir da inserção de Mario Filho¹⁷⁰ no Jornal dos Sports¹⁷¹, diante desse processo de especialização, faz-se uma analogia como próprio processo de especialização do futebol (amadorismo e o profissionalismo) com o da imprensa esportiva, que considerou por décadas a crônica de esportes um subgênero até a profissionalização e a inserção de espaços específicos nos periódicos¹⁷². Assim, no Brasil:

A invenção do profissional da crônica de futebol é simultânea à do próprio futebol profissional, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem da imprensa esportiva.¹⁷³

Para analisar as crônicas no interior do jornal é necessário pensar um pouco sobre a utilização dessas fontes. O jornal é tido como eixo entre a crônica e o cronista e nesse sentido, como esclarece Maria Helena Capelato, os jornais são: “uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura.”¹⁷⁴ Há contribuição da Imprensa como fonte histórica, mas devemos perceber como esses documentos e as suas implicações enquanto uma fonte não isenta vincula-se ao poder da imprensa escrita em selecionar determinados temas/pautas e “elzeiger” as notícias que serão veiculadas por um período de tempo.¹⁷⁵

As questões postas ao historiador para a leitura dos jornais do passado, e analisá-los corretamente, vão além de uma leitura atenta e análise prática, relaciona-se com o que Danton Jobin, escreveu sobre a atmosfera do tempo que o historiador detém. Está em conhecer o *zeitgeist* dos primeiros anos da década de 1970 integrando ao entendimento mais profundo dessas produções, já que entender a cultura e contextos de produções é conhecer melhor o ser

¹⁷⁰Mário (Rodrigues) Filho, nascido em 1908, é o terceiro de uma série de 13 filhos de uma família originária de Pernambuco. Cf. LOPES, José Sérgio Leite. *A vitória do futebol que incorporou a pelada*. Revista USP, p. 66. Mário Filho é tido como um dos principais responsáveis pela conversão do futebol em espetáculo de massas no país. Desenvolvendo um novo tratamento jornalístico do esporte, Mário Filho teria sido ainda um importante agente das transformações dos “sentidos de jogo”, ajudando a torná-lo um espaço de representação de questões políticas e raciais. Cf. SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol*. O Brasil moderno de Mário Filho. BH: UFMG, 2006. p. 24

¹⁷¹ Fundado em 1931, procurava divulgar as práticas desportivas na cidade do Rio de Janeiro, buscando, também, valorizar os benefícios para a saúde e para a construção de uma representação de sociedade carioca mais dinâmica e moderna. Cf. COUTO, André Alexandre Guimarães. *Uma arena de notícias: a fundação do Jornal dos Sports e os seus primeiros editoriais*. Rio de Janeiro, 2010. p. 01

¹⁷² Até o início da década de 1940, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais. Com a atuação de Mário Filho, houve a valorização do métier do analista e do repórter esportivo, a partir de seu trabalho com a promoção de competições, eventos, notícias e fatos – em suma, do próprio espetáculo.

¹⁷³ Marques, J. C. (2012). *O futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ. p.17

¹⁷⁴ CAPELATO, Maria Helena. . *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988. 1988, p. 21.

¹⁷⁵ LIMA, Nilsângela Cardoso. *Invisíveis Asas das Ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962)*. Teresina, 2007. p.03

humano, e poder, assim, “captar o eco das intensas vibrações sociais que porventura tenham provocado.”¹⁷⁶ Assim, a imprensa se mostrou uma importante ferramenta para o trabalho do historiador. Mas, acima de tudo, o historiador deve buscar compreender a sua fonte para melhor interpretá-la.

Dai a importância que a crônica sobre os esportes, de Olavo Bilac, Lima Barreto, João do Rio (Paulo Barreto) entre outros, tem para a compreensão de uma época, como forma literária que se serve do jornal para disseminar a visão aguda que o cronista tem dos fatos aparentemente banais que o cercam. A crônica é uma arma de combate que serve para fazer a crítica dos fatores que compõem a realidade brasileira de seu tempo. O esporte é um desses fatores e, por isso, merecedor da defesa e/ou dos ataques constantes que os cronistas anunciavam nos diários do Rio de Janeiro e de outras cidades brasileiras do período. Talvez um daqueles elementos que Gilberto Freyre acreditava não se abrir apenas ao olhar sociológico ou ao apenas histórico, mas que junto a estes deve-se buscar o olhar psicológico e/ou o olhar poético. E só assim nos seria possível oferecer uma explicação mais abrangente e verdadeira.¹⁷⁷

Com essas novas perspectivas frente às fontes jornalísticas, os jornais consolidam-se como uma fonte privilegiada e de grande aceitação por parte dos pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Nilsângela Cardoso entende que, “mesmo que a realidade social representada pelo discurso jornalístico não seja uma mimese do acontecido, o jornal impresso é um veículo importante para a obtenção da informação atualizada pelos leitores e empregada como fonte de pesquisa para a reconstrução do passado numa investigação científica.”¹⁷⁸ Assim, a produção da notícia articula todo um contexto histórico-social a ser interpretado, pois na notícia são impressos “modos de dizer.”¹⁷⁹ Esses modos ganham uma vasta produção de sentidos, pois depende do entendimento de onde e por quem foi produzido.

Diante do discutido, pensa-se sobre a produção da crônica esportiva e a vinculação aos jornais teresinenses, já que ela trata de uma “realidade”: aquela captada de forma rudimentar pelo autor, condicionada pelo seu contexto e posição social, processada devido à sua condição de arte, e deglutida pelo leitor.¹⁸⁰

¹⁷⁶ JOBIN, Danton. *O espírito do jornalismo*. Rio de Janeiro. 1960, p.140

¹⁷⁷ LOPES, José Sérgio Leite. *A vitória do futebol que incorporou a pelada*. Revista USP, p. 66.

¹⁷⁸ LIMA, Nilsângela, 2014. p.16

¹⁷⁹ Ibid.

¹⁸⁰ CAPRARO, André Mendes. *O Gênero Crônica e o Esporte Futebol: elementos de uma cultura genuinamente brasileira*. Londrina, 2005.

4.1 A especialização da crônica esportiva em Teresina

No Piauí, entre 1963¹⁸¹ e 1970 a maior parte dos clubes da federação estadual profissionalizou o futebol e foram criadas as primeiras colunas especializadas, juntamente com a fundação das associações de cronistas esportivos. Nesse período, marca-se o fim da era do amadorismo com a organização e o modo de jogar (moderno). Em Teresina, o ano de 1964 é chave na compreensão desse processo, quando são fundadas a Associação dos Cronistas Desportivos do Piauí (APCDEP) e algumas colunas esportivas, como “*Um prego na Chuteira*” no *Jornal O Dia*.

Durante os primeiros anos da década de 1970, a popularização do futebol – e suas várias possibilidades, desde o esporte oficial patrocinado pelo estado e pela iniciativa privada ao jogo suburbano vivenciado nos momentos de lazer – foi correlata das intensas disputas regionais e a projeção nacional do esporte. Durante esse período, a profissionalização se firmou como a alternativa mais viável para manutenção da administração do futebol nas mãos das mesmas elites sociais do período amador, o futebol profissional piauiense é correlato a construção do Estádio Albertão e das participações em competições nacionais. Portanto, esses aspectos desenvolvem a discussão sobre o processo de especialização da imprensa esportiva em Teresina e sua relação com o futebol, descrevendo, num primeiro momento, quais os encargos e diretrizes e funções correntes dos jornais em relação ao futebol, como também, os procedimentos discursivos da crônica no interior da imprensa.

O futebol em Teresina é uma prática que já ultrapassou um centenário. Mas apenas em 1941 houve a criação da Federação Piauiense de Desportos e, logo após foi eleito o seu primeiro presidente (Raimundo Ney Bauman).¹⁸² No mesmo ano inicia-se um campeonato envolvendo os primeiros clubes filiados: Artístico Futebol Clube, Automóvel Futebol Clube, Botafogo Esporte Clube, Esporte Clube Flamengo e Terríveis Esporte Clube. O campeão dessa competição foi o Botafogo. Mesmo com o estabelecimento da Federação houve pouca

¹⁸¹Com a assinatura do Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, pelo Presidente da República, Getúlio Vargas, foram estabelecidas novas diretrizes para o desporto brasileiro. Entre elas, tornou-se obrigatória a criação das Federações em cada Estado, com sede nas capitais. O poder as ligas chegava ao fim com o decreto de Getúlio e, a 25 de novembro de 1941, a Federação de Futebol do Piauí foi criada com o nome de Federação Piauiense de Futebol. Mas somente em agosto de 1960 e com a chancela da CND, foi realizada a eleição que viria a prevalecer, com Alfredo Nunes confirmado para a Assembléia Geral dos clubes filiados. O Novo presidente fez várias alterações na entidade, a mais significativa foi no ano de 1963, quando implantou o regime profissional no futebol piauiense. Cf. FILHO, Severino. *Memória do Futebol Piauiense*. Teresina, 2014.

¹⁸²A permanência de Bauman à frente da FPF perdurou até 1960, quando clubes dissidentes resolveram lançar um novo candidato – o deputado estadual Alfredo Nunes.

aproximação entre imprensa e futebol, como também, as descrições sobre os usos e intervenções na cidade proporcionadas pelo esporte.

Até aqui, pensou-se sobre as configurações dos clubes, times e sua relação com a cidade de Teresina. Retratou-se também sobre alguns elementos do futebol e as representações dos costumes e cultura local. Situou-se a relação entre futebol e imprensa e a crônica esportiva como a principal narradora destas representações. No prosseguimento dessa discussão, tem-se o objetivo de tentar esclarecer mais sobre os interesses da imprensa em relação ao futebol. Apesar dos jornais da década de 1960 e 1970 possuírem encargos semelhantes, na busca de informar os principais acontecimentos da sociedade teresinense, também tinham diretrizes e orientações diferentes, que interferiam no modo e tipo de matérias sobre o futebol e o esporte. Ao se analisar os jornais de grande circulação, tais como o “O Dia” e “Jornal do Piauí”, que são os focos dessa dissertação, fica evidente como as notícias em circulação versavam a respeito das obras desenvolvidas por Alberto Silva e Joel Silva, em prol de melhorias e os coloca como “agentes construtores e modeladores do espaço urbano na capital.”¹⁸³ As matérias têm grande destaque dentro dos jornais locais e nesse contexto de transformações dos espaços urbanos a imprensa ajudou a montar um cenário que relaciona a auto-estima dos cidadãos e à identificação do futebol local do período.¹⁸⁴

Observamos nestes relatos como há a tentativa dos governantes empreenderem e de se registrarem frente às grandes obras de modernização do contexto apresentado. Assim torna-se importante a discussão da historiadora Cláudia Fontineles, que discorre sobre como a memória em combate ao esquecimento é promovida pela sua associação com a retórica, onde a citação e a recitação são instrumentos imprescindíveis na arte de fazer crer.¹⁸⁵ Nesse sentido, de acordo com a pesquisadora, “as imagens assim armazenadas são fáceis de evocar no momento oportuno, segundo o qual a ordem dos lugares preservaria a ordem das coisas, sendo que as "coisas" figuradas pelas imagens e pelos lugares.” O Jornal do Piauí, veiculava notícias dedicadas à cidade de Teresina sobre a revitalização das praças, implantação do anel viário, das ruas e interligação dos bairros. Esse é o cerne das representações da cidade em estudo, empreendedora e articulada com os anseios da “modernidade”- em implementação.¹⁸⁶ No caso do “Jornal do Piauí”, esta diretriz fica ainda mais evidente. Entre os assuntos escolhidos nos editoriais de primeira página estão às grandes obras e feitos governamentais e o discurso de modernização de Teresina. Num discurso proferido pelo prefeito de Teresina,

¹⁸³ NASCIMENTO, Francisco Alcides Do., 2007. p. 277

¹⁸⁴ FONTINELES, C. C. S.. 2010, v. 1, p. 106.

¹⁸⁵ Ibid.

¹⁸⁶ Ibid.

em matéria publicada pelo Jornal do Piauí ele argumentava sobre o desenvolvimento da cidade.

Já se pode sentir a transformação por que passa Teresina. Abrem-se horizontes e já se lhe é permitido olhar para o futuro com o seu desenvolvimento urbanístico controlado, graças à implantação do sistema viário fundamental, que, partindo do centro interliga os subúrbios e oferece condições para que haja ocupação dos grandes claros já saneados e preparados para isso. Tudo seria debalde não houvesse, antes, preocupado o administrador o saneamento das finanças municipais, de cujos frutos muniram-se dos recursos essenciais com os quais operou nos sistemas da educação, da saúde, limpeza pública e, — o que nos envaidece sobremodo —, permitiram que se desse tratamento justo e humano ao funcionalismo da prefeitura, atribuindo-se -lhe salário móvel com níveis nunca inferiores ao salário- mínimo regional, e a garantia de que, neste caso, a legislação que lhe concede o 13º salário será finalmente cumprida.¹⁸⁷

Joel Silva discorre sobre a “eficiência” do seu governo. Registra como um dos “pais modernizadores” da cidade, que é lembrado não pela ação política, mas pelos registros de grandes obras, No caso do Jornal do Piauí. Esta diretriz fica ainda mais evidente, pois minuciosamente detalhada e afirmada no editorial esses grandes feitos. Como toda essa espaços, novas vivências e (re)modela também as práticas sociais, os jornais passam a atender a essas novas demandas. O futebol inseriu-se entre as novas pautas e ganha mais espaço nesses periódicos. A crônica esportiva foi se especializando nesses jornais. Foram- se estabelecendo nas colunas e páginas especiais para discussões sobre o esporte. Dessa maneira, a especialização da crônica no interior do jornal pode ser apresentada da seguinte forma:

O vínculo com o jornal, ao assegurar a difusão do gênero, acabou por possibilitar também o aparecimento de colunas especializadas. O progressivo surgimento de seções específicas nos grandes jornais provocou a diversificação dos tipos de crônica, muita vez definida por seu caráter generalista [...] Assuntos como a política, o teatro, o esporte e a memorialística, embora se fizessem desde o início presentes na produção dos cronistas brasileiros, passaram a merecer seções próprias, pautadas por lógicas e regras específicas.¹⁸⁸

A crônica esportiva inserida no interior da imprensa ajudou a disseminar o futebol e com esse apoio, o futebol brasileiro a passou a ter lugar nos espaços sociais e no sentir de uma grande parcela da população, tornando-se um esporte bem difundido e popular. As crônicas apresentam características específicas, essas devem ser levadas em conta em suas análises.¹⁸⁹ Por esse viés a crônica esportiva fomenta uma discussão do cotidiano em torno do futebol.

¹⁸⁷ Jornal do Piauí, 16/17 de agosto de 1973, p. 1

¹⁸⁸ CHALOUB; NEVES & PEREIRA: 2005, p.p. 16-17.

¹⁸⁹ CHALOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. M. (orgs.). *História em cousas miúdas*. Capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Unicamp: 2005.p.14

Possibilita-se perceber a relação entre o esporte e a vida urbana através das expressões, do humor e o trato do futebol como metáfora, legitimando determinadas posições que como já apresentamos no capítulo anterior, permite analisar os aspectos do cotidiano¹⁹⁰ na cidade.

As características da crônica e do cronista ajudam a montar um mosaico frente às abordagens sobre este gênero textual. Segundo Bernardo Buarque de Holanda¹⁹¹, que estuda a crônica esportiva de José Lins do Rêgo, a crônica exprime opiniões por um estilo simples, franco e despojado. Nesse sentido, a crônica aproxima-se da fronteira do ensaio. Por um lado a crônica como gênero possibilita no plano dos fatos um exercício lúdico semelhante ao que o ensaio proporciona.

Afrânio Coutinho¹⁹² situa que, as implicações da crônica surgem como um desdobramento do ensaio. Nesse sentido, mostra a crônica como gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo, podendo tornar-se um poderoso agente de correções. Sobre os cronistas brasileiros e as temáticas relacionadas ao estudo da crônica no Brasil, ressalta a relação entre a crônica e a reportagem: a crônica que não seja meramente noticiosa é uma reportagem disfarçada, ou antes, uma reportagem subjetiva e às vezes mesmo lírica, na qual o fato é visto por um prisma transfigurador. O fato permite ao cronista comentários e reflexões, diferente do repórter, que faz de uma análise geral. O texto ganha um forte caráter dialógico, a todo o momento imprimindo a marca de uma conversação que tem como base a observação direta do que é descrito. Para Jorge Sá, a crônica torna os fatos efêmeros mais concretos. Esta concretude lhes assegura a permanência, impedem que caiam no esquecimento e lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos ou como é recriada pela arte – é feita de pequenos lances.

O cronista é um escritor, que deseja escrever algo que fique pra sempre. Assim, ele vai à busca de coerência no traçado da vida, quando o cronista fala de si mesmo, é a vida que está sendo focalizada por uma câmera disposta a alcançar um amplo raio de ação. Ao narrar o mundo, o cronista narra a si mesmo e assim vence a passagem do tempo.¹⁹³ As crônicas são textos surgidos ao acaso, da espontaneidade de uma conversa, uma de suas características

¹⁹⁰A perspectiva para o entendimento do cotidiano é baseada na de Michel de Certeau. Tenta-se interpretar as práticas culturais contemporâneas, recuperando as astúcias anônimas das artes de fazer – esta arte de viver a sociedade de consumo. Assim, a multiplicidade das práticas cotidianas, entende-se como parte da vida das pessoas e nas possibilidades de a multidão anônima abrir o próprio caminho no uso dos produtos impostos pelas políticas culturais.

¹⁹¹ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Dos Engenhos de açúcar aos campos de futebol: a crônica esportiva de José Lins do Rêgo In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. M. (orgs.). *História em cousas miúdas*. Capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Unicamp: 2005.p.404

¹⁹² COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: *A Literatura no Brasil: volume 6.7*. Ed. São Paulo: Global, 2004.

¹⁹³SÁ, Jorge de. *A crônica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987, p. 17-22.

primeiras é a leveza.¹⁹⁴ Segundo, Chalhoub e outros são consequência da tensão entre a elaboração narrativa e o dever de dialogar de forma direta com temas e questões de seu tempo, definiu-se um perfil do gênero de importância central na produção literária brasileira a partir de meados do século XIX. Dentre as características que marcam o gênero, apontam a cumplicidade construída entre o autor e o leitor quanto aos temas e questões a serem discutidos.¹⁹⁵

A característica referente à atuação dos cronistas como escritores de séries temáticas é importante para entendermos como os cronistas esportivos de Teresina, Deusdeth Nunes e Carlos Said construíram suas séries. Os autores buscaram caracterizá-las como textos que historicizam, portanto marcados pelo conceito antigo de crônica, ou seja, textos que procuram zelar pela memória dos acontecimentos importantes, nessa perspectiva, entende-se que “o cronista organiza cronologicamente histórias existentes ou o do ponto de vista da memória, fixando aquilo que um dia aconteceu, que um dia foi presente.”¹⁹⁶

A crônica esportiva estudada aqui, não discute autores reconhecidamente aprovados e integrados ao campo literário e que se valeram dos jornais, como foi o caso de Nelson Rodrigues, mas pretende-se indicar alguns componentes textuais das colunas esportivas nos jornais da cidade frente a determinadas funções em torno de sua crônica. Assim, aquela característica epistolar de se comunicar com o público leitor e de improviso, encontradas na citação do “escritor-personagem” - O Garrincha e o Magro – de – aço comentavam os jogos,- são percebidas com a mesma função, porém em textos com o viés jornalístico.

Portanto, para entender a forma como Deusdeth Nunes e Carlos Said elaboraram seus temas e abordagens são fundamentais os aspectos relativos à intenção do cronista, a crônica como o registro circunstancial e da construção das suas séries diante da sua trajetória enquanto cronista.¹⁹⁷ Os cronistas esportivos em Teresina se valeram dos jornais para difusão da crônica, assim tenta-se indicar alguns componentes textuais que montam um perfil que serve de chave interpretativa capaz de guiar o leitor através dos seus textos. Ao invés de conceituar a crônica por um único modo, é necessário pensar a sua especificidade, através da

¹⁹⁴ CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. M. (org.). *História em cousas miúdas*. Capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Unicamp: 2005.p.19

¹⁹⁵ CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. M. (org.). *História em cousas miúdas*. Capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Unicamp: 2005.p.19

¹⁹⁶ LOPES, Telê Porto Ancona. A crônica de Mário de Andrade: impressões que historicizam. In: CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 165-166.

¹⁹⁷ Ver o terceiro capítulo dessa dissertação.

busca de sua historicidade, ao mesmo tempo em que se mostre atento aos complexos mecanismos narrativos que a constituem.

Em 1964, as colunas ganham maior espaço nos jornais da cidade. No Jornal *O Dia*, Carlos Said começa a escrever a coluna intitulada “*Em 44 linhas...*” Nesse período o jornal tinha em seus periódicos dois espaços reservados aos desportos. Além da coluna de Said, também pertencia às páginas do periódico, a coluna diária “*O Dia nos esportes*” mostrando os campeonatos, jogos, tabelas e resultados diariamente. Nas 44 linhas, Said versava sobre o universo do futebol piauiense: os relatos referentes aos jogos, destacam-se inicialmente as apresentações das partidas, indicando o dia, a hora, o lugar e a apresentação dos oponentes em campo. Na crônica de Carlos Said, nota-se a relação entre futebol, imprensa e cidade; uma relação entre times, jogadores, torcedores e campo de jogo.

Dentro dessa análise, ainda chama-se a atenção para as diversas crônicas em que Said escreve sobre a sua militância por reconhecimento frente ao conhecimento esportivo dos cronistas piauienses, legitimava os espaços de atuação e noticiava sobre os encontros realizados entre eles. Esse aspecto refere-se em boa parte pela criação da APCDEP no mesmo ano.

Nós piauienses, os que trabalhamos em crônica esportiva, devemos deixar de lado a “fidalguia” e o cavalheirismo no aceitar imposições de comentaristas de outros pontos do país. Querem saber mais do que nós; no entanto, temos dado provas sobejas da nossa supremacia no terreno dos conhecimentos desportivos.¹⁹⁸

Esse é um dos fatores ao qual acredita-se que houve um processo de especialização da crônica durante esse período, a institucionalização e mobilização dos cronistas em consonância com as especificidades e espaços que foi sendo disponibilizado para as colunas esportivas nos jornais teresinenses. Assim, recuou-se no recorte proposto para esse estudo, pois a análise dos jornais mostrou como em 1964 tem-se um novo perfil da crônica esportiva no que se refere ao futebol.

Outra especificidade desse período relaciona-se a estreia de Deusdeth Nunes no Jornal *O Dia*, que apresentava o programa *Um prego na Chuteira* na rádio Difusora, o cronista passou a assinar a coluna no Jornal e deu um novo formato para crônica esportiva teresinense. A crônica ganhou dinamismo, Deusdeth Nunes, desenvolvia suas séries através do trato do futebol como metáfora e do humor na crítica aos aspectos cotidianos do futebol piauiense.

¹⁹⁸ Jornal O Dia, 23 de janeiro de 1964, p.4

COMEÇO DE CONVERSA

Caros leitores de O DIA. Aqui estamos “debutando” como diz nosso cronista Prego José. Esperamos contar com o apoio dos leitores desse jornal. *Nossa intenção é preencher uma lacuna no esporte piauiense: o lado humorístico do esporte.* Se não conseguirmos pelo menos tentamos.¹⁹⁹

A crônica esportiva produzida em Teresina tinha um caráter mais descritivo. Essa configuração ocupou as características da crônica teresinense até os primeiros anos da década de 1960. No Jornal *O Dia* em grande maioria aparecia notas sobre os jogos, tabelas de campeonatos e informações institucionais. Devido às novas perspectivas, que já foram citadas na abertura dessa discussão, em 1964, multiplicaram-se as interlocuções com o esporte. O jornal incorpora um novo formato para os informes desportivos, principalmente textos que exploravam o futebol.

Fora das colunas esportivas, também apareciam notícias relacionadas ao futebol, que consistiam em convites para festividades institucionais, dentre eles: convocações para reuniões e bailes de carnaval, eventos que não estavam diretamente ligadas ao jogo, mas ao que acontecia nas sedes dos clubes teresinenses, como também, as eleições dos clubes e da federação de futebol:

ELEIÇÕES NA FPD

Os três candidatos a vice-presidência da Federação Piauiense de Desportos estão apontando para o superintendente da entidade o desportista Guilherme Lustosa. O atual secretário da FPD salientou que havendo sua nomeação para o difícil cargo, solicitará permissão para estagiar no sul do país para melhor poder entrosar-se no cargo de superintendente esportivo.²⁰⁰

Os textos não eram assinados e possuíam um caráter formal. Na maioria dos casos, esses textos com caráter informativo eram escritos e enviados pelos secretários dos clubes. Eles continham nuances da dinâmica institucional dos times e da federação, mas com caráter de informe oficial: nomeações, afastamentos, processos julgados e possibilidades nas alterações do funcionamento dos campeonatos promovidos pela Federação:

É pensamento do Presidente da *Federação Piauiense de Desportos* apresentar um plano de reformular a tabela de jogos do campeonato regional. O certame de futebol seria realizado com equipes de Parnaíba, Floriano, Teresina e Campo Maior. Os campeões das cidades disputariam um *super-*

¹⁹⁹ O Dia, Teresina, 26 de janeiro de 1964, p. 06

²⁰⁰ Ibid.

*campeonato na capital piauiense. Daí sairia o campeão para disputar os jogos nacionais da “V Taça Brasil”*²⁰¹[Grifos nossos]

As informações contidas na notícia revelam o aspecto institucional (*Federação Piauiense de Desportos*) e a expressão frente à organização do campeonato piauiense (*super-campeonato*). Esses dois aspectos levam ao entendimento da regulamentação do futebol piauiense nesse período, no que toca a participação na V Taça Brasil,²⁰² expressa o caráter oficial/profissional do jogo, visto que, essa reorganização constitui-se no ano seguinte a profissionalização dos times piauienses. A imprensa configura a promoção da ideia, da projeção nacional do futebol piauiense. Como visto na promoção do esporte por parte da imprensa, a partir de 1964 foi de iniciativa para a participação de um time piauiense na Taça Brasil. Os desdobramentos para a conquista da vaga foi resultado do Rivengo²⁰³ realizado em 24 de fevereiro de 1964.

[...] esperamos que o “match” evidencie no terceiro turno, as qualidades exponenciais de um clássico de futebol, sempre considerando o melhor do campeonato promovido pela Federação Piauiense de Desportos. Os jogadores rubro-negros e tricolores esperam contar com o incentivo da torcida a fim de que possam *realizar um entrevero à altura das necessidades do “association” regional*. O Flamengo atuando 4-2-4. O River idem.²⁰⁴ [Grifos nossos]

²⁰¹ O Dia, Teresina, 30 de janeiro de 1964.

²⁰² Taça Brasil foi oficialmente a primeira competição nacional entre clubes, criada pela CBD para substituir o deficitário Campeonato Brasileiro de Seleções. Esta competição de futebol foi disputada em sistema de copa entre 1959 e 1968, e segundo João Havelange, seu criador, foi disputada nesse formato devido às dificuldades de locomoção e transporte da época, impedindo que existisse um torneio nacional mais integrado. Reunia as equipes campeãs estaduais do Brasil. Ela foi criada pela CBD em 1959 para definir o campeão brasileiro de clubes (algo ainda inédito no Brasil) e indicar os representantes brasileiros na Taça Libertadores da América, que teve sua origem no Congresso da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), realizado no Rio de Janeiro em 1958, onde ficou definido que haveria participação de todos os campeões nacionais da América do Sul: Campeão argentino, campeão uruguaio, campeão paraguaio, campeão chileno, campeão boliviano, campeão colombiano e campeão brasileiro. Ainda que tenha sido criada apenas em 1959, a proposta original de criação da Taça Brasil data do início da década de 1950, para conciliar e integrar os clubes dos demais estados, haja vista que apenas clubes cariocas e paulistas tinham acesso a Copa Rio Internacional e ao Torneio Rio -São Paulo. Participavam da Taça Brasil as equipes campeãs estaduais de todo o país, porém as equipes mais fortes disputavam apenas as fases finais. Em 1965 a Taça Guanabara foi criada e passou a definir o representante do então Estado da Guanabara (atual município do Rio de Janeiro). Até 1964 o representante da Guanabara era definido pelo Campeonato Carioca. Já o representante do Estado do Rio de Janeiro era definido pelo Campeonato Fluminense. Normalmente apenas uma equipe de cada estado disputava a competição, porém as edições de 1961, 1964, 1965 e 1966 contaram com dois representantes do futebol paulista, enquanto que em 1967 houve a participação de duas equipes mineiras. Em 1968, último ano da competição, nenhuma equipe paulista disputou a competição.

²⁰³ Em 25 de Abril de 1948, foi disputado o primeiro jogo envolvendo os dois principais times de Teresina: River Atlético Clube e Esporte Clube Flamengo. Tornou-se um dos principais clássicos do futebol piauiense Na década de 1970, em Teresina, o clássico Rivengo alcançou seu auge, com grandes públicos nos estádios da capital.

²⁰⁴

A imprensa oficial noticiava os preparativos, e evidenciava os dois seletos clubes: River e Flamengo, criando expectativas em torno da institucionalização (do *association*), que requeria um nível a ser atingido pelas equipes. No Jornal *O Dia*, além das matérias sobre a vida institucional dos campeonatos e clubes, as colunas esportivas possuíam uma variedade de textos que tinham um caráter de colunas sociais. Os grandes nomes do futebol e mais diversos assuntos constituíam essas colunas, o objetivo era descrever os bastidores e a vida social do futebol, nesse sentido, constituindo as relações do esporte com o poder público e as sociabilidades da cidade. É interessante perceber, que diante dessa forma de escrita sobre o futebol e os esportes, a coluna esportiva trazia notícias curtas que ajudam a pensar um perfil dessa crônica. As crônicas noticiavam as peladas e campeonatos suburbanos, como também, eventos que não se limitavam a uma esfera esportiva, mas a acontecimentos sociais vivenciados pelo futebol na capital.

Assim, as festividades nos clubes continham encargos e demandas sociais, ajudando a promover e descrever a vida social teresinense. No caso, o jornal *O Dia* apresentava essas matérias no que diz respeito à função desempenhada pelos clubes e a função social deles. As sedes dos clubes surgiram como um novo espaço de lazer, assim, o futebol provocava uma mudança de valores em voga na cidade em conexão aos novos moldes do urbano e do moderno que passam a serem representados nos meios letrados.

Carlos Said e Deusdeth Nunes possibilitaram perceber e especificidade desse gênero. A simplicidade, a liberdade de experimentação e o tom coloquial²⁰⁵ fixam a crônica teresinense com formato próprio e feições específicas, eles foram buscando espaços para forjar um estilo próprio e imprimiram alguns traços da sua personalidade. Normalmente, esses cronistas conectavam o leitor as vivências dos campeonatos, funcionando como um contato direto com a população. Eles ajudaram a disseminar o futebol nas décadas de 1960 e 1970 com a formulação de um discurso que incentivava e desenvolvia uma imagem popular do futebol piauiense.

Outro aspecto que pensa a especialização da crônica esportiva teresinense na década de 1964 e 1975 é a transformações dos jornais da cidade. Várias modificações ocorreram nas suas estruturas, houve o investimento em uma estrutura mais comercial e moderna, nesse sentido, diversificaram as possibilidades de abrangência de novos públicos com colunas que possibilitam agregar uma multiplicidade de pessoas pelas variadas colunas e interesses. Entre

²⁰⁵ MONTEIRO, Charles. Crônica e Cidade: a Porto Alegre dos anos 1970 entre a nostalgia da cidade perdida e a cidade labirinto. In: BOTELHO, Denílson. História e Cultura Urbana: A cidade como arena de conflitos. Rio de Janeiro, 2015. p.124-126

os novos assuntos estavam o futebol e os esportes, assim encontra-se na periodicidade e consolidação dessas publicações a demanda de leitura e consumo das “rodas desportivas” em Teresina nesse período.

Agora todo DIA é DIA de “Um prego na chuteira.” *DI*Ariamente recebíamos pedidos e até algumas ameaças (daqueles mais fanáticos) para que o “Prego” saísse todo DIA. Até a DIAna nos suplicou. Nós meDIAMos a extensão, calculados todos os DIAMetros que a nossa mentalidade entenDIA e resolvemos: Vai ser todo DIA. Dessa forma você pode ficar em DIA com as fofocas d esporte, penetrar no cotiDIAno do futebol, lendo todo DIA o seu DIA que agora é DIARIO. Se não fosse como podia ser O DIA? Era o DIAbó [...] Finalmente, um conselho: compre DIARIAMENTE o DIA e leia o DIA todo e se não gostou deste número compre o próximo, pois nada melhor que um DIA após outro. [Grifos nossos]

Deusdeth Nunes, inclusive, demarca esse maior apelo comercial para a crônica esportiva. O humor é a maior marca do cronista, nessa passagem o jogo com a escrita é o *insight* das novas configurações do cotidiano do jornal e do dia a dia do leitor, aspectos que poderiam passar despercebido, mas que o cronista deu um caráter circunstancial atrelado ao o humor. De forma simples, o cronista o indica o seu início na periodicidade diária frente à publicação esportiva do jornal. Com essa virada, o jornal tendia a colocar em seu programa editorial mais elementos que o simples embate político que marcou de forma impactante a produção jornalística da década anterior²⁰⁶. Nesse contexto, cabe agora entender quais são as características dessas novas colunas esportivas em relação ao futebol, levando em conta os primeiros anos da década de 1970.

Na sua crônica diária do jornal “O Dia”, Deusdeth Nunes elaborava séries com base no humor, os acontecimentos em torno do futebol se tornavam fatos engraçados. Pensando nessa perspectiva, elege-se agora uma metodologia pra a compreensão do humor, pois uma das especificidades da hipótese geral desse capítulo é: a crônica (humorística) esportiva de Deusdeth Nunes. O autor eleito para nortear essa análise é Vladimir Propp²⁰⁷, esse autor

²⁰⁶Guardando as especificidades do espaço, do período e das condições históricas em que os jornais O Dia, A Cidade e o Jornal do Piauí se estruturaram em Teresina, no início da década de 1950, a análise dos dados da pesquisa em torno das matérias publicadas nesses jornais revela com clareza muitos traços do quadro apresentado acima por Nelson Werneck Sodré (1983), no tocante ao fazer jornalístico no Brasil, no início do século XX, em virtude de as matérias jornalísticas publicadas pelos órgãos O Dia, 4 Cidade e Jornal do Piauí, nos anos de 1951 a 1954, terem sido amplamente preenchidas pelo fato político individualizado/personificado, em torno do governador Pedro Freitas (1951-1954), eleito pela coligação PSD-PTB em 1950. Cf. LIMA, Nilsângela, Relações de poder e práticas jornalísticas em o Dia, a Cidade e Jornal d Piauí (1951 – 1954), 2014, p.19

²⁰⁷Estudioso ligado ao formalismo russo. Ele reuniu e analisou exemplos literários como Gogol e Techekhov para poder criar uma teoria sobre a comicidade. Cf. SCOVENNA, Sandra Maret. Nas linhas e entrelinhas do riso: as crônicas humorísticas de Belmonte. São Paulo, 2009.

destacou dentro dos “instrumentos linguísticos da comicidade”²⁰⁸ a ironia e a paródia. Esses dois elementos da linguagem marcam a produção das crônicas de Deusdeth Nunes. De acordo com Propp, a ironia subentende-se ao que é dito, dado como positivo, mas que intenciona algo negativo, que fica nas entrelinhas.

[...] expressa-se com as palavras um conceito mas se subentende (sem expressá-lo por palavras) um outro, contrário. Em palavras diz-se algo positivo, pretendendo ao contrário, expressar algo negativo, oposto ao que foi dito. A ironia revela assim alegoricamente os defeitos daqueles (ou daquilo) de que se fala. Ela constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está sua comicidade. O fato de o defeito vir a ser definido por meio da qualidade que lhe opõe, coloca em evidência e realça o próprio defeito.²⁰⁹

Em sua crônica, Deusdeth Nunes utiliza a ironia como um importante recurso linguístico para tornar visíveis os aspectos cotidianos do futebol através da manifestação do riso. Em 1974, quase uma década depois da estreia no jornal, encontra-se uma grande quantidade de crônicas, que delinearão bem essa perspectiva. Em comentários aparentemente descontraídos e despretensiosos, o cronista mostrava o caráter ambíguo das relações institucionais do futebol.

[...] “Amigos, existe treinador e treineiro. Técnico e técnico. O problema maior do Tiradentes é de um técnico. *Dos que tem em casa ele não precisa porque Mormaço de casa não obra milagre. Pode obrar calor, quando muito.* [...] A sugestão lançada aqui de aproveitar um técnico do Projeto Piauí não foi levada a sério. Nem a ideia e nem o projeto. [...] *Mas se não aproveita o que tem dentro vamos buscar o que tem fora. E foi mandando um enviado especial ao Rio Grande do Sul buscar um professor* [...] Pelo amor de Deus não confundir com o professor Mendes Ribeiro, gente nossa aqui, comentarista de futebol, vereador violeiro, doutor em leis e mais uma porção de coisas [...] Mas eu falava em técnico de futebol e especialmente em técnico do Tiradentes que se especializou em dar luvas e depois mandou o cara embora. E falando em luvas é bom lembrar que o técnico que classificou o time, o Mormaço foi o único que não ganhou luvas. Anda de mãos abanando.²¹⁰ [Grifos nossos]

O ponto mais curioso, no entanto, remete para a nossa percepção do que o trecho afirma: há, no caso a troca do técnico do Tiradentes, o clube contratou Mendes Ribeiro como técnico e Paulinho Machado como preparador físico, ambos, vindos do Rio Grande do Sul. O cronista chamava atenção para o que não era aproveitado no estado. “Mormaço de casa não obra milagre,” Mormaço, técnico do Tiradentes, que saía do time no início da campanha para

²⁰⁸ PROPP, Vladimir. *Comicidade de Riso*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

²⁰⁹ Ibid. p. 125

²¹⁰ Jornal O Dia, Teresina, 04 de janeiro de 1974.

o Campeonato Nacional de 1974, é o eixo da ironia do cronista: o desempenho do técnico e a busca de preparadores de outros estados para atuar no Piauí. O interessante na produção de Deusdeth Nunes é a captação desse instante brevíssimo que também faz parte da condição humana e lhe confere ou lhe devolve a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples situação em um diálogo sobre a complexidade das dores e alegrias, que o jogo e as relações dentro do futebol envolviam.²¹¹

Nesse aspecto, é possível ver os torcedores, que dentro de uma dupla perspectiva é uma visão compartilhada por clubes e imprensa, de onde se resulta, a partir de sua mobilização, dividendos e incremento emotivo ao espetáculo. As crônicas esportivas, seja apresentando uma partida ou descrevendo um jogo, sempre diz sobre a expectativa geral (animação ou frustração; volúpia ou frieza), criticando o comportamento ou delimitando os papéis do torcedor, inclusive em termos de gênero. De uma forma ou de outra, espera-se do torcedor um determinado comportamento, como uma cartilha de conduta, que se quer comprovar a todo instante como elegante, distinta, imparcial, ordeira e vibrante (entusiasmada, para usar uma expressão corrente do período).²¹²

Pelo futebol, a crônica ganha sensibilidade especial, as narrações e comentários ganham um tom apaixonado, há uma tendência ao “bairrismo” aos clubes locais, características impressas nos textos, que vai além do vínculo do cronista ao jornal, mas a uma relação que Bernardo Buarque chamou de *cronista-torcedor*²¹³. Segundo José Lins do Rego, o cronista deveria ter três aspectos imprescindíveis à cobertura de uma partida de futebol: equilíbrio no desenrolar dos fatos; honestidade de crítica e a modéstia do cronista,²¹⁴ mas dentro desses requisitos apontados, encontra-se a situação particular dos cronistas teresinenses, aqui estudados, na medida em que permitem que façamos sua leitura em forma de catarse e empatia.²¹⁵

Além disso, percebemos como os cronistas descreviam minuciosamente as partidas, todo um universo de informações que discorriam sobre o lugar do jogo, horários, o time escalado, elogios e críticas ao envolvimento das torcidas, entre outros aspectos.

O mais importante é que a crônica esportiva exerce certa função no próprio jogo. Se a imprensa ajuda a organizar o futebol, através dos canais de diálogo que abre com outros praticantes desse esporte (clubes, instituições, jogadores, torcedores/leitores, empresas), o jogador da imprensa é a crônica

²¹¹ MONTEIRO, Charles. 2015. p.124-126

²¹² MAIA NETO, V. M.. Fortaleza, 2014.p.78

²¹³ CHALOUB; NEVES & PEREIRA: 2005, p. 413

²¹⁴ Ibid.

²¹⁵ MAIA NETO, V. M.. Fortaleza, 2014.p.78

esportiva. Isso quer dizer que entre outras coisas as crônicas desempenham certo aspecto lúdico, que embora não sejam participes de uma competição, fazem da descrição do jogo, jogo com as palavras, metáforas do mundo social. Inclusive este é o sentido literal de uma metáfora, se referir a determinado objeto sem ser exatamente a coisa referida.²¹⁶

Deusdeth Nunes e Carlos Said são os mediadores nessa relação jogo - imprensa. É como Jorge Sá coloca sobre a dialógica do cronista que “[...] equilibra o coloquial e literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como elemento provocador de outras visões do tema e subtemas.”²¹⁷ Neste aspecto, diversos elementos passam a ser objeto da análise, as metáforas das crônicas de futebol e as representações sociais operadas pelo cronista.

QUADRINHAS

O jogo do River x Fortaleza
 não chegou à segunda fase
 desculpas dos riverinos:
 Castelo... naquela base
 O Ceará chegou aqui
 com uma banca danada
 depois do jogo com o Mengo
 saiu de banca quebrada

CARTAZ CINEMATográfico

Cine Polícia-militar: minha vontade é lei. Protagonizado por Valdimir Silva, o manda-chuva do futebol de salão.
 Cine Lindolfo Monteiro – A tortura do medo. Estrelado por Castelo Branco. Onde se vê em os perigos que ameaçaram o conhecido juiz.
 Cine Riverino – A invasão dos bárbaros – com toda a diretoria do River. Aqui se vê como se portaram os dirigente penta-campeões
 Cines Flamengo – uma rua chamada pecado onde se conta a vida dos atletas rubro – negros. Números de strep-tease.
 Cine Federação – Um anjo desceu sobre a terra. A história da provincial vinda do Ten. Marinho para orientar a seleção de futebol de salão.²¹⁸

O texto citado foi à primeira crônica da coluna “Um prego na Chuteira”, que estreou no jornal O Dia em 26 de janeiro de 1964, a coluna antes era apenas vinculada a rádio Difusora em Teresina. Deusdeth Nunes legitima a ideia de “um papel” social do cronista. Essa função é facilitada por sua relativa independência ou marginalidade dentro dos veículos

²¹⁶ Ibid.

²¹⁷ SÁ, Jorge de. A crônica. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

²¹⁸ O Dia, Teresina, 26 de janeiro de 1964, p. 06.

de comunicação apoia-se no aspecto literário do ofício: o personalismo de cada cronista, seu estilo e suas marcas, abrem espaço ao emotivo, aproximando-o das conversas públicas.²¹⁹

A crônica de Deusdeth Nunes imprime um caráter emancipatório da linguagem, ele é um hábil decifrador do cotidiano, têm no jeito desprezioso e cômico, das expressões sobre a vida e sobre o jogo. Há um diálogo entre o futebol e a cidade com um ar interiorano travestido de cosmopolita na prática discursiva. Para Johan Huizinga,²²⁰ a linguagem também encerra certo aspecto lúdico, pois a convenção consciente do mundo é expressa por meio de um jogo de palavras, como é o caso da crônica esportiva. “Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza.”²²¹

ORAÇÃO PARA UM JOGO FELIZ

Senhor, fazei com que esta partida decorra em paz, porque só na paz encontramos o clima propício para a prática do futebol. Daí ao juiz serenidade e preparo físico para correr os noventa minutos. Aos dirigentes, principalmente pentacampeões, serenidade para que cheguem ao seu final, mesmo quando o time estiver perdendo. Que não interrompam as partidas invadindo o campo sob a alegação de que o juiz está embriagado. Lembrem-se que quem está embriagado tanto pende para um lado como para o outro. À torcida que não mais se rebele; que deixe as redes intactas, pois quando são novas dão confusão, imaginem estando rasgadas. Aos que ficam na lanterna daí calma porque “os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros.” Que a disciplina reine em nosso seio; que ninguém dê pontapé, porque “é dando que recebemos” e que o River esqueça o “caso Castelo” porque é perdoando que somos perdoados e é o time ganhando que todo juiz é bom.

²²²

As particularidades do futebol, as pequenas ações do cotidiano e do jogo aparecem no texto, às metáforas burlam a narrativa e representam aspectos sociais dele, estão nesses aspectos criam uma simetria singular das crônicas esportivas.²²³ Desta forma, essas informações são retratadas relacionadas ao acontecer urbano e ao fluxo temporal, que “transforma-se também em imagens e ideias que se fixam no devir.”²²⁴

²¹⁹ CHALOUB; NEVES & PEREIRA: 2005 p. 414

²²⁰ MAIA NETO, V. M.. Fortaleza, 2014.

²²¹ APUD MAIA NETO, V. M. 2008, p. 07.

²²² O Dia, Teresina, 26 de janeiro de 1964, p. 06

²²³ MAIA NETO, V. M.. Fortaleza, 2014.

²²⁴Ibid.

O cronista cria ou alimenta imaginários urbanos diariamente, aproxima o vivido do imaginado mesclando passado e presente, memória e acontecimento: cruza ideias universais na reflexão do detalhe e estabelece uma dialética entre espaço social e temporalidade. Seu texto é produzido, normalmente, a partir de um fragmento do dia numa cidade, circula nos “rios” do imaginário e “embrulha o peixe” do dia seguinte.²²⁵

Nessa perspectiva, pensa-se na aproximação que a crônica realiza entre o leitor e o jornal. A linguagem mais coloquial próxima do cotidiano proporciona uma relação, que Afrânio Coutinho e Jorge Sá definem sobre a busca do circunstancial, as limitações dentro da escrita frente à fluidez de produção dos periódicos e a aceleração do tempo do leitor. Assim, soma-se a pressa de escrever com a de viver. Assume uma transitoriedade dirigindo-se, sobretudo, a leitores apressados.

A partir da crônica é possível pensar as relações do tempo experienciado pelo cronista e o tempo narrado na crônica, bem como a relação entre o tempo miúdo do cotidiano e aquele mais “alargado” da História.²²⁶ Nesse sentido a crônica e a história ajudam a pensar sobre a relação subjetiva e particular com a passagem do tempo, eixos que articulam a memória e a experiência social individual ou coletiva, desconstruindo formatações nessas trajetórias complexas e profundas.

Nessa relação subjetiva com a passagem do tempo, Sidney Chalhoub e outros, ajudam a problematizar uma análise sobre as “cousas miúdas” da vida, que se tornam fluídas, pois se lê em alguns minutos e dura apenas uma dia.²²⁷ Ao estabelecer uma espécie de acerto de contas com o presente, a crônica teria como uma de suas marcas esse caráter de intervenção na realidade. As formas pelas quais os cronistas esportivos teresinenses buscaram realizar tal intento foram variadas. Em comum, no entanto, estava o cuidado demonstrado na delimitação de um perfil próprio para suas séries, o que torna um tanto mais complexo o tipo de intervenção caracterizado pelas crônicas.

Foram realizadas as eleições presidenciais da Federação Piauiense de Desportos. Alfredo Nunes foi reeleito por unanimidade por 26 votos. Wall Ferraz ficou na vice-presidência somando 22 votos contra 4 de Teixeira Santos. Não pretendo entrar em detalhes a fim de não prejudicar a sadia manifestação do comentário. Os clubes devem deixar de lado a “politicagem mesquinha.” O que fizeram com Teixeira Santos deve ser esquecido. O desportista derrotado perdoou a todos. No entanto, espero que os clubes

²²⁵ Ibid.

²²⁶ MONTEIRO, Charles. Crônica e Cidade: a Porto Alegre dos anos 1970 entre a nostalgia da cidade perdida e a cidade labirinto. In: BOTELHO, Denílson. História e Cultura Urbana: A cidade como arena de conflitos. Rio de Janeiro, 2015. p.124-126

²²⁷ CHALHOUB; NEVES & PEREIRA: 2005 p. 414

sintam a deslealdade praticada emendando-se em 1964 com uma administração capaz de fazer. Wall Ferraz mereceu o título de vice-presidente. Mas Teixeira Santos provou que eleições esportivas se fazem no terreno democrático; nunca por meio da “coação” ou por liames brutais de despotismos. Nada deve existir para que conspire para a evolução desportiva estadual. Os dirigentes de clubes devem medir e pesar a extensão do meu comentário. Agora, mãos a obra. A tarefa começou desde o dia 30. Urge providências compatíveis com o desenvolvimento futebolístico da terra. Somos capazes de maiores façanhas. Comprovemos os fatos e escolha como a presença do Piauí como parte integrante da C. B. D (vice-presidência). Esqueçamos as intrigas como no caso da renúncia de Mariano Mendes, do Flamengo. É preciso que haja compreensão a fim de ganharmos sólida organização. Futebol é conjunto. Então, que os clubes se sintam capazes de formar um conjunto que brilhe do lado da Federação Piauiense de Desportos.²²⁸

Carlos Said, autor do texto citado acima, assinava a coluna “em 44 linhas” no Jornal O Dia, já situada anteriormente, aqui nesse capítulo, ele imprime em sua crônica um engajamento político. Said reflete sobre o dinamismo do futebol da capital com a utilização de metáforas e ironia, dando aos seus textos um caráter de provocação. Nesse sentido, suas séries são marcadas por denúncias e engajamento. Do lado esquerdo da página de esportes do Jornal O Dia, havia uma crônica sem interpretações ingênuas e que provocava de uma forma mais direta, sem um aporte humorístico, que Deusdeth Nunes se valia. Sobre as eleições da FPD, o Garricha, escreveu:

QUADRINHAS

Até que enfim realizou-se
a propalada eleição que no duro mesmo
foi só indicação na comemoração de hoje
houve um negócio engraçado todo mundo bebeu
e quem pagou foi o deputado.²²⁹

Os cronistas comentam sobre as eleições da FPD, com críticas ao seu modo, mas que também refletem sobre os problemas sociais que não estão em consonância apenas com o processo eleitoral em si, mas por todo um contexto social. A questão, que fica um tanto quanto velada, é a intervenção direta de agentes públicos na ocupação de cargos ligados ao futebol na capital. Nesse sentido, podemos perceber que os dois cronistas têm a delimitação de um perfil parecido para suas séries, mas com abordagens que destoam pelo “tom” utilizado. Assim, as questões ressaltadas nas crônicas se aproximam por identidade profissional do cronista. Essa identidade é pensada com base na filiação e vínculo com o

²²⁸ O Dia, Teresina, 30 de janeiro 1964, p. 04.

²²⁹ O Dia, Teresina, 30 de janeiro de 1964, p. 04.

jornal e no caso específico da crônica esportiva, que se especificam pela brevidade, despreensão, simplicidade, crítica e diversão.

Outra coluna assinada por Carlos Said é a “Bate Bola” do Jornal do Piauí, já na década de 1970. Tem como diretriz descrever e representar o jogo, enquanto um acontecimento social e competição. Ele descreve os momentos de peleja do jogo e as representações sociais do mesmo. Said busca mostrar o ritmo de crescimento da partida, o juiz, os jogadores em “conflitos de futebol”, que o cronista terminará por criticar as atuações.

Do jogo principal fica a advertência árbitro que prejudica o primeiro time e depois faz compensação para cair no agrado da equipe já prejudicada, é de fato merecedor de severas críticas. Certo que o Tiradentes não necessitava da ajuda do Valdimir Silva nos primeiros 15 minutos de partida. O jogo era fácil para a equipe amarela, que, em um quarto de hora, chutou a bola na trave; perdeu goals incríveis; enfim, dominava abertamente a contenda. O lado esquerdo da retaguarda parnaibana era franco convite para o Tiradentes estraçalhar o adversário. Gilmar não segurava a Neves, que recebia constante apoio do lateral direito Célio Rodrigues. No momento do penalty de Arthur, que o juiz marcou fora da área, estampou-se ainda mais a derrota do Parnaíba. Por mais que Valdimir Silva forçasse a compensação marcando coisas inexistentes contra o Tiradentes, o triunfo do campeão do ano passado estava desenhado (com penalidade máxima ou sem ela). Chegou o goal de ventilador e outras oportunidades desperdiçadas por Sima e Xavier, este último, o mais franco jogador da equipe. Na fase final, o panorama da partida não se alterou. O Parnaíba, ao invés de mexer com os atletas, introduzindo alterações na retaguarda, substituiu erradamente a dois jogadores da ofensiva, facilitando – ainda mais – a tarefa do Tiradentes, que, pela direita da ofensiva, continuava solto. Neves marcou o segundo goal e a teimosia dos parnaibanos em levantar a bola para uma defesa alta (a do antagonista), prejudicou sensivelmente qualquer sentido de reação (a ofensiva parnaibana é formada por jogadores miúdos). O árbitro ainda deixou de marcar um foul – penalty contra o Parnaíba, talvez que doendo à consciência pelas “gaffes” cometidas no primeiro tempo de peleja.²³⁰

A coluna Bate Bola mostra o perfil das colunas esportivas que surgem durante a década de 1970. Os cronistas consideravam importante para descrever uma partida, o horário de jogo, o lugar, a escalação dos jogadores, os árbitros, o comportamento dos torcedores, o grau de expectativa e entrega durante a competição, a ética da competição, os fatores que interferem no calendário esportivo, qual a importância e o lugar da coluna esportiva no interior do jornal.

²³⁰ Jornal O Dia, Teresina, 8 de junho de 1973.

Nesse sentido, a crônica esportiva exercia a função do próprio jogo. Desde o início a ela mobilizou a participação cada vez maior da população dos centros urbanos em relação ao futebol, que foi modificando-se e ampliando-se com o passar do tempo, em Teresina modificam-se o público e os componentes dessas ações ao longo desse período.

A organização do jogo mobilizava elementos da tradição lúdica local e inserção das relações humanas no mundo do trabalho e do mercado capitalista. O fato do sistema de organização dos campeonatos e partidas ser amador ou profissional não diminui a capacidade dessa assertiva. O que muda de um sistema para o outro é a racionalização dos lucros e as relações de poder. Neste ínterim, a imprensa e a crônica foram importantes elementos de organização e concepção do futebol.²³¹

É possível ainda, através dessa coluna, constatar essas relações de poder, dentro dos jogos e com a imprensa. A imprensa noticia os bastidores, desdobramentos, transformações e recursos dos campeonatos. Como exemplo, temos os desdobramentos do campeonato de 1973, a crônica esportiva passa a noticiar os acordos rompidos durante o campeonato estadual daquele ano, acordos que já haviam sido feitos com a Federação Piauiense de Desportos. A vaga para o campeonato Nacional passaria a ser disputada por meio de torneio seletivo, envolvendo os três times de maior destaque no campeonato daquele ano. O Esporte Clube Flamengo, o River Atlético Clube e a Sociedade Esportiva Tiradentes disputaram o torneio.

Não sei mais nem por onde começar a criticar. No instante da vitória do Tiradentes sobre River e Flamengo (torneio Seletivo), com o clube da PM definido para brigar no Nacional /73 houve um acerto entre os maiores do futebol piauiense. O local de encontro: Federação de Desportos. Do conselho arbitral ficou decidido que o campeão do Estadual representaria o futebol piauiense no Certame da CBD, em 1974. Uma “ATA” selou, então, o destino do encontro entre os maiores, referendada pelo presidente da FPD, o coronel Renato de Sousa Lopes. A partir daquele momento, sem saber se terminaria o ano/73 como campeão piauiense de profissionais, o River Atlético Clube poderia ter iniciado à campanha de esclarecimento junto a sua torcida, bem como mantido enérgicos contatos com a CBD, sempre a ratificação do direito adquirido naquele conselho arbitral. O certame terminou em agosto, mais precisamente em 22 de agosto de 1973. Embora emprestados ao Tiradentes dois dos seus melhores jogadores, autênticos campeões do ano, o time tricolor jamais teria que ter descuidado do cumprimento de suas obrigações, bem entendido: descuidado da sua vaga em prol do Brasileirão/73, mais do que nunca assegurada pelo conselho arbitral em face de ter conseguido juridicamente o diploma de campeão piauiense. No campo e nos bastidores da Federação Piauiense de Desportos.²³²

²³¹ MAIA NETO, V. M.. Fortaleza, 2014.

²³² Jornal do Piauí, Teresina, 8 de abril de 1973.

Carlos Said, com alguns elementos encontrados no texto citado, nos permite perceber que a sua crônica transita mais para o lado jornalístico, o cronista analisa os fatos recorrentes, porém com o adicional da liberdade do cronista em transformar a notícia argumenta a favor de uma análise esportiva mais próxima do cotidiano. Ele se apoia no real se compromete de alguma forma, com a realidade de um fato. Os fatos são contados pelo olhar e experiência de quem vê, e seu discurso é elaborado pelo fato em si.

Tentando buscar uma maneira de classificar as estruturas temáticas das crônicas esportivas, tem-se, então, a ideia de que, apesar desse viés jornalístico e compromisso com o real, a crônica de Said também mostra a constituição de relações políticas e congregação entre o cronista e o que o interessa. Há uma supervalorização frente competência do clube, como também na promoção de seu *status*, mas por outra via, que permite refletir sobre a ausência da crítica sem vínculos.

A crônica esportiva na década de 1970 rompe com a ideia defendida por José Lins do Rêgo²³³, “o cronista esportivo possuía, para ele, uma função análoga à do homem público que, em sua atividade política, deve mostrar-se apto a discernir o que é justo e o que é injusto.”²³⁴ Essa especificidade marca o nosso entendimento sobre a crônica esportiva teresinense. As mudanças que ocorreram no interior do jornal em relação que o processo de especialização da crônica de esportes se deu com a conformação de todos estes elementos: simplicidade e clareza; potencial polêmico e relações do cronista esportivo, dos jornais e do poder público. Há uma importância da crônica para a dinâmica do futebol e das atividades esportivas do estado, pois elas interferiram nas sociabilidades da cidade. A questão da construção do estádio Albertão, por exemplo, outra obra da administração de Alberto Silva, que é constantemente citada pelos cronistas da cidade.

O processo de especialização da crônica de esportes se deu com a conformação de todos estes elementos em suas colunas, páginas e suplementos esportivos. Percebe-se como a imprensa se relaciona com o futebol e como os dois se relacionam. A mudança da estrutura da imprensa se deu por conta de uma mudança na forma do jogo, que deixou de ser amador, passou a ter contornos profissionais, assim, há modificação nos procedimentos e na prática discursiva da crônica esportiva.

²³³ CHALOUB; NEVES & PEREIRA: 2005 p. 414

²³⁴ Ibid. p. 418.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se destinou a pensar sobre uma parte do legado do futebol praticado na cidade de Teresina durante a primeira metade da década de 1970. O futebol instrumentalizou as possibilidades de ver a cidade e a lançar alguns olhares sobre a crônica esportiva produzida entre 1971 e 1975. Através do cruzamento das fontes, foi possível fazer algumas inferências tendo o futebol como um veículo de análise das transformações sociais. Partimos da ideia inicial de que, em nível nacional, esses anos foram profundamente marcados por mudanças relacionadas à prática esportiva.

Tratou-se de um período em que as relações entre futebol, política, imprensa e sociedade alcançaram o auge. Através da construção do Estádio Albertão em Teresina, problematizou-se como tais obras materializaram, sob a forma de concreto, a ideologia do governo militar. Para além do concreto, questionou-se como essas alterações chegaram e foram vivenciadas em Teresina, através de fontes que evidenciavam a inserção da população em envolvimento com o esporte.

As fontes mostraram como essas alterações foram submetidas em um processo que se baseia também em padrões de comportamento que, num certo sentido, são cada vez mais expandidos para os vários e diferentes segmentos sociais integrando um novo contexto de inter-relações. A construção de novos espaços para a prática do futebol, bem como, novas formas de torcer e vivenciar, foram, nesse contexto, fundamentais para a construção identitária dessas relações, assim, através aspectos comportamentais e da produção e do consumo do esporte houve a emergência de um conjunto de ações que projetavam o futebol, e ganharam destaque na imprensa, funcionando como agente da percepção sobre as novas formas de sociabilidade.

Nesse sentido, ambientou-se o futebol ao qual estudamos dentro de Teresina, a um esporte sobre o qual incidiram discursos e práticas, as quais evidenciaram a construção de lugares praticados – aos discursos modernizadores que eram impressos nas crônicas esportivas – sobre Teresina, apontando para o conjunto de alterações físicas realizadas durante esse recorte temporal e sua relação com o governo de Alberto Silva. Assim, relação entre o futebol e a crônica esportiva, vai além do contexto histórico e urbano que permeavam as relações entre a imprensa, a cidade e o esporte os primeiros anos da década de 1970 foram

atravessados por questionamentos e práticas que ressignificaram o jogo uso e afeição do/com o espaço urbano.

A imprensa esportiva como o viés analítico que propomos sobre a cidade não esgota as possibilidades de vivências na Teresina desses anos, mas são para esse estudo, um prisma que permite entender os conflitos entre uma cidade que se dizia e queria moderna e o futebol que forjava novas formas de se inserir na cidade. De certo, outros arquétipos analíticos são possíveis para entender a Teresina desses anos, mas o que nos interessa são as representações e práticas que se criaram sobre. Pôr isso é dentro dessas configurações, que podemos visualizar melhor o espaço de interação que práticas como o esporte vieram se inseriram. Isso porque, pelo que nos foi possível constatar, o esporte, com outros novos costumes, permitiu que relações se ampliassem e emoções diversas ganhassem novos espaços de uma maneira mais intensa durante os primeiros anos da década de 1970.

Sobre o processo de concepção do futebol nesse período, entendeu-se como a construção social da prática é necessária para a análise das relações de poder presentes na sociedade e espaços de jogo; outra de criação ideológica, em que se discutiu frente às idealizações e projeções sociais em que o futebol se relacionava e era praticado. Ao analisar os jornais da primeira década de 1970, viu-se como crescente o número de discursos sobre realizações de obras, sobre “o novo”, novas formas de ler o mundo, de se vestir e divertir. Novas práticas culturais montam um cenário com perspectivas modernas em Teresina.

Ao cruzar os perfis biográficos com as crônicas produzidas durante a primeira metade da década de 1970, percebemos o vínculo desses cronistas com os jornais que atuavam e elucidam como muitas representações foram elaboradas pela imprensa escrita e pelo poder público que buscaram guiar a dinâmica do futebol em Teresina. A despeito, os cronistas em estudo também elaboraram imagens sobre o futebol e sobre a dinâmica exercida pelo poder público, estabelecendo embates nas formas de significar e praticar o futebol e os discursos construídos sobre ele. Assim, ao descrever as trajetórias de vida e analisar os perfis profissionais dos dois mais influentes cronistas esportivos de Teresina deu-se o primeiro passo para se pensar as múltiplas bases sobre as quais eles foram elaborando e aprimorando as suas séries, no que entende-se como especialização da crônica esportiva durante a primeira década de 1970.

Com base no exposto e correlacionado às modificações do espaço urbano em nível nacional e local, esta exposição relacionou o processo de modernização do futebol em Teresina com as estratégias de controle do governo estadual na regulamentação das práticas esportivas na cidade. Tentou-se situar as movimentações em torno da prática do futebol,

argumentando que, as práticas de disciplinarização voltadas para o esporte apontaram para a constatação da existência de projeções e organização social pelo governo estadual. E nesse sentido, tem-se a ideia do futebol articulando o conjunto de grandes obras e discursos do período que marcou modificações na urbe teresinense e que tentava integrar o Piauí às demais capitais do Brasil, imprimindo um ar de modernidade à cidade.

A parceria futebol-imprensa na formulação de uma patente oficial do esporte nos primeiros anos da década de 1970 foram consagrados com a correlação entre profissionalização do futebol e especialização das colunas e dos cronistas em esportes, o período do regionalismo no futebol passou por uma reformulação, deram lugar ao duplo processo de associação: da participação de um time piauiense em campeonatos nacionais e início das narrativas dessa profissionalização do esporte por parte da imprensa.

Nesse sentido, buscou -se nas relações – futebol, imprensa e cidade, - entender o conjunto de discursos e práticas que tentavam organizar, dar sentido, e impor o consumo “adequado” ao esporte. A discussão em torno do cotidiano nas crônicas esportivas tentou elencar o conjunto de alterações nas práticas esportivas e no que toca sua relação com o poder público e através da imprensa esportiva, evidenciou-se as tensões e conflitos envoltos na projeção do time do Tiradentes na participação dos campeonatos nacionais de 1973 e 1974 e no processo de modernização da cidade e do futebol. Assim, procurou-se analisar os limites da modernização empreendida pelo governo e sua apropriação na prática do futebol em Teresina.

As especificidades da crônica esportiva produzida em Teresina marcam o entendimento sobre as mudanças que ocorreram no interior do jornal em relação ao processo de especialização da crônica de esportes se deu durante esse período: com a conformação de colunas, páginas e suplementos esportivos. Percebeu-se como a imprensa se relaciona com o futebol e como os dois se relacionam. Além, dos contornos profissionais, assim, que possibilitaram a mudança nos procedimentos e na prática discursiva da crônica esportiva.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi [Org.] *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 131-137
- ANTUNES, Fátima. *Com brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rêgo, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Unesp, 2004.
- ARAÚJO, Johny Santana de (Org.). *História: entre fontes, metodologias e pesquisa*. Teresina: EDUFPI, 2011. p. 41-54.
- BEDIN, Pierri Gabrielli. Olhar a cidade no Brasil, ver a modernidade à brasileira. In: BIBLOS – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação. Vol. 10, 1998. Págs. 159-172.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas (Vols. I, II e III)*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRESCIANNI, Maria Stella Martins; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (Res) Sentimentos*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da UNICAMPI, 2004.
- BRESCIANI, Maria Stella. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 5, setembro de 1984/abril de 1985.
- BAHIANA, Ana Maria. *Almanaque Anos 70*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BEZERRA, José Pereira. *Anos 70: por que essa lâmina nas palavras?* Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. (coleção memória e sociedade).
- BURKE, Peter. A BEDIN, Pierri Gabrielli. Olhar a cidade no Brasil, ver a modernidade à brasileira. In: BIBLOS – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação. Vol. 10, 1998. Págs. 159-172.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2 ed. Tradução de Maria de Lourdes Meneses; revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 65-122.

CHALOUB, Sidney et al. Apresentação. In: CHALOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Sousa; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2005.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002. p. 121-139.

_____. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. São Carlos: Edufscar, 2012.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil: volume 6*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 117-143.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CANEVACCI, Massino. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: EDUSP, 1993.

CAMPARELLI, S. *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1988.

CASTELO BRANCO, Renato. *Tomei um Ita no Norte: memórias*. São Paulo: LR Editores, 1981.

CERTEAU, Michel de. Práticas do espaço. *A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. História de corpos. *Projeto História*, São Paulo, dez. 2012.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. *À beira da falésia: A história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil: volume 6*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 117-143.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo identidade*. 2. edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Fonte Universitária, 1995.

FARO, José Salvador. *Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. São Paulo: Ulbra, AGE, 1999.

FONTENELES, Cláudia Cristina. Reminiscências de um tempo de euforia. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, n° 25, 2014, Fortaleza. *Anais*. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1345.pdf>. Acessado em: 11 ago. 2014.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed Loyola, 2010.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FRANCO, Hilário Júnior. *A dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Dos Engenhos de açúcar aos campos de futebol: a crônica esportiva de José Lins do Rêgo In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. M. (orgs.). *História em cousas miúdas*. Capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Unicamp: 2005

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: UNICAMP, 2005. p. 419-476.

LIMA, Nilsângela Cardoso. Relações de poder e práticas jornalísticas na campanha político-partidária nas emissoras de rádio de Teresina (1948-1962). In: LIMA, Frederico Osanan Amorim;

LUCENA, Ricardo F. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas, SP, 2001. – (coleção educação física e esportes).

LIMA, Nilsângela Cardoso. Invisíveis Asas das Ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962). Teresina, 2007.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MACLUHAN, Marshal; FIORE, Q. *Guerra e paz na aldeia global*. Rio de Janeiro: Record, 1971.

_____. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1971.

MAIA NETO, V. M.. *Futebol, Imprensa e cidade: o processo de especialização da crônica esportiva em Fortaleza (1921-1930)*. Fortaleza, 2014.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. *Anos 70: trajetórias*. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2005.

- NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. IN _____ (org). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, [1984]. Vol 1 La République. pp. VII a XLII.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. As cidades de cada dia! In: MONTE, Regianny Lima (Orgs). *Cidade e Memória*. Teresina: EDUFPI/Imperatriz-MA: Ética, 2009.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2007, vol.27, n.53.
- PARDINI, Melina. *A narrativa da ordem e a voz da multidão: o futebol na imprensa durante o Estado Novo (1937-1945)*. Dissertação. São Paulo: USP, 2009.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Vol. 27, nº 53, junho de 2007.
- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, vol. 2, nº 3.p.3-15.
- REIS, Daniel Aarão. *Ditadura Militar, esquerdas e sociedade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROLNIK, Raquel. *O que é cidade?* 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ROLNIK, Raquel. *História urbana: história na cidade?* In: FERNANDES, Ana & GOMES, Marco Aurélio. *Cidade & História: Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA, 1992.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- SEVCENKO, Nicolau. *Futebol, metrópoles e desatinos*. Revista USP: dossiê Futebol. São Paulo, n. 22, jun.-ago., 1994. p.p. 30-37.
- _____. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- _____. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol; o Brasil moderno de Mário Filho*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

STREAPCO, João & RÚBIO, Kátia. *Hipóteses para a popularização do futebol em São Paulo (1894-1920)*. Rio de Janeiro: Revista Recor

VEYNE, Paul. Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história. Brasília: UNB, 2008. de, vol. 2, nº 1, jun 2009.

THOMPSON, Paul. A memória e o eu. In: THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2012

FONTES

Jornais e revistas

JORNAL DO PIAUÍ, 16/17 de agosto de 1973.

BATE bola. Jornal do Piauí, 14 de abril de 1973.

BATE bola. Jornal do Piauí, 14 de abril de 1973.

ALBERTÃO – a obra do século, 24 de agosto de 1973.

JORNAL DO PIAUÍ, 28 de agosto de 1973.

JORNAL O DIA, 23 de janeiro de 1964.

JORNAL O DIA, 26 de janeiro de 1964.

JORNAL O DIA, 8 de junho de 1973.

JORNAL DO PIAUÍ, 8 de abril de 1973.

JORNAL O DIA, 23 de agosto de 1973.

JORNAL DO PIAUÍ, 20 de junho de 1972.

JORNAL DO PIAUÍ, 6 de janeiro de 1971.

JORNAL O DIA, 9 de julho de 1970.

JORNAL O DIA, 15 de março de 1971.

JORNAL O DIA, 15 de março de 1971.

JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 24 de maio de 1974.

JORNAL O DIA, Teresina, 4 de janeiro de 1969

JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 6 de janeiro de 1971

JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 7 de maio de 1971
JORNAL O DIA, Teresina, 9 de Julho de 1970.
JORNAL DO PIAUÍ, Teresina , 9/10 de abril de 1972.
JORNAL O DIA, Teresina, 17 de março de 1971.
JORNAL O DIA, Teresina, 15 de março de 1971.
JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 20 de agosto de 1971.
JORNAL DO PIAUÍ, 22/23 de agosto de 1971
JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 25 de maio de 1972
JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 26 de abril de 1972
JORNAL O DIA, Teresina, 7 de março de 1972.
JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 9 de março de 1972.
JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 9 de março de 1972
JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 15 de maio de 1973
JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 26 de maio de 1973.
JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 24 de agosto de 1973.
JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 26/27 de agosto de 1973.
JORNAL CORREIO DO POVO, Teresina, 27 de agosto de 1973.
JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 30 de maio de 1973.
JORNAL O DIA, Teresina, 26/27 de agosto de 1973.
JORNAL DO PIAUÍ, 1 de janeiro de 1974.
JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 24 de maio de 1974.

Entrevistas

NUNES, Deudeth dos Santos. *Entrevista concedida a Mayra Izaura de Moura*. Teresina, 10 de março de 2016.

SAID, Carlos. *Entrevista concedida a Mayra Izaura de Moura*. Teresina, 21 de junho de 2016.